



ISPA | Instituto Superior de Psicologia Aplicada

Representação e Relação com o Padrasto na Pré-Adolescência
Feminina

Mafalda Saraiva de Freitas

Nº 8170

Orientador da Dissertação:

Professora Doutora Ângela Vila-Real

Coordenador do Seminário de Dissertação:

Professor Doutor António Pires

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

Mestre em Psicologia

Especialidade em Psicologia Clínica

2009

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Ângela Vila-Real, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº 19673 / 2006 publicado em Diário da Republica 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

AGRADECIMENTOS

São muitos aqueles a quem quero agradecer. Académica e pessoalmente, muitos contribuíram para que este trabalho tivesse um fim. Uma página só não chega para justificar o porquê da importância de cada um. Vou tentar ser sucinta, o que nem sempre é possível quando se trata de agradecer, porque às vezes, até o estranho que passa na rua e sorri, nos faz encarar aquele dia que nos parecia difícil, de uma maneira diferente...

Queria começar por agradecer à Professora Doutora Ângela Vila-Real, por todas as horas que lhe “roubei”, por me responder a todas as dúvidas, mais ou menos inteligentes ou pertinentes, que lhe coloquei, por todo o apoio e disponibilidade demonstrados ao longo deste trajecto...

À Raquel e à Susana, companheiras nesta luta, por todas as horas, todas as dúvidas, todas as angústias e alegrias partilhadas...

A todas as meninas que fizeram parte deste estudo, sem elas nada disto seria possível. Agradeço-lhes a disponibilidade e boa disposição com que enfrentaram as minhas perguntas e o meu gravador...

A todos os professores das escolas, por terem compreendido o quão valiosos os quinze minutos a menos das suas aulas eram para mim...

A todas as auxiliares de acção educativa, a ajuda delas nas escolas foi sem sombra de dúvida mais do que preciosa. Correram comigo atrás de alunos e professores. Porque “às escondidas” me iam dizendo onde podia encontrar a aluna X ou Y, por me fazerem companhia nas intermináveis horas que passei dentro dos seus locais de trabalho...

Aos meus pais, este trabalho também é vosso. Obrigada por toda a paciência, por acreditarem, por serem o meu porto seguro...

À minha família, a melhor família que alguém pode ter...

Aos meus pilares: Gi e Joaninha, a vossa amizade é o mais importante que levo desta vida, vocês são o meu porto de abrigo, onde me refugio nas tempestades...

Ao resto dos meus amigos, a família que tive o prazer de escolher, e por quem com prazer fui acolhida. Foram vocês quem mais ausências suportou: Zé, Nuno, Ilda, Paulinha, Rita, Inês, Tito, Gonçalo, Monteiro, Gui, Sara, Andreia... e muitos mais que gostaria de mencionar, mas isso daria quase para outra dissertação de mestrado...

Por último, e mais importante, este trabalho é para ti Maria. Sei que, aí do alto, sorris e me dizes “finalmente irmã”...

Representação e Relação com o Padrasto na Pré-Adolescência feminina

RESUMO

A presente investigação tem como finalidade estudar a relação com o padrasto na pré-adolescência feminina. Os objectivos do estudo são a descrição e compreensão da forma como as raparigas pré-adolescentes representam o padrasto aos onze e aos treze anos, bem como a evolução dessa relação. Para o estudo foi elaborado um guião de entrevista semi-directiva e realizadas dezoito entrevistas a nove raparigas pré-adolescentes de onze anos e nove raparigas pré-adolescentes de treze anos. As entrevistas foram transcritas e analisadas qualitativamente através de grelhas de análise elaboradas para o efeito. Os resultados encontrados demonstram uma relação positiva com o padrasto nos dois grupos, as meninas mais novas valorizam um padrasto disponível e as mais velhas as características pessoais. O padrasto é maioritariamente representado como um pai nas meninas mais novas e, nas mais velhas a representação divide-se de igual modo entre amigo e pai. Não se verificou que a origem dos conflitos nas meninas mais novas tenha a ver com questões de lealdade com o pai. Nos dois grupos os conflitos estão relacionados com questões de autoridade. O desejo de mudança na relação é mais expresso e marcado aos treze anos. A apresentação do padrasto parece ser um marco importante na vida das pré-adolescentes de ambas as idades. O impacto dessa apresentação é sentido como mais negativo nas meninas mais novas.

Palavras-chave: *Pré-adolescência feminina, Padrasto, Recasamento*

Representation and Relationship with the Stepfather in the Feminine Early Adolescence

ABSTRACT

The purpose of this research is to study the relationship with the stepfather in the feminine early adolescence. The objectives are the description and understanding of how early adolescent girls represent the stepfather at the age of eleven and thirteen, and the evolution of this relationship. For this study a script of interview was constructed and carried through eighteen semi-structured interviews of nine early adolescent girls of eleven and nine early adolescent of thirteen years. The interviews were transcribed and analyzed qualitatively through analysis models developed for this purpose. The results show that stepdaughters have a positive relationship with stepfathers in both groups; the younger girls appreciate a stepfather who is available and the older appreciate personal characteristics. The stepfather is mostly represented as a father in the younger girls. In the older ones, the representation is divided equally between friend and father. There was no source that conflict on young girls has to do with questions of loyalty to his father. In both groups the conflicts are related to issues of authority. The desire for change in the relationship is more explicit and marked at the age of thirteen. The presentation of the stepfather seems to be an important milestone in the life of early adolescents of both ages. The impact of the presentation is perceived as more negative in younger girls.

Keywords: *Feminine Early Adolescence, Stepfather, , Remarriage.*

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
Fundamentação teórica	4
O pré-adolescente na família recomposta	4
A pré-adolescência	6
A puberdade feminina	10
As características psicológicas da pré-adolescente	11
A relação pai - filha	12
A relação enteada - padrasto	13
Formulação do problema	17
Objectivos do estudo	18
Questões de investigação	18
MÉTODO	19
Delineamento	19
Procedimento	19
Participantes	21
Instrumento	23
Guião de Entrevista	24
Justificação do Guião de Entrevista	25
Considerações metodológicas	28
Elaboração da grelha de análise	30
APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	30
Grupo 1 – 11 anos	
Primeira Categoria – O Padrasto	30
Segunda Categoria – Relação com o Padrasto	32
Terceira Categoria – Marcos Importantes	34
Grupo 2 – 13 anos	
Primeira Categoria – O Padrasto	35
Segunda Categoria – Relação com o Padrasto	36

Terceira Categoria – Marcos Importantes	39
DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	40
Primeira Categoria – O Padrasto	40
Segunda Categoria – Relação com o Padrasto	49
Terceira Categoria – Marcos Importantes	58
CONCLUSAO	60
Limitações do Estudo	64
Propostas para futuros trabalhos de investigação	65
REFERÊNCIAS	66

INTRODUÇÃO

Segundo o INE (2009), nas últimas estatísticas demográficas, referentes ao ano de 2008, o número de divórcios em Portugal tem vindo sempre a aumentar, tendo-se verificado no ano passado a segunda maior taxa de divórcios celebrada (apenas se verificaram maiores percentagens no ano 2002, aquando da nova lei do divórcio). O número de casamentos de segunda ordem (ou recasamentos), é já de 23,4% do total de casamentos.

Neste sentido, Lobo e Conceição (2003) referem que, apesar da grande maioria dos casamentos serem primeiras uniões para ambos os cônjuges, o recasamento tem tido cada vez mais visibilidade nas práticas conjugais do nosso país.

Em 1989, Glick (cit. por Fine, Kurdek & Henning, 1992), afirmou que nos Estados Unidos da América, 35% das crianças nascidas no início dos anos 80 iriam viver com um padrasto/madrasta antes dos 18 anos. Segundo o INE (2009), em 27,6% dos casamentos celebrados no ano 2008, existem crianças prévias a essa união, sendo que desses, 18,4% representam filhos não comuns ao casal.

No trabalho sobre o recasamento em Portugal, Lobo e Conceição (2003) afirmam que, apesar de se verificar que os homens recasam em maior número após um divórcio, é nas mulheres que se registam maiores taxas de crescimento (quase 100% de 1981 para 2000). Contudo, segundo Cutsem (2001/2004), mulheres com filhos sentem mais dificuldades em voltar a casar do que mulheres divorciadas sem filhos.

As elevadas taxas de divórcio, monoparentalidade e recasamento têm criado uma geração de adultos e crianças que experimentam regularmente várias transições conjugais e familiares (Bray & Hetherington, 1993). Neste sentido, Cutsem (2001/2004), define família recomposta como toda a família em que pelo menos um dos cônjuges já tenha tido uma relação anterior da qual resultou pelo menos um filho. A estas famílias também tem sido dada a designação de família reconstruída. Contudo, esta designação não nos parece a mais correcta pois, tal como Gameiro (2001) refere a palavra reconstruída põe ênfase na “destruição” da família anterior, sendo que as maiores dificuldades que este tipo de famílias atravessam prendem-se mais com a complexidade das interações e novas formas de relacionamentos e não tanto com as sequelas das rupturas relacionais anteriores. Com o intuito de dar ênfase ao “compor de novo”, optámos neste estudo, por usar a designação “famílias recompostas”.

Olhando para a quantidade de divórcios e de segundos casamentos praticados nos dias de hoje, não é difícil prever que um grande número de crianças e adolescentes vivam em famílias recompostas.

Doyle, Wolchik & Dawson-McClure (2002), referem que há uma necessidade, nas famílias recompostas, de se definirem papéis enquanto os vários membros se adaptam às mudanças resultantes da transição. É comum que este processo se caracterize por problemas de adaptação, que podem surgir ou intensificar-se nos jovens de famílias divorciadas e recompostas (Fine et al., 1992). Evidências sugerem a existência de estereótipos negativos associados ao facto de serem uma família recomposta. Não só os papéis são ambíguos, como a sociedade vê a família recomposta como pior do que as chamadas famílias nucleares (Claxton-Oldfield & Butler, 1998; Ganong & Coleman, 1997, cit. por Doyle et al., 2002). Apesar do crescente número de famílias recompostas, estas famílias são vistas ainda de uma forma pejorativa na nossa sociedade, basta para isso que pensemos acerca da tão típica expressão “uns são filhos, outros enteados”.

Hetherington (1993) refere a pré-adolescência como tendo um especial interesse no estudo das transições familiares, uma vez que nesta fase do desenvolvimento, podem surgir ou intensificar-se problemas de ajustamento das crianças às famílias recompostas ou divorciadas. O autor acrescenta ainda que a adolescência é, talvez, a altura em que há maiores dificuldades de adaptação a um recasamento ou divórcio dos pais. Contudo, apesar de todos os desafios por que pais e crianças têm de passar, esta transição familiar pode oferecer oportunidades de crescimento pessoal bem como relações pessoais e familiares mais harmoniosas e satisfatórias (Bray & Hetherington 1993).

Bray & Harvey (1995), num artigo em que são colocadas questões relacionadas com a intervenção em adolescentes a viver em famílias recompostas, concluíram que estes jovens têm maior probabilidade de desenvolverem problemas comportamentais e emocionais do que os jovens inseridos noutros tipos de famílias.

Quaisquer esperanças que as crianças tenham de que os seus pais biológicos se voltarão a juntar, vão “por água abaixo” a partir do momento em que um dos pais se casa com outra pessoa. No entanto, mesmo anos após a formação desta nova família, algumas crianças ainda desejam que os seus pais se voltem a juntar (Bray & Berger, cit. por Bray & Harvey, 1995). Os adolescentes podem, subitamente, ficar chateados por causa do divórcio ou tratar o

padrasto com raiva e ressentimento, apesar de um bom relacionamento antes do casamento (Bray & Harvey, 1995). Essas mudanças indicam que o divórcio emocional não foi completamente resolvido.

De acordo com Bray & Harvey (1995), as relações dentro de uma família recomposta vão mudando ao longo do tempo e são afectadas por questões inerentes à própria família recomposta, bem como por questões inerentes ao desenvolvimento individual de cada membro. Neste sentido, no caso de uma família recomposta cujas crianças são pequenas, as questões desenvolvimentais são coincidentes, uma vez que tanto a família como a criança caminham no sentido de formar relações próximas e coesas. Quando se trata de adolescentes o processo é oposto: enquanto a família procura a coesão familiar, o adolescente pretende separar-se dela querendo por isso estar mais afastado da unidade familiar.

Diferentes variáveis podem facilitar ou dificultar a adaptação dos filhos ao recasamento. Entre estas variáveis salienta-se, desde logo, o seu desenvolvimento psicológico e a capacidade para lidar com as mudanças e conflitos. Crianças com idades inferiores a cinco anos (antes do período edipiano) e superiores a 18 (final da adolescência) parecem lidar mais facilmente com esta situação (Costa, 1994). Assim, quando a separação dos pais é precoce, as possibilidades de identificação da criança a outras figuras parentais são superiores, pois é como se os suportes de identificação fossem alargados (Cutsem, 2001/2004). Por outro lado, Bray & Harvey (1995) dizem-nos que as crianças cujos pais se divorciam entre os quatro e os seis anos demonstram mais problemas de comportamento ao entrarem na adolescência.

É no âmbito das relações que se estabelecem nas transições familiares associadas à recomposição familiar que o nosso estudo se insere, mais concretamente, na relação entre padrastos e enteadas pré-adolescentes.

Iniciaremos a nossa investigação pela abordagem do pré-adolescente na família recomposta, seguindo depois para a puberdade e pré-adolescência feminina. Já no final da fundamentação teórica, vamos tentar perceber de que forma se processa a relação das raparigas com o padrasto e que implicações essa relação exerce na vida da menina pré-adolescente.

Posto isto, chegamos à parte prática do trabalho, em que analisaremos qualitativamente a relação que as meninas de onze e treze anos desenvolvem com os padrastos. Serão apresentados aspectos metodológicos, os resultados obtidos e sua análise.

Terminaremos com a discussão dos resultados obtidos e a importante conclusão.

Fundamentação Teórica

O Pré-Adolescente e a Família Recompоста

Como os membros das famílias se adaptam a uma serie de reorganizações familiares, depende da altura da transição, das características individuais de cada elemento, de cada mudança inerente a esse processo, dos desafios associados a cada fase da transição, bem como dos recursos familiares e extra-familiares disponíveis para promover a adaptação das novas relações e papéis familiares (Bray & Hetherington, 1993). Assim, o processo dessas transições familiares, como os divórcios e segundas uniões, são um factor acrescido de ansiedade para os adolescentes. As interacções familiares são particularmente importantes na pré-adolescência uma vez que aparecem questões ligadas com a autonomia, identidade, papéis sexuais bem como o facto de o conflito entre os pais e a criança se tornar mais evidente (Vuchinich, Hetherington, Vuchinich & Clingempeel, 1991).

Visher & Visher (1988), postulam que alguns dos factores negativos para as crianças e adolescentes que entram numa família recompоста, passam pelo sofrimento face à perda da família anterior, pela divisão de lealdades entre o progenitor que não detém a custódia e o padrasto/madrasta, ciúmes associados à divisão da atenção por parte do pai/mãe que inicia um novo relacionamento e, ainda, pela fantasia de que um dia os pais se vão voltar a juntar. Neste sentido, Vuchinich et al. (1991) referem que são as raparigas que têm maior dificuldade de adaptação a estas famílias.

O facto de não haver vínculos jurídicos entre a criança e o padrasto acarreta determinadas consequências. O padrasto não pode exercer qualquer autoridade jurídica e não assume a responsabilidade educativa das crianças do primeiro casamento (Bray & Kelly, 1998; Cutsem, 2001/2004). Não deverá, pois, ter uma voz activa na educação das crianças. No entanto, ocupa uma posição privilegiada nesta educação uma vez que está bastante presente, sobretudo quando as crianças vivem essencialmente com ele; pode exercer uma influência considerável sobre as crianças e até, por vezes, assumir a parte mais importante da função

parental. Isto é ainda mais verdadeiro quando um dos pais biológicos desistir ou estiver ausente. No entanto, se a família recomposta estiver unida, a ausência de vínculos jurídicos entre o padrasto e as crianças não terá consequências importantes na criação e evolução da sua relação afectiva (Cutsem, 2001/2004). A autora refere ainda que, até mesmo as crianças mais novas, têm conhecimento da existência ou não de um vínculo jurídico.

À medida que o tempo vai avançando, e dependendo das necessidades de cada um, as designações que as crianças usam para se referirem aos padrastos/madrastas podem mudar. Visher & Visher (1988) referem que o uso de um termo familiar não mede, necessariamente, a proximidade ou a qualidade da relação entre padrasto e criança, sendo que o normal, principalmente em crianças na latência e mais velhas, é usar o nome próprio do padrasto. Por outro lado, algumas crianças vêm-se obrigadas, pelos pais, a referirem-se aos seus cônjuges através de nomes familiares (tais como mãe e pai), o que faz com que a criança pense que, ao tratar o padrasto/madrasta dessa forma, esteja a rejeitar o seu pai/mãe biológicos. Neste sentido, é importante que sejam as crianças a definirem como querem tratar os cônjuges dos pais, de modo a sentirem-se livres para gostar de uma forma gradual (Visher & Visher, 1998).

Existem vários mitos associados às famílias recompostas. Um dos mais frequentes é o do amor instantâneo: todos se devem adorar de um momento para o outro, como se vivessem juntos há muito tempo. Contudo, este amor, se algum dia existir, é fruto de uma longa relação, construída lentamente (Gameiro, 2001). Outros mitos associados às famílias recompostas são o facto de os seus intervenientes, nomeadamente o casal conjugal, pensarem que as famílias recompostas são iguais às famílias biológicas, que a adaptação a esta nova família é rápida, que o afastamento do progenitor que não detém a custódia melhora a relação da criança com o padrasto/madrasta e, ainda, que tudo de negativo que acontece é resultado de se fazer parte de uma família recomposta (Visher & Visher, 1988).

Bray & Kelly (1998) referem que os padrastos e madrastas, numa fase inicial do casamento, devem tentar limitar os seus papéis no que diz respeito à educação das crianças, devem tentar resistir à tentação de ter, inicialmente, um papel activo face a eles, sendo necessário primeiro criar laços afectivos antes de tentar ter um papel parental. Não é aceitável para um jovem ou para uma criança que um estranho, que não foi por ele escolhido, se intrometa na sua vida (Gameiro, 2001).

Assim, nesta fase inicial, o papel parental deve ser desenvolvido através da figura parental biológica. Um padrasto pode ser um precioso auxiliar da mãe sem nunca interferir directamente na relação educativa.

A investigação clínica mostra que é, habitualmente, mais complexa a relação com as raparigas do que com os rapazes, quer com os padrastos, quer com as madrastas. As raparigas parecem ter relações de lealdade mais fortes com os seus pais, tornando mais difícil a tarefa de filiação a novas figuras (Gameiro, 2001). Após o divórcio dos pais, todas as crianças experienciam conflitos de lealdade, podendo estes ser maiores ou menores consoante o tipo de relação que os pais mantêm. Quando um dos pais se volta a casar, esses conflitos podem ser exacerbados com a entrada de um padrasto na família. Devido à falta de maturidade da criança e a sua dependência dos pais, as crianças precisam da ajuda dos pais de modo a reduzirem esses conflitos. É então responsabilidade dos pais desenvolverem uma relação em que a criança não seja “apanhada no meio” das discussões, de modo a que se possa relacionar com cada adulto de uma forma livre e saudável (Visher & Visher, 1998).

Costa (1994), refere que os conflitos entre as crianças e os padrastos/madrastas não são mais do que o deslocamento da hostilidade em relação aos pais biológicos. Os jovens experimentam, em simultâneo, sentimentos negativos e positivos face ao recasamento, o que desencadeia conflitos. Estes não são apenas consequência da dissolução da família biológica e da formação da nova família, mas estão inerentes ao processo de desenvolvimento da criança. Estes sentimentos ambivalentes não são unidireccionais, isto é, o padrasto ou madrastra muitas vezes desloca, para o enteado(a), a sua insegurança e ciúme da relação anterior do seu companheiro(a).

A Pré-Adolescência

A adolescência é uma fase do desenvolvimento humano envolta em múltiplas alterações, tanto ao nível fisiológico como psicológico, cujo seu início é introduzido pela puberdade. Birraux (cit. por Marques, 1991) sugere que a adolescência tem duas expressões diferentes: Uma progressiva, a puberdade, limitada no tempo, e marcada pelas transformações corporais que iniciam o acesso à genitalidade, onde os problemas fundamentais se ordenam à volta do corpo, e onde se recolocam as questões ligadas à identidade subjectiva, à delimitação,

à separação e diferenciação; e uma integrativa, a adolescência propriamente dita, com uma direcção variável (devido às características do sujeito e ao meio em que se insere), onde os problemas essenciais se colocam ao nível do outro, ao nível da possibilidade de perceber e representar o sexo oposto numa lógica de complementaridade de sexos, sem o qual a escolha sexual definitiva não pode ocorrer.

Oliveira (1991), refere que “crescer, entre os 10 e os 14 anos, é escolher não escolher, como a negar um corpo desenvolvido biologicamente e preparado para uma identificação reconhecida, com um aparelho psíquico ainda não preparado para este processo” (p. 209).

Neste sentido, Blos (1962/1998) caracteriza a adolescência como:

Sobretudo pelas mudanças físicas, mudanças que se reflectem em todas as facetas do comportamento. Não só é certo que os adolescentes de ambos os sexos são profundamente afectados pelas mudanças físicas que ocorrem em seus corpos – como também, num plano mais subtil e inconsciente, o processo de pubescência afecta o desenvolvimento de seus interesses, seu comportamento social e a qualidade da vida afectiva (p. 10).

Blos (1967), introduz o conceito de segundo processo de individuação (fazendo uma analogia com o processo de separação/individuação desenvolvido por Mahler), sendo esse processo o estruturador de todo o processo adolescente. Para o autor, os dois períodos têm em comum uma vulnerabilidade acrescida da organização da personalidade e a urgência de mudanças na estrutura psíquica. Desta forma, refere “o que na infância é a ‘ruptura da membrana simbiótica para se tornar uma criança individuada’ (Mahler, 1963), torna-se na adolescência a perda das dependências familiares, o abandono dos laços objectais infantis para se poder tornar num membro da sociedade ou, mais simples, do mundo adulto” (Blos, 1967, p. 163).

Porém, refere Martins (1996), neste período, as transformações do corpo adolescente decorrem sob a consciência atenta de quem o vive, mas sem que possa exercer qualquer controlo sobre esse processo, contrariamente ao que acontece nos primeiros anos de vida.

No que diz respeito às modificações na vida social do adolescente devemos considerar, em simultâneo, a necessidade do jovem procurar novas relações com parceiros de ambos os sexos fora da família e o desejo crescente de independência e emancipação da tutela parental.

A perspectiva psicanalítica e psicodinâmica afirma que a adolescência é caracterizada por processos de separação interna da libido dos primeiros objectos de amor - através do luto das imagos parentais -, de forma a permitir o investimento em novos objectos exteriores à família (Fleming, 1993). Neste sentido, Freud (s.d./1905) refere que, o ressurgimento problemática edipiana, devido às exigências da pulsão sexual em que o objecto familiar incestuoso é investido de libido, implicariam um repúdio defensivo e inconsciente dos pais e, por extensão, dos outros adultos tomados por identificação com as figuras parentais, surgindo assim o espaço de conflituosidade entre a autoridade adulta e o adolescente.

As relações internalizadas e externalizadas com os pais, vão-se modificar à medida que o corpo se transforma e se especifica num sexo. A entrada na puberdade, confronta o adolescente com a ameaça fantasmática incestuosa, não podendo o adolescente conservar a “inocência” das relações que mantinha com os pais (Braconnier & Marcelli, 1999/2000). Os pais tornam-se assim alvos de sedução. Os autores acrescentam ainda que, o facto de o adolescente não suportar o “controlo” dos pais mais não é do que a dificuldade, da parte dos pais, em renunciar ao lado precoce da infância, e da parte do adolescente a necessidade de se desfazer desse laço.

Neste sentido, dão-se alterações ao nível da identidade do adolescente, uma vez que esta fase implica a renúncia dos objectos de amor primários como objectos sexuais, “os objectos libidinais passam do objecto pré-edipiano e edipiano, para o objecto não incestuoso, heterossexual” (Blos, 1962/1998, p. 101). Defender-se da ligação edipiana implica o repúdio inconsciente dos pais, e por essa via, dos outros adultos apanhados no papel de pais substitutos (Fleming, 1993).

Os mecanismos de identificação revelam que o ego ainda não está bem delimitado. Porém, na infância e na pré-adolescência, as identificações têm um papel importante na estruturação da personalidade. Em contrapartida, na adolescência as identificações devem dar lugar à construção de uma identidade integrada, i.e., o adolescente já não quer ser como esta ou aquela personagem mas pretende ser ele próprio, pretende procurar e encontrar-se a si próprio (Martins, 1996).

O adolescente tem de se separar dos pais, mas esta mesma necessidade fá-lo sentir uma outra ameaça: a de se perder. Ele oscila entre o desejo de dependência e independência,

sentindo-se ora desprotegido, ora necessitando de se afirmar como um adulto. Esta separação é, para Blos, a parte mais difícil do processo de separação do adolescente.

A necessidade de regressão e de fazer o luto das imagens parentais, deve-se na adolescência, por um lado à maturação dos órgãos genitais e à intensidade da irrupção instintivo-sexual (*Id*) e, por outro lado, às restrições morais do *Superego* face aos pais sexualizados. As fantasias que até aqui eram aceitáveis das figuras parentais (uma vez que os pais eram dessexualizados pelo *Superego*), surgem agora incestuosas e demasiado próximas dos seus desejos mais inconfessáveis. Desta forma, surge a ansiedade e sentimentos de culpa face a esses desejos, sendo que o medo de retaliação do pai castrador, ultrapassa, por vezes, a capacidade de adaptação do *Ego* (Cordeiro, 1986).

A estrutura psíquica do adolescente revela então *Id* forte, que acompanha os processos fisiológicos da puberdade, e um *Ego* fraco, que tem que desenvolver mecanismos de defesa para não ceder ao aumento das forças instintivas.

É necessário compreender a importância das vivências emocionais com os pares, bem como com outros adultos significativos em todo o período da adolescência. Neste sentido, Dias (1988) considera que o luto dos *selfs* parentais auxiliares, não é sinónimo de um abandono dos laços objectais infantis, o que acontece é que se dá uma transformação das figuras parentais enquanto objectos internos, ao mesmo tempo que a vinculação ao grupo de pares se alarga.

Com a realização possível dos desejos sexuais, a puberdade põe à prova a resolução temporária do complexo de Édipo. Normalmente, este deveria chocar com a interdição do incesto e transformar os investimentos dos objectos parentais em identificação. É suposto estas duas operações, consolidadas no período de latência, provocarem na puberdade novas escolhas de objectos, ao mesmo tempo, à imagem dos pais e diferentes deles: é o investimento infantil tornado tendência da libido que fornece a direcção desta escolha de objecto (Delaroche, 2005/2006, pp. 40-41).

Neste sentido, Matos (2002) refere que, aquilo a que no senso comum se convencionou chamar de “crise da adolescência”, mais não é do que um período evolutivo, é a mudança de objecto de amor: do luto do objecto de amor infantil de modo a encontrar o objecto libidinal da idade adulta. O adolescente tem, então, necessidade de se separar daqueles com quem tem necessidade de se identificar (Delaroche, 2005/2006).

A Puberdade Feminina

Braconnier e Marcelli (1999/2000) postulam que, a transformação do corpo, que corresponde à puberdade, inicia-se, em média, aos onze anos na rapariga (mais tarde nos rapazes), estendendo-se por um período de cerca de dezoito meses a dois anos. É uma fase crucial no que diz respeito a mudanças quer somáticas, quer psicológicas, “durante a qual se operam reestruturações nucleares que vão constituir matrizes da personalidade a consolidar ao longo da adolescência” (Malpique, 2003, p. 27).

Meltzer (cit. por Malpique, 2003), refere-se à puberdade como a fase de maior sofrimento psíquico, caracterizada por estados confusionais de todo o tipo. A crise pubertária é um verdadeiro organizador devido às profundas alterações psicobiológicas que provoca (Kestember, cit. por Malpique, 2003). O mesmo autor considera a menarca com o organizador da feminilidade, uma vez que inicia a integração de um corpo sexuado. Uma vez que sai sangue do interior do corpo, pode colocar a menina perante uma angústia de castração equivalente à que o menino experiencia a partir do período edipiano (Plaut & Hutchinson, cit. por Malpique, 2003).

Esta progressiva integração das transformações que vão ocorrendo no corpo, permitirão, à pré-adolescente, organizar a imagem do seu corpo, bem como distinguir o interno do externo, permitindo separar a fantasia da realidade.

De acordo com Cordeiro (1986) o problema com que o adolescente se depara é saber o que fazer com este novo corpo que se tornou portador de um novo sexo reconhecível. Em primeiro lugar, o adolescente deve reconstruir e modificar, reconhecer e aceitar a sua identidade e a sua nova imagem corporal, para depois poder integrar a nova identidade sexual. A transformação pubertária modifica este conteúdo e estes limites, daí o importante período de flutuação.

Na construção da auto-imagem, as meninas estão mais centradas nas transformações do seu corpo, sinal da sua feminilidade. Essa auto-imagem vai ser o suporte do auto-conceito, e acompanha o processo mais complexo da identidade, tendo uma importância essencial na socialização da púbere (Malpique, 2003).

As Características Psicológicas da Pré-Adolescente

Com o despertar da adolescência, rompem novos desejos, sensações e também o mundo emocional sofre uma transformação. Neste sentido, nesta fase inicial da adolescência, dá-se uma reorganização profunda na vida emocional da pré-adolescente (Blos, 1962/1998).

Schave & Schave (1989), referem que a mudanças que ocorrem na pré-adolescência ao nível do pensamento, quando se dá uma mudança do pensamento das operações concretas para o pensamento formal, são talvez as mais drásticas e dramáticas que o ser humano alguma vez experienciará.

Os mesmos autores explicam que esta mudança no pensamento contribui significativamente para os desequilíbrios – confusão, caos, volatilidade e sensibilidade – que os pré-adolescentes experienciam. A necessidade de suportes externos exigidos pelos pré-adolescentes, resultam da grande dificuldade em processar e integrar as suas próprias experiências, nomeadamente, têm dificuldade em integrar os afectos despertados por situações que sentem como fora do seu controlo (Schave & Schave, 1989). Os pré-adolescentes experimentam um misto de excitação face à expansão rápida do mundo, e medo de se tornarem pequenos ou ate mesmo insignificantes. Esta percepção de insignificância é estimulada à medida que uma enorme quantidade de informação se torna disponível para ser processada de um modo completamente diferente do anterior (Schave & Schave, 1989).

Um dos maiores desafios para os pais no tratamento dos seus filhos pré-adolescentes é o seu secretismo. Não só os adolescentes são capazes de reconhecer que os seus pensamentos são privados, como também são capazes de dizer coisas completamente opostas àquilo que pensam ou sentem. É por isso que muitas vezes, quando se conseguem exprimir, os seus pensamentos são muitas vezes dispersos e difusos (Schave & Schave, 1989).

Martins (1996), explica que a entrada na pré-adolescência provoca nos jovens um sentimento mais crítico face as adultos devido à entrada no pensamento formal. E nesta altura que o pré-adolescente passa a ter capacidade de reflectir sobre si próprio, sobre o seu mundo interno e sobre a sua relação com os adultos. Com a entrada no pensamento formal, emerge nos pré-adolescentes um extremo egocentrismo ao nível do seu comportamento, pensamento e sentimentos. O assumir das suas experiências como uma verdade objectiva, provoca uma

incapacidade de distinguir o que o outro pensa de si daquilo que pensa de si próprio. Com a entrada na adolescência, este tipo de sentimentos vai-se atenuando (Schave & Schave, 1989).

A Relação Pai - Filha

A intimidade com os pais e os pares é a segunda maior tarefa desenvolvimental da adolescência. Atingir a capacidade de formar outros relacionamentos íntimos e conseguir um sentimento de pertença no mundo extra-familiar é crucial para um processo de separação da família com sucesso. O desenvolvimento de relações mútuas e estreitas com os pais, que permitem a identificação com o progenitor do mesmo sexo e afirmação mútua com o progenitor do sexo oposto, está entrelaçada com o processo de individuação (Bray & Harvey 1995).

Nesta fase, e à medida que a menina se reconhece no seu novo corpo e numa identidade agora sexuada, sente necessidade de alterar a relação que até então mantinha com os seus pais e com as respectivas representações internas. A pré-adolescente sente necessidade de se afastar devido à ameaça incestuosa (ligada à excitação pulsional) de forma a tornar-se mais independente a um nível interpessoal e a construir novas e mais realistas representações dos pais (Malpique, 2003).

Rascovsky (2000/2002) refere que para a construção do feminino é necessário que o pai seja reconhecido e desejado como homem pela mãe. O pai é o objecto de desejo da mãe, que não se satisfaz na filha, é um homem desejado e também reconhecido na sua autoridade, na sua palavra intra-familiar. Neste sentido, é também necessário que a pai deseje a mãe.

A descoberta da mãe edipiana será sempre vivenciada como uma traição. A raiva relacionada com o sentir-se excluída da relação da mãe com o pai é mais dirigida para a mãe do que para o pai, uma vez que para a rapariga é sempre a mãe que está a romper com as regras. Quer a mãe quer o pai são descobertos como objectos externos. A criança toma conhecimento dos pais como pessoas independentes que têm uma relação entre eles e da qual ela é excluída. Ao mesmo tempo instala-se o triângulo das relações de objecto em que o pai é tomado como objecto de amor e a mãe como uma rival, ambivalente amada (Flores, 2005). Este último movimento (a tomada da mãe como rival), dificulta a separação da rapariga em relação à mãe uma vez que, ao mesmo tempo que a rivaliza, a menina necessita de manter a

relação com a mãe protectora e nutriente da relação primária (Person, Holtzman & Kulish, cit. por Flores, 2005).

Uma das grandes dificuldades com que se deparam as pré-adolescentes, é quando os seus pais (homens), perante problemas nos seus casamentos, as “usam” como objectos sexuais para compensar a falta de intimidade tanto emocional como sexual com as suas mulheres. Como consequência desta sexualização da relação pai-filha, as meninas podem “desistir” da sua identidade para agradar aos homens que vão surgindo nas suas vidas (Schave & Schave, 1989).

Schave & Schave (1989), referem que as mães que são capazes de compreender o crescimento sexual e da feminilidade das suas filhas, e pais que se sentem confortáveis com o facto de a menina se sentir uma “pequena mulher”, permitem que as suas filhas se sintam como indivíduos separados. Esta interacção entre pais e filhas permite o desenvolvimento do Ego.

Neste sentido, as constantes “lutas” entre as pré-adolescentes e os seus pais, são baseadas na necessidade de individuar, o que se pode tornar extremamente difícil. Há muitas formas de compensar a ambivalência e dor profunda da perda dos pais com objectos do *self*. Uma dessas formas é a vinculação, ou idealização, de outros adultos significativos. Não é por isso difícil perceber que, ao entrarem na pré-adolescência, meninos e meninas tenham uma grande admiração por estrelas da música, do cinema ou do futebol, isto é apenas uma nova procura de identificações fora do seio familiar.

A Relação Enteeda - Padrasto

A conotação da palavra padrasto está imbuída de significações negativas. O Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa é bem ilustrativo disso quando define padrasto como “s.m. Aquele que casa com mulher já com filhos, considerado em relação aos filhos que a mulher teve de casamento anterior. Por ext. Aquele que é pouco carinhoso para com os que deveria considerar como filhos, carnis ou espirituais” (Morais, 1992, p. 152). Todavia, pudemos ainda observar que em dicionários mais recentes, a conotação negativa não existe, contudo, parece-nos importante referi-lo uma vez que ainda existem muitos preconceitos relativamente ao papel do padrasto e às famílias recompostas.

Vuchinich et al. (1991), num estudo longitudinal sobre a adaptação dos pré-adolescentes a famílias recompostas, chegaram à conclusão que as raparigas sentem uma maior dificuldade na interacção com os padrastos do que os rapazes, sendo essas interacções mais de evitamento do que de oposição verbal. Ainda assim, as meninas quando discutem, são mais persistentes que os rapazes. Um factor que ajuda a explicar a relação mais distante entre padrasto-enteada, em oposição à dos rapazes com o padrasto, prende-se com a forma como padrastos e crianças (rapazes e raparigas) definem afecto: para os homens o afecto é físico (abraçar, dar beijos), para as crianças é verbal (elogios e conversas amigáveis) (Bray & Kelly, 1998).

Estudos de Clingempeel, Brand & Ievoli, Clingempeel, Ievoli & Brand e Santrock et al., (cit. por Clingempeel & Segal, 1986) chegaram às mesmas conclusões: as raparigas têm mais dificuldades na relação com os padrastos do que os rapazes. Contudo, estes autores consideram que este facto poderá estar associado à incerteza das raparigas acerca dos papéis sexuais na interacção com o padrasto, bem como com o ressentimento relativamente a ele.

Clingempeel & Segal (1986), num estudo sobre a qualidade da relação entre padrasto/madrasta-criança e a frequência das visitas por parte do progenitor que não vive com as crianças em quatro tipos de famílias (padrasto-rapariga, padrasto-rapaz, madrastra-rapariga e madrastra-rapaz), não obtiveram, na díade que nos interessa (padrasto-rapariga), correlações estatisticamente significativas, contudo, afirmam que, em meninas neste tipo de família, um maior tempo de vivência com o padrasto está associado a percepções menos positivas relativamente à relação com ele, bem como, quanto mais visitas do pai, maior é a quantidade de comportamentos positivos da parte do padrasto relativamente à menina.

Num estudo de Coleman & Ganong (2001), sobre as percepções de jovens adolescentes dos seus padrastos/madrastas, verificou-se que a relação enteada/padrasto é a menos próxima emocionalmente, relativamente às outras díades e que as raparigas têm reacções mais extremas direccionadas aos padrastos do que os rapazes. 44% das raparigas deste estudo afirmam não serem próximas dos padrastos bem como 51% sentem que não recebem atenção dos padrastos.

Uma das justificações possíveis para estas descobertas na relação das raparigas com os padrastos é o facto de, regra geral, as meninas tenderem a desenvolver relações mais próximas com as mães após um divórcio (Hetherington, 1989). Quando as mães casam, tanto os rapazes

como as raparigas podem inicialmente responder negativamente à entrada do padrasto na família. No entanto, esta resposta é geralmente mais prolongada e intensa nas raparigas.

A relação das crianças com a família vai modificar-se na presença de um novo elemento: elas podem tentar rejeitar qualquer função parental que o novo parceiro queira assumir ou podem tentar excluí-lo para manter intacta a relação que conheciam com os seus pais (Cutsem, 2001/2004). Devido às inúmeras perdas sentidas em todas as transições, é possível que pais e filhos tenham ainda mais perdas. Assim, é também frequente as crianças deslocarem a agressividade, dirigida aos pais, para os padrastos/madrastas, numa tentativa de preservarem a relação que têm com os seus pais biológicos. Outras vezes, suprimem as suas emoções e acções num esforço de serem “boas crianças” de modo a continuarem a ser desejadas pelos pais.

O padrasto é visto pelas crianças, primeiro como companheiro da mãe, e depois, por vezes, como uma figura parental. Este parceiro será muitas vezes visto como aquele que permite à mãe viver melhor. Ela poderá apoiar-se nele para determinadas tarefas, a situação financeira da família provavelmente melhorará, a mãe reencontrará uma feminilidade e um desejo de sedução que se notará na vida familiar. (Cutsem, 2001/2004).

A crescente autonomia dos pré-adolescentes é limitada por intervenções reais ou percebidas pelo padrasto. Além disso, a preocupação com, e sensibilidade para com a sexualidade que se intensifica no início da pré-adolescência pode fazer com que essas crianças, especialmente as meninas, se sintam incomodadas pela presença de um homem adulto que não tem laços biológicos com ela (Hetherington, 1989). Deste modo, padrastos e enteadas podem ficar apreensivos no que diz respeito à expressão de afecto na sua relação (Vuchinich et al., 1991).

O estilo parental mais comum nos padrastos parece ser de desprendimento, em que o padrasto faz algumas tentativas para intervir, monitorizar ou modelar o comportamento da criança. Os padrastos, nos primeiros anos de casamento, foram descritos como “estranhos educados” que são agradáveis e relutantes em expressar desaprovação ou fazer tentativas de controlo (Hetherington, 1989). Isto contrasta com os pais em famílias intactas, que são mais propensos a envolverem-se e serem críticos relativamente ao comportamento dos filhos (Vuchinich et al., 1991). Todavia, monitorizar as actividades das crianças poderá ser uma boa forma do padrasto começar a ter um papel parental (Bray & Kelly, 1998).

Uma questão fundamental na relação entre padrastos e enteadas, prende-se com questões em torno da sexualidade. Neste sentido, os novos parceiros reintroduzem uma dimensão conjugal no seio da família: a intimidade relacional, a sexualidade, as fronteiras entre adultos e crianças. Todos estes elementos permitem às crianças viver uma célula familiar onde a sexualidade dos adultos está presente de uma forma mais explícita. (Cutsem, 2001/2004).

O tabu do incesto e a falta de definição no papel do padrasto, torna difícil para os padrastos expressar afecto para com os enteados. Padrastos e enteadas são particularmente sensíveis a esta questão uma vez que o desenvolvimento da sexualidade na menina torna a entrada do padrasto na família mais ameaçadora e agrava a dificuldade que ela tem em se sentir confortável na sua presença. Desta forma, as meninas não sentem que podem testar os limites em torno das questões de sexualidade (Bray & Harvey, 1995). Quando as meninas começam a tornar-se sexualmente mais maduras (com a entrada na puberdade), os padrastos tendem a afastar-se, uma vez que sentem receio que, tanto as mães, como as meninas, entendam as suas demonstrações de carinho como algo mais (Bray & Kelly, 1998). Assim, o medo de alguns padrastos de serem acusados de abusar sexualmente dos seus enteados, faz com que as demonstrações de carinho físico nem sequer sejam tentadas (Bray & Harvey, 1995).

Já sabemos que, com a puberdade, ressurgem questões ligadas com a problemática edipiana. Neste sentido, Brenner (2001) refere que para a rapariga, reviver este período pela segunda vez (uma com o pai biológico, outra com o padrasto) aumenta a probabilidade de haver dificuldades em aceitar o padrasto. A necessidade da rapariga de afastar o padrasto num primeiro momento, decorre não só da necessidade de preservar a imagem idealizada do pai “perdido”, mas de outras duas coisas: a primeira é o ressentimento que a menina sente face ao padrasto por este vir ocupar o lugar do pai e também o lugar que é dela na relação com a mãe, relação essa que se tornou ainda mais próxima durante o tempo em que viveram sozinhas. A segunda é o conflito edipiano para o qual a menina tende a ser “empurrada” face à entrada do padrasto na família, que acaba por preencher a falta que sente do pai, mas com quem não tem os laços de sangue que normalmente ajudam a proteger contra as forças libidinais edipianas entre a menina e o pai (Silverman, 2001).

O reconhecimento da função de padrasto requer provavelmente uma revisão completa dos conceitos de maternidade, paternidade e das bases fundamentais de uma relação a três. (Cutsem, 2001/2004).

Formulação do Problema

A pré-adolescência é de extrema importância no desenvolvimento do ser humano, tanto a nível social, como emocional e cognitivo. Neste sentido, parece-nos correcto afirmar que, no que concerne às relações familiares também ele é indiscutível, uma vez que se dá uma mudança relacional.

Apesar da importância crescente dada pelos investigadores a esta fase do desenvolvimento, existe ainda muito para explorar, sendo que a maioria dos estudos se centra essencialmente na adolescência propriamente dita, ao invés de estudar a pré-adolescência como uma fase distinta.

No que diz respeito às famílias recompostas, alguns estudos têm sido feitos no sentido de uma melhor compreensão das mesmas. Contudo, muitos centram-se mais no papel da madrasta (uma vez que tem uma conotação negativa mais forte que a do padrasto, muito por conta das histórias infantis), outros centram-se nas alterações vividas pelo casal, dando pouca evidência às relações entre padrastos/madrastas e crianças.

Relativamente às mudanças que se operam neste período, mais propriamente nas relações familiares, são vários os autores que afirmam serem de extrema importância para a compreensão da pré-adolescência (Blos, 1962/1998; Malpique, 2003; Schave & Schave, 1989, entre muitos outros já mencionados).

Cordeiro (1988), como já vimos, refere que as identificações que se fazem nesta fase inicial da adolescência são de grande importância uma vez que as identificações edípicas revelam-se incapazes de desempenhar o seu papel no contexto da genitalidade, sendo a pré-adolescente como que obrigada a procurar objectos externos à família.

Com o ressurgimento da problemática edípica, Malpique (2003), refere que a pré-adolescente vai ressexualizar os objectos parentais e despertar fantasias incestuosas,

erotizando a relação com o pai, o que a obriga a um distanciamento. Neste sentido, face à entrada na família de um padrasto que não tem laços de sangue com a pré-adolescente, a menina vai ter mais dificuldades em aceitar o padrasto, uma vez que são esses mesmos laços de sangue que a ajudam a proteger-se contra as forças libidinais edipianas (Silverman, 2001).

Posto isto, ainda existe muito a aprofundar no que diz respeito à forma como as pré-adolescentes vivenciam e percebem as relações com outros adultos significativos que não os pais, nomeadamente aqueles que com elas vivem e convivem diariamente.

O problema do nosso estudo remete para a mudança relacional que se dá durante o período da pré-adolescência, incidindo nos onze e treze anos e, mais concretamente, na relação com o padrasto, e de que forma é sentida e vivenciada essa mudança.

Objectivos do Estudo

Os objectivos do presente estudo prendem-se com a compreensão de como é que as raparigas pré-adolescentes, de onze e treze anos, representam o padrasto, a relação com o padrasto e a evolução da relação com o mesmo.

Espera-se que os resultados estejam em conformidade com os objectivos e problemas formulados. Da análise e discussão dos resultados, esperamos obter conclusões reveladoras do modo como as pré-adolescentes representam o padrasto e vivenciam a relação com ele.

Questões de Investigação

Após a formulação do problema e propostos os objectivos, surgiram algumas questões de investigação que pretendemos aprofundar:

Q1 – Como se configuram as diferenças entre as meninas de onze anos e treze anos, relativamente à representação que têm do padrasto bem como as suas funções;

Q2 – A representação das pré-adolescentes relativamente à qualidade e ao tipo de relação menina/padrasto, nos onze e treze anos;

Q3 – Nas meninas de onze anos, a origem dos conflitos com o padrasto relaciona-se com a lealdade ainda com o pai;

Q4 – A origem dos conflitos, nas meninas de treze anos, poderá estar relacionado com questões de autoridade;

Q5 – As meninas de onze anos estão mais preocupadas com a perda do estatuto infantil enquanto as meninas de treze anos manifestam um maior desejo expresso de mudança pois sentem-se mais autónomas

MÉTODO

Delineamento

O nosso estudo é uma investigação qualitativa, tendo como finalidade caracterizar as percepções de meninas pré-adolescentes relativamente à sua relação com o padrasto. Neste sentido, procuramos comparar as diferenças existentes entre um grupo de meninas de onze anos e um grupo de meninas de treze anos. É uma abordagem que pretende perceber a forma como meninas pré-adolescentes sentem, vivenciam e conceptualizam as suas experiências na relação com o padrasto em cada uma das idades e de que forma essas percepções mudam com a evolução do tempo.

Uma vez que as investigações anteriores não se debruçaram especificamente sobre este tema, este estudo é considerado exploratório (Ribeiro, 2007), sendo descritivo e de comparação entre dois grupos. O seu objectivo final é fornecer uma caracterização precisa da representação que meninas pré-adolescentes de onze e treze anos têm da relação com o padrasto.

Procedimento

No nosso estudo foi utilizado um guião de entrevista concebido propositadamente para o tema. Neste sentido, foi necessário fazer um pré-teste para que pudéssemos adequar a entrevista à população alvo, permitindo-nos corrigir possíveis erros que pudéssemos

encontrar, nomeadamente no que diz respeito à formulação das perguntas (perceber se as pré-adolescentes entendem o que pretendemos com cada pergunta, se o discurso estava adequado à idade, se a ordem das perguntas é a mais adequada de forma a evitar possíveis bloqueios por parte das meninas). Desta forma, o pré-teste será aplicado quantas vezes forem necessárias até termos um guião de entrevista adequado ao que pretendemos estudar.

Para a recolha da totalidade da amostra, foi necessário recorrer a quatro escolas da grande Lisboa e vale do Tejo, bem como uma escola da zona centro, em Miranda do Corvo, sendo elas:

- Escola EB 2,3 D. Carlos I, em Sintra;
- Escola EB 2,3 com Secundário da Costa de Caparica;
- Escola Secundária Fernando Lopes Graça, na Parede;
- Escola Secundária de Caneças, em Odivelas;
- Escola EB 2,3 com Secundário José Falcão, em Miranda do Corvo.

Todos os Conselhos Executivos foram contactados sendo-lhes dada uma breve explicação sobre o estudo. Após as devidas autorizações, as escolas facultaram-nos os horários das turmas dos 5º, 6º, 7º, 8º e 9º anos, bem como os seus directores de turma (D.T) de forma a podermos contactar as alunas. Este contacto foi feito sempre durante as aulas de formação cívica, de forma a prejudicar o menos possível as actividades lectivas dos alunos.

Numa primeira fase, foram distribuídas as cartas de consentimento informado (ANEXO A) dirigidas aos encarregados de educação, sendo posteriormente recolhidas. É de salientar o facto de ter sido dada a possibilidade de os pais deixarem um contacto telefónico no caso de pretenderem mais informações acerca do estudo. Sempre que se verificou esta situação, os pais foram contactados. Posto isto, foi pedido às alunas, cujas cartas de consentimento informado viessem devidamente autorizadas, para preencherem um breve questionário (ANEXO B) de forma a podermos determinar quais as meninas pré-adolescentes que preenchiem os requisitos impostos pelo estudo.

Para que pudéssemos realizar as entrevistas da melhor forma possível, sob um ambiente o mais agradável e silencioso possível, foi solicitado aos Conselhos Executivos que nos facultassem uma sala ou espaço.

Selecionadas as meninas foi-nos então possível entrevistar doze pré-adolescentes de onze anos e onze pré-adolescentes de treze anos, mediante autorização das mesmas. Foram retiradas da amostra cinco meninas, quatro das quais por não preencherem os critérios requeridos pelo estudo e uma por não ter sido possível concluir a entrevista uma vez que a menina começou a chorar.

As entrevistas foram feitas apenas numa vez, que demorou entre 15 a 20 minutos, sendo inicialmente dada uma breve explicação do que pretendíamos, garantindo a confidencialidade das respostas e identidade das pré-adolescentes. Tivemos o cuidado de fazer com que o ambiente em que decorreram as entrevistas, fosse o mais silencioso e agradável possível, sem interrupções, de forma a favorecer a descontração das entrevistadas. O tom da conversa, dado se tratar de pré-adolescentes, foi informal, dando espaço para qualquer dúvida que pudesse surgir.

Uma vez que pretendíamos que a entrevista fosse gravada em áudio, foi necessário obter permissão das entrevistadas para tal, reforçando que o material recolhido apenas será utilizado neste estudo, sendo uma vez mais garantida a confidencialidade das respostas.

Posteriormente, as entrevistas foram transcritas, sendo os nomes verdadeiros das alunas substituídos por códigos (de A a I no Grupo 1 e de 1 a 9 no Grupo 2). A linguagem original foi mantida, bem como as pausas, indecisões e repetições.

Participantes

A amostra é constituída por dois grupos do sexo feminino, sendo um grupo composto por nove meninas de onze anos e o outro por nove meninas de treze anos. Com efeito, as pré-adolescentes têm de ter padrasto, sendo que este tem de viver com a mãe das meninas há mais de um ano ao mesmo tempo que os pais das pré-adolescentes terão de se ter separado antes dos cinco anos de idade. Ambos os progenitores das pré-adolescentes têm de estar vivos e todas as meninas têm de residir com a mãe.

Amostra Selecionada:

- 9 Sujeitos do sexo feminino de 11 anos (Grupo 1 – suj. A, B, C, D, E, F, G, H, I)
- 9 Sujeitos do sexo feminino de 13 anos (Grupo 2 – suj. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9)

Caracterização do Grupo 1

Residência.

- Todos os sujeitos residem com a mãe e com o padrasto. Um desses sujeitos reside também com os filhos do padrasto e outro sujeito vive também com os avós.

Fratrã.

- Um sujeito não tem irmãos;
- Três sujeitos têm irmãos do mesmo pai e da mesma mãe;
- Cinco sujeitos têm irmãos da mãe e do padrasto;
- Dois sujeitos têm irmãos do pai com a madrasta;
- Um sujeito refere filhos do padrasto.

Idade que tinham quando os pais se separaram.

- Menos de três anos – três sujeitos;
- Entre os três e os 5 anos, inclusive – seis sujeitos.

Idade que tinham quando a mãe se juntou com o padrasto.

- Entre os cinco e os seis anos – um sujeito;
- Entre os sete e os nove anos – seis sujeitos;
- Entre os nove e os dez anos – dois sujeitos.

Caracterização do Grupo 2:

Residência.

- Todos os sujeitos residem com a mãe e com o padrasto, um sujeito reside com o filho do padrasto e um sujeito vive com a tia e os primos.

Fratrã.

- Três sujeitos não têm irmãos;
- Quatro sujeitos têm irmãos da mesma mãe e do mesmo pai;
- Dois sujeitos têm irmãos da mãe com o padrasto;

Idade que tinham quando os pais se separaram.

- Menos de três anos – dois sujeitos;
- Entre os três e os 5 anos, inclusive – sete sujeitos.

Idade que tinham quando a mãe se juntou com o padrasto.

- Entre os cinco e os seis anos – nenhum sujeito;
- Entre os sete e os nove anos – quatro sujeitos;
- Entre os nove e os onze anos – cinco sujeitos.

Instrumento

A entrevista é uma técnica que permite o acesso às representações mais pessoais dos sujeitos, à sua história, aos seus conflitos, às suas representações bem como às suas crenças (Bénony & Chahraoui, 1999/2002).

No presente estudo, o instrumento utilizado foi uma entrevista elaborada propositadamente para o tema (ANEXO C), cujo guião possui perguntas abertas e fechadas, dando a possibilidade de o entrevistado se alongar sobre o tema, se assim o entender, de forma a permitir dar conta da dinâmica dos processos psíquicos. A este tipo de entrevista, damos o nome de entrevista semi-directiva (Pedielli & Rouan, 2003/2005).

O entrevistador dispõe, então, de um guião de questões previamente preparadas, que irá servir como eixo orientador no desenrolar da entrevista (Chahraoui & Bénony, 1999/2002). A principal função do guião de entrevista é auxiliar o entrevistador na condução da entrevista rumo ao objectivo pretendido (Leal, 2008).

Na construção do guião, tentámos não elaborar perguntas ambíguas, absurdas ou tendenciosas, tendo sempre em conta um fio condutor, de forma a fazer sentido lógico para o entrevistado. É ainda de referir que tentámos da melhor forma, construir um guião cuja linguagem esteja de acordo com a faixa etária a que se destina (pré-adolescência).

Posto isto, torna-se importante não só referir o guião de entrevista, como também proceder à sua explicação:

Guião de Entrevista

Dados informativos iniciais

- 1 - *“Que idade tens?”*
- 2 - *“Lá em casa, vives com quem?”*
- 3 - *“Que idades têm eles (mãe e padrasto)?”*
- 4 - *“Tens irmãos? Com que idade?”*
- 5 - *“Então os teus pais estão separados, tu lembras-te que idade tinhas quando eles se separaram?”*
- 6 - *“E quantos anos tinhas quando a tua mãe se juntou novamente, tens ideia?”*

Entrevista

- 7 - *“Então, tens um “padrasto”, como é que tu o chamas?”*
- 8 - *“E quando falas dele para outras pessoas, para os teus amigos como é que tu te referes?”*
- 9 - *“Costumas passar muito tempo com a tua mãe e o teu “padrasto”?”*
- 10 - *“Então e o tempo que passam juntos como é que costuma correr?”*
- 11 - *“Sabes, eu não conheço o teu “padrasto”, por isso gostava que me disseses como ele é?”*
- 11.1 - *“Assim como pessoa?”*
- 12 - *“Ainda te lembras como o conhecestes, mesmo da primeira vez?”*
- 13 - *“E o que é que achaste, lembras-te?”*
- 14 - *“Como era a tua vida antes de conheceres o teu “padrasto”?”*
- 15 - *“O que é que achas que mudou na tua vida depois de o teres conhecido?”*
- 16 - *“Há-de ter sido um pouco complicado para ti na altura, ainda te lembras como foi?”*
- 17 - *“Tiveste um pouco de ciúmes, lembras-te como te sentiste?”*
- 18 - *“Então e agora, como é a tua relação com ele?”*
- 19 - *“E desde que o conhecestes até agora achas que mudou alguma coisa na vossa relação?”*
- 19.1 - *“Mudou como? Porquê? O que aconteceu?”*
- 20 - *“Já alguma vez tiveram assim uma zanga os dois? Lembras-te como foi?”*
- 21 - *“Como é que isso se resolveu?”*
- 22 - *“Gostavas de mudar alguma coisa na vossa relação?”*
- 23 - *“Tu sentes que ele gosta de ti?”*

- 23.1- *”Sentes que ele se preocupa contigo, com as tuas coisas?”*
- 24- *“E tu gostas dele?”*
- 24.1- *“O que mais gostas nele?”*
- 25- *“Costumam conversar?”*
- 25.1- *“Sobre o quê?”*
- 26- *“Se tivesses assim algum problema a quem é que tu contavas?”*
- 27- *“E há alguma coisa/assunto que tu não fales mesmo com o teu “padrasto?”*
- 27.1- *“Porquê? Consegues explicar?”*
- 28- *“Há assim alguma coisa nele que te irrite/incomode muito? Qualquer coisa que tu não gostes ou gostes menos?”*
- 29- *“Então e como costumavas lidar com isso?”*
- 30- *“Como é que funcionam as coisas lá em casa, assim as regras, os horários quem é que toma conta disso?”*
- 31- *“E tu o que achas dessas regras, concordas? Costumas cumpri-las?”*
- 31.1- *“Se não, porquê?”*
- 31.2- *“Se não cumpre, o que acontece?”*
- 32- *“Lembras-te assim de alguma história, um episódio que se tenha passado contigo e com o teu “padrasto” que aches importante?”*
- Estamos quase a terminar...*
- 33- *“O que é que ele significa para ti, como é que tu o vês?”*
- 34- *“O que é que tu achas da palavra “padrasto?”*

Justificação do Guião de Entrevista

A apresentação e os dados informativos iniciais (pergunta um a seis) têm como finalidade o estabelecimento da relação com a entrevistada, pretendendo-se aceder à constituição do meio familiar e à própria jovem em si, antes de entrar numa temática que possa remeter para lembranças de conflitos, para que a entrevista não seja sentida como persecutória ou angustiante. É uma forma de levantamento da temática sem desenvolver representações fortes sobre esta experiência de vida.

Perguntas 7 e 8 – Estas questões remetem para a identificação verbal e para a forma de à partida aceder ao tipo de relação e representação do padrasto, tanto na sua presença como na sua ausência.

Perguntas 9 e 10 – O objectivo é perceber se há proximidade, e se esta é ou não agradável à pré-adolescente.

Pergunta 11 – Esta questão remete para a diferenciação (ou não) da pré-adolescente em relação ao padrasto. Pretendendo-se verificar se há um eu mais diferenciado num grupo que noutro através da capacidade de atribuir características específicas ao padrasto (se estas são de cariz mais físico ou psicológico, e se estas características aparecem enquanto padrasto ou pessoa). Pretende ainda verificar qual a principal função que as meninas atribuem ao padrasto.

Pergunta 12 – O objectivo da questão é tentar aceder à assimilação feita pela pré-adolescente da fase de reestruturação familiar, nomeadamente do episódio específico em que consciencializaram a entrada de um novo membro nas suas vidas.

Pergunta 13 – A questão leva a pré-adolescente a identificar a representação/afecto subjacente à fase de integração de um novo membro da família, permitindo aceder às defesas usadas pela criança ao impacto de um novo adulto no seu contexto familiar.

Perguntas 14 e 15 – Estas questões surgem para tentar perceber que mudanças surgiram na vida das meninas após a entrada do padrasto nas suas vidas.

Perguntas 16 e 17 – Estas questões tentam apreender o clima emocional vivenciado pelas pré-adolescentes na altura da entrada do padrasto nas suas vidas.

Pergunta 18 – Esta pergunta tem a finalidade de verificar como as pré-adolescentes percebem e descrevem actualmente a relação com o padrasto.

Pergunta 19 – Esta questão permite perceber a capacidade de percepção de mudança de relação, verificando diferenças em aspectos primordiais relativos à idade em que conheceu essa pessoa, capacidade de comparar o presente ao lembrar-se do passado e aceder a uma atribuição causal para a mudança de relação.

Perguntas 20 e 21 – Esta questão pretende aceder ao tipo de conflitos presentes na relação, e à forma como a pré-adolescente lida com esses mesmos conflitos. Se os resolve sozinha ou se recorre a ajuda exterior.

Pergunta 22 – Esta pergunta remete para um plano imaginário, de projecção, de desejo de mudança e ainda para a capacidade de crítica face à relação real.

Perguntas 23 e 24 – O objectivo é perceber se existe ou não certeza afectiva na relação, e se essa percepção afectiva é ou não recíproca.

Pergunta 24.1. – Esta pergunta remete para os aspectos mais idealizados ou valorizados no padrasto.

Pergunta 25 – Com esta questão pretende-se perceber o grau de envolvimento/intimidade na díade padrasto-menina.

Pergunta 26 – A questão remete para a confiança que deposita ou não no padrasto.

Pergunta 27 – O objectivo é perceber se há assuntos proibidos que não revelam ao padrasto e o motivo pelo qual esses assuntos não são revelados.

Pergunta 28 – A pergunta pretende aprofundar alguma ansiedade sentida face a determinada característica do padrasto e requer a capacidade de discriminação e distanciação por parte da pré-adolescente. Remete para uma parte representativa do objecto que seja sentida como angustiante.

Pergunta 29 – O objectivo é perceber qual o funcionamento utilizado pela criança para resolver a ligação com a qualidade angustiante do objecto.

Perguntas 30 e 31 – As questões tentam abordar a dimensão de autoridade parental, nesse contexto de mãe – padrasto – filha, quem impõe os limites, e o que as pré-adolescentes sentem relativamente à autoridade do padrasto.

Pergunta 32 – Esta pergunta remete para o real, para um acontecimento que tenha sido valorizado positiva ou negativamente, permitindo-nos obter um retrato da relação a partir dos aspectos que as meninas destacam.

Pergunta 33 – Esta pergunta tenta aceder ao significado que a pré-adolescente atribui ao padrasto na sua vida.

Pergunta 34 – Esta questão permite aceder à conotação dada à palavra “padrasto” que pensamos estar relacionada não só com a representação social da palavra, mas também poderá fornecer indicadores da relação que a pré-adolescente actualmente estabelece.

Adicionalmente, e apenas nas primeiras entrevistas realizadas, no final, questionámos as pré-adolescentes no sentido de perceber se lhes tinha sido difícil responder às nossas questões e qual aquela em que sentiram mais dificuldades.

Considerações Metodológicas

A investigação empírica tem sido muitas vezes criticada quando utiliza os sujeitos como fonte de informação, uma vez que fica sujeita a inúmeros enviesamentos decorrentes, por um lado, da consciência que os sujeitos têm de que estão a ser observados e, por outro, das próprias subjectividades do entrevistador e entrevistado (Bardin, 1977/2008; Vala, 1986).

Neste sentido, Poirier, Clapier-Valladon & Raybaut (1983/1995) referem que uma análise de conteúdo nunca está acabada, uma vez que se trata de um trabalho subjectivo sobre material humano.

Recorremos à análise de conteúdo como instrumento deste trabalho. Segundo Bardin (1977/2008), a análise de conteúdo “procura conhecer aquilo que esta por trás das palavras sobre as quais se debruça” (p. 45), sendo o seu objectivo a manipulação do conteúdo de mensagens (bem como a sua expressão) de forma a tornar evidentes os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem. Para Vala (1986), a análise de conteúdo tem como finalidade efectuar inferências, com base num contexto teórico, sobre as mensagens cujas características foram inventariadas e sistematizadas.

Vala (1986) faz uma analogia entre a classificação e categorização das coisas do dia-a-dia e a categorização em análise de conteúdo, em que o objectivo de ambas é a atribuição de sentido, a compreensão e, se possível, a explicação daquilo que é, à partida, tido como complexo. Desta forma, a categorização tem como primeiro objectivo fornecer, por condensação, uma representação mais simples dos dados em bruto (Bardin, 1977/2008). Poirier et al. (1983/1995), falam-nos sobre a dificuldade em saber como classificar sem deformar a narrativa, sem deixar fora das grelhas de análise, elementos significantes. Ainda os mesmos autores, referem que “a organização do quadro das categorias começa obrigatoriamente por um período de apalpadelas, de tentativas e erros, de idas e de vindas do texto à análise” (Poirier et al., 1983/1995, p. 114), sendo esta organização elaborada segundo um quadro teórico.

Para Bardin (1977/2008) a categorização mais não é do que uma classificação de elementos que constituem um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia) com os critérios previamente definidos. Segundo a mesma autora, na análise de conteúdo do nosso estudo, o critério de categorização é semântico, no sentido em que as categorias obedecem a uma determinada temática.

Tanto Vala (1986) como Bardin (1977/2008), referem que as categorias de análise de conteúdo devem obedecer aos critérios de exclusividade e exaustividade (que lhes conferem validade interna). No primeiro caso, o investigador deve garantir que todas as unidades de registo podem ser colocadas numa das categorias e, no segundo caso, que uma mesma unidade de registo só possa caber numa única categoria. No que diz respeito à fidelidade, Vala (1986) refere que, qualquer conteúdo é susceptível de interpretações diversas, o que significa que, dois codificadores, ao analisarem o mesmo material, possam chegar a resultados diferentes. Neste sentido, e de forma a aumentar a fiabilidade do nosso sistema de categorização, as nossas entrevistas foram submetidas ao olhar de um investigador externo, sendo que todas as divergências encontradas foram discutidas e rectificadas.

Assim, após a transcrição das entrevistas, procedemos à codificação das mesmas, de forma a “simplificar” o que está implícito no material. À codificação, seguiu-se a categorização, tendo sido algumas dessas categorias definidas *a priori*, outras definidas à medida que se realizavam sucessivas leituras das respostas. O processo de categorização passou por fazer, refazer, e, alterar as vezes necessárias, o quadro de categorias, de modo a encontrar a organização que melhor reflectisse e respeitasse a individualidade e riqueza do discurso de cada sujeito sem, no entanto, deixar de colocar em relevo os aspectos comuns ao discurso dos diversos sujeitos. As categorias foram divididas em subcategorias de dois níveis, de forma a controlar melhor as inferências e pré conceitos que pudessem existir da nossa parte.

Por fim, procurou-se realizar inferências sobre os resultados, de forma a podermos tecer conclusões em conformidade com o objectivo da análise. É através das inferências que se retiram conhecimentos passíveis de serem interpretados, sendo essas inferências, segundo Bardin (1977/2008) “saberes deduzidos dos conteúdos”.

Elaboração da Grelha de Análise

Após ter sido aplicada e transcrita a entrevista, a análise dos materiais empíricos recolhidos foi feita com base em grelhas de categorias, uma vez que se trata de um estudo eminentemente qualitativo. O rigor da análise implicou uma quantificação pelo que os resultados se encontram também em frequências e percentagens. Uma vez que a nossa amostra tem um número reduzido de sujeitos, e que os sujeitos, dada a natureza do período em que se encontram (um período de transição), dão respostas de diferentes dinâmicas a uma mesma pergunta, optámos por uma quantificação através do número de unidades de registo e não por sujeito.

Posto isto, identificámos três grandes categorias, das quais farão parte várias subcategorias tanto de nível 1 como de nível 2. Importa ainda referir que, por vezes, sentimos necessidade de dividir também algumas subcategorias de nível 2 de maneira a ter a uma melhor compreensão do material. A explicação da categorização encontra-se em anexo (ANEXO D).

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Grupo 1 – 11 Anos (Grelha de Análise ANEXO D)

Primeira Categoria – O Padrasto

1ª Subcategoria nível 1: Como o Designam

Relativamente à subcategoria nível 2 *Como o Chamam*, verificámos que 66,7% das meninas de 11 anos diz referir-se ao padrasto pelo nome, 22,2% tratam-no por tio havendo apenas um sujeito (11,1%) que refere tratar o padrasto por pai.

Na segunda subcategoria de nível 2 *Como o Designam aos Outros*, 33,3% das meninas afirmam utilizar a palavra padrasto na ausência do mesmo, e outras 33,3% das respostas inserem-se na subcategoria *Outros*, sendo essas designações “tio” (em duas meninas) e “sorriso estridente” (uma menina). Curioso é verificar que duas meninas (22,2%) se referem ao padrasto como pai quando falam para as outras pessoas, uma vez que apenas uma (suj. I), na subcategoria *Como o Chamam* refere tratá-lo por pai.

No que diz respeito à *conotação da palavra “padrasto”*, 55,6 % das pré-adolescentes tem uma opinião neutra, 33,3 % refere que a palavra tem uma conotação negativa, e apenas uma menina diz que o seu significado é positivo.

2ª Subcategoria nível 1: Como o Descrevem

Verificámos, nesta subcategoria, que em 66,7% dos casos, as pré-adolescentes de 11 anos não descrevem o padrasto fisicamente, sendo que em 33,3% das meninas, a *Descrição Física* está presente.

No que diz respeito à *Descrição Psicológica*, a grande maioria das respostas observadas são descrições positivas (90,9%), sendo de apenas 9,1 as características negativas. Relativamente às descrições positivas, 85% têm a ver com características pessoais do padrasto, 10% com *estar disponível*, e apenas uma unidade de registo (5%) foi verificada na subcategoria *educativa*.

Aos 11 anos, as pré-adolescentes afirmam que *o que gostam mais* nos seus padrastos está relacionado com características pessoais (53,3%), seguindo-se o facto de ele *estar disponível* em 33,3% das respostas e 6,7% das meninas afirma que é *o fazer o desejado*. Um sujeito (6,7%) refere gostar de tudo.

Relativamente ao *que gostam menos*, 66,7% das meninas refere não haver nada que não gostem, 22,2% dizem ser *fazer o não desejado* e apenas uma menina (11,1%) refere características pessoais.

No que diz respeito à forma *como lidam* com aquilo que menos gostam no padrasto (5ª subcategoria nível 2), as percentagens foram iguais em três das quatro subcategorias (33,3%): *amuos/deixa de falar*, *resolve com o padrasto* e *sem estratégia/passividade*. Não se verificou nenhuma resposta a *afastamento/fuga*. É importante salientar que apenas três meninas responderam a esta questão uma vez que as restantes afirmaram não haver nada que desgostassem no padrasto (4ª subcategoria nível 2).

3ª Subcategoria nível 1: Como o Representam

Relativamente a esta subcategoria, podemos verificar pela tabela 1.3., que em 54,5% das respostas dadas pelas pré-adolescentes de 11 anos, a representação é *familiar*, sendo de 45,5% a *representação extra-familiar*.

Para 36,3% das meninas, o padrasto é considerado *pai*, enquanto para 18,2% é um *segundo pai*.

No que diz respeito à representação extra-familiar, 18,2% das meninas dizem ter uma conotação positiva de amigo, outros 18,2% demonstram *ambivalência* e 9,1% referem ser o *namorado da mãe*.

Segunda Categoria – Relação com o Padrasto

1ª Subcategoria nível 1 – Evolução Relacional

Relativamente à 1ª subcategoria nível 2 *Primeira Impressão*, verificámos que quase metade das meninas (45,4%) revelou ter sido *positiva* e a mesma percentagem de meninas refere *não se recordar/ indiferente* (três não se lembram e duas ficaram indiferentes). Apenas uma menina refere que a primeira impressão foi *negativa*. Importa referir que esta última menina dá também uma resposta positiva nesta subcategoria, afirmando que o padrasto “*foi fixe connosco*”.

2ª Subcategoria nível 2 *Mudança na Relação* – para 77,8% das meninas a relação com o padrasto tem sido sempre a mesma ao longo do tempo, afirmando *não* ter havido mudanças. Apenas duas meninas (22,2%) referem que houve uma maior proximidade com o padrasto.

No que diz respeito ao *Desejo de Mudança*, está ausente para a grande maioria das pré-adolescentes de 11 anos (88,9%) enquanto apenas uma menina afirma sentir esse desejo.

2ª Subcategoria nível 1 – Tipo de Relação.

Nesta subcategoria, verificámos que 92,9% das respostas revelam uma relação *Positiva*. Destas pré-adolescentes, 61,5% referem uma relação afectiva, 23,1% uma relação lúdica e apenas 15,4% (duas meninas) referem uma relação *educativa*. Apenas uma menina demonstra uma relação *Negativa*.

Na tabela 2.3. (3ª subcategoria nível 1) **Percepção e Reciprocidade Afectiva**, constatámos que 88,9% das meninas revela uma percepção afectiva positiva, enquanto uma menina refere incerteza.

Quanto à reciprocidade afectiva, verifica-se que todas as meninas respondem positivamente.

Gostávamos de fazer uma referência relativamente aos dados obtidos nestas duas subcategorias nível 2. O sujeito F responde à questão “sentes que ele gosta de ti?” com incerteza, contudo, quando questionada se sente que o padrasto se preocupa com ela e com as coisas dela, a menina responde afirmativamente. Posto isto, considerámos que, face às duas respostas obtidas, e ao facto de a pré-adolescente afirmar que gosta do padrasto, a reciprocidade afectiva era positiva.

4ª Subcategoria nível 1 – Conversas. Com base na tabela 2.4., observámos que 44,4% das pré-adolescentes afirma não conversar como o padrasto.

No que diz respeito à subcategoria nível 2 *o que falam*, 42,9% das meninas refere assuntos da *escola*, 28,5% coisas do *quotidiano* e também 28,5% aspectos relacionados com a *educação*. Sobre *intimidade* não foram observadas respostas.

Relativamente ao que *não falam* (3ª subcategoria nível 2), 44,4% diz não falar sobre assuntos da sua *intimidade*, 22,2% não falam de assuntos da *escola* e uma menina (11,1%) não refere assuntos específicos apenas dizendo “não falo quase nada com ele”. 22,2% das pré-adolescentes (duas meninas) referem *falar de tudo*.

Como se pode constatar nas respostas dadas na subcategoria nível 2 *A Quem Recorrem Em Caso de Algum Problema*, a grande maioria das pré-adolescentes refere falar com outras pessoas que não o padrasto (sendo a pessoa a quem mais recorrem a mãe). Apenas 22,2% das meninas diz que também recorre ao padrasto se tiver algum problema. É importante salientar que para nenhuma das pré-adolescentes o padrasto surge como a única pessoa a quem recorrem.

5ª Subcategoria nível 1 – Actividades Conjuntas. No que concerne a esta subcategoria, podemos observar que para 38,5% das pré-adolescentes, na companhia do padrasto costumam *Brincar/Passar*, 30,8% dos sujeitos não discriminam, em 23,1% dos casos surgem as *tarefas domesticas* e apenas uma menina (7,7%) refere *televisão/computador/estar em casa*.

No que diz respeito à **6ª subcategoria nível 1 – Conflitos**, observámos que 44,4% das pré-adolescentes de 11 anos não recordam qualquer tipo de conflito. Das meninas que recordam conflitos, uma foi considerada excepção. Contudo, essa menina fez parte da contabilização dos conflitos apesar de não configurar na tabela, pois parece-nos importante

não só perceber que tipo de conflitos aparecem nesta idade, como também se as pré-adolescentes se dão ou não conta deles, ainda que os desvalorizem (como é o caso do suj. I que diz “coisinhas de nada, sem importância”). Posto isto, 60% dos conflitos dizem respeito a questões de autoridade, e 20% têm a ver com agressividade (no caso específico desta menina, agressividade por parte de ambos). Gostaríamos ainda de salientar o facto de as percentagens dizerem apenas respeito às meninas que recordam conflitos, daí serem percentagens tão elevadas para tão poucos sujeitos.

Relativamente à 3ª subcategoria nível 2 *Resolução dos Conflitos*, observámos que 40% das pré-adolescentes de 11 anos recorre ao diálogo, outros 40% referem comportamentos de *evitamento/deixa de falar* e apenas uma menina (20%) recorre a ajuda exterior.

Relativamente à 7ª subcategoria nível 1 – Regras

Relativamente à 1ª subcategoria nível 2 *Quem impõe*, verificámos que 75% das meninas refere ser a mãe a impor as regras e 25% das pré-adolescentes de onze anos referem a que é a mãe e o padrasto.

Quanto ao *Tipo de Regras*, observámos que, nas meninas mais novas, a maioria das regras dizem respeito a *tarefas domésticas*, seguido de *horários* tendo duas meninas referido regras consideradas como *Outros* (“Fazer os trabalhos de casa” suj. D, e “brincar”).

No que diz respeito ao *cumprimento das regras*, observámos que a grande maioria das meninas revela concordar com elas (66,7%) e apenas uma menina refere “*não acho nada, tem de ser*” (suj. F), inserida na categoria *às vezes/depende das regras*.

3ª Categoria – Marcos Importantes

1ª Subcategoria nível 1 – Apresentação do Padrasto.

Através da tabela 3.1., podemos afirmar que 77,8% das meninas recorda o dia em que conheceu o padrasto, sendo de 22,2 a percentagem de meninas que não recorda esse acontecimento.

No que diz respeito ao impacto afectivo que a apresentação do padrasto provocou nas pré-adolescentes de 11 anos, em 55,6% dos casos as respostas inserem-se na subcategoria

nível 3 *nega impacto/não lembra*. Para 44,4% das meninas, esse impacto foi negativo. Não existe, neste grupo, nenhum sujeito que afirme que o impacto foi positivo.

Através da tabela 3.2. (**2ª subcategoria nível 1) Mudança Vivencial**, observamos que para 77,8% das pré-adolescentes, a entrada do padrasto nas suas vidas, provocou uma mudança vivencial, em que, dessas mudanças, 71,5% foram mudanças *concretas* e 28,5% dizem respeito a mudanças de ordem *afectiva*. Para 22,2% das meninas as mudanças não foram significativas ao ponto de as referirem quando questionadas nesse sentido.

3ª Subcategoria nível 1 – Histórias

Relativamente a esta ultima subcategoria, 77,8% das meninas afirma não se recordar de nenhum episódio importante vivido com o padrasto. Não obstante, para 22,2% das pré-adolescentes, as histórias de que se lembra revelam um clima positivo

Grupo 2 – 13 Anos (Grelha de Análise ANEXO E)

Primeira Categoria – O Padrasto

1ªSub-Categoria nível 1: Como a Designam

No que diz respeito à Subcategoria nível 2: *Como a Chamam*, 88,9% das raparigas entrevistadas referem tratar o padrasto pelo nome próprio, uma menina refere tratar o padrasto por pai e nenhuma menina diz tratá-lo por tio.

Na subcategoria de nível 2: *Como o designam a outros*, 41,7% das respostas remetem para o uso da palavra padrasto, 33,3% dizem tratar o padrasto pelo nome na sua ausência, e três meninas (25%) referem quando falam com outras pessoas acerca do padrasto dizem pai.

Relativamente à subcategoria nível 2 *Conotação da Palavra “Padrasto”*, a grande maioria das pré-adolescentes de 13 anos (60%) referem que a palavra tem uma conotação positiva, 20% diz ser negativa e também 20% dizem ser neutra.

2ª Subcategoria Nível 1: Como o Descrevem

Relativamente à Subcategoria nível 1: *Como o Descrevem*, verificámos que 66,7% dos sujeitos deste grupo optou por referir em primeiro lugar a *descrição física* do padrasto. Em

relação à *descrição psicológica*, 78,9% das raparigas de treze anos descrevem o padrasto de uma forma positiva, sendo que 86,7% se referem a características pessoais e 13,3% dizem respeito ao *Estar Disponível*, não tendo nós verificado nenhuma unidade de registo referente à função Educativa. 21,1% das respostas das meninas são características Negativas do padrasto.

No que diz respeito à Subcategoria nível 2: *O que gostam mais*, a grande maioria das pré-adolescentes (66,7%) refere as *Características Pessoais*, 20% tem a ver com o facto de o padrasto *Estar Disponível*, enquanto apenas uma menina (6,7%) referiu *fazer o desejado* e outra diz “*não me vem nada à cabeça*”, tendo sido categorizada em *não responde / tudo ou nada*.

Na subcategoria *o que gostam menos* metade das meninas refere que são as *características pessoais*, 40% *Fazer o não desejado*, enquanto apenas uma menina refere gostar de tudo no padrasto.

Como se pode verificar, na subcategoria nível 2 *Como lidam com isso*, o *afastamento/fuga* surge em 50% dos casos, 37,5% das meninas resolve os problemas com o padrasto. Uma pré-adolescente refere “*não ligo*” que integra a categoria *sem estratégia/passividade*, sendo que nenhuma das meninas refere *amuos/deixa de falar*.

3ªSub-Categoria nível 1: Como o Representam

Nesta 3ª Subcategoria nível 1 – *Como o Representam* – podemos verificar através da Tabela 4.3, que não há grandes diferenças entre Representação Familiar e Representação Extra-familiar, sendo as percentagens de 44,4% e 55,6%, respectivamente. Assim, 33,3% das meninas refere que vê o padrasto como *pai*, apenas 11,1% (uma menina), diz referir-se a um *segundo pai*. 33,3% das pré-adolescentes dizem que o padrasto é um *amigo*, 11,1% representa o padrasto como *namorado da mãe* e outros 11,1% revela ter uma representação ambivalente.

Segunda Categoria – Relação com o Padrasto

1ªSub-Categoria nível 1: Evolução Relacional

Podemos verificar que, relativamente à subcategoria nível 2 *primeira impressão*, para 50% das pré-adolescentes esta foi *positiva*, contra 20% das meninas que refere ter sido negativa. 30% dos sujeitos dão respostas categorizadas em *indiferente / não recorda*.

44,4% das jovens entrevistadas referem ter ocorrido *mudança na relação* com o padrasto, tendo todas elas referido que houve uma maior proximidade. 55,6% das pré-adolescentes de 13 anos, referem não sentir que a relação com o padrasto tenha sofrido alterações ao longo do tempo.

Para a grande maioria das pré-adolescentes entrevistadas, o *desejo de mudança* na relação com o padrasto está ausente, enquanto para 40% esse desejo existe. É de referir que, para as três meninas que desejam mudança na relação, os desejos são de ordens bastante diferentes. Ainda que para duas das meninas essas mudanças digam respeito a características do padrasto, cada um dos casos é diferente, porque se para uma +e o facto de querer que o padrasto deixe de beber, para outra o desejo tem a ver com o facto de querer que ele deixe de ser “*um bocado mandão*”.

2ª Subcategoria nível 1: Tipo de Relação

Como se pode observar na tabela 5.2, uma resposta remete para um tipo de relação negativa, contudo, a resposta dada tem a ver com uma característica pessoal que o padrasto tem (beber muito), o que desencadeia discussões no seio familiar. 88,9% do total de respostas reflectem uma relação considerada positiva pelas meninas de treze anos, das quais 80% remetem para uma relação mais afectiva 10% para um tipo de relação mais lúdica e outros 10% (uma unidade de registo) refere ter uma função *educativa*.

3ª Subcategoria nível 1: Percepção e Reciprocidade Afectiva

Podemos constatar que 100% das meninas entrevistadas referem uma percepção afectiva positiva relativamente ao padrasto, sendo a reciprocidade afectiva também considerada positiva.

4ª Subcategoria nível 1: Conversas

Observa-se, na subcategoria nível 2 *ausência de conversas*, que apenas uma menina refere não ser habitual conversar com o padrasto. Das pré-adolescentes que conversam com o padrasto, 33,3% das respostas dizem respeito a assuntos da *escola* e outros 33,3% referem conversar sobre *intimidade*. Verifica-se também que em três subcategorias a percentagem de

meninas foi igual (11,1%, que corresponde a uma unidade de registo), sendo essas categorias o quotidiano, educação e não específica.

Relativamente à subcategoria nível 2 *o que não falam*, 50% das pré-adolescentes dá respostas sobre *intimidade*, 20% referem assuntos sobre a *escola*, e apenas uma menina refere que depende das situações, resposta essa que foi categorizada como *não sabe/não responde*. 20% das meninas referem que falam de tudo com o padrasto.

No que diz respeito à subcategoria nível 2 *a quem recorrem em caso de algum problema*, apenas 22,2% das meninas referem que o padrasto é uma dessas pessoas, enquanto para a grande maioria das meninas, 77,8%, as respostas foram categorizadas em *outros*, sendo vasto o leque de pessoas a quem recorrem, desde o irmão à cunhada e ainda uma menina que refere que tudo ia depender do problema que tivesse.

5ªSub-Categoria nível 1: Actividades conjuntas

Relativamente a *Actividades Conjuntas*, 43,7% das meninas não discrimina o que costuma fazer com o padrasto. Em 25% dos casos, observa-se que as actividades têm a ver com o *passar/brincar*, 18,7% das respostas dizem respeito à subcategoria nível 2 *televisão/computador/estar em casa*. A subcategoria nível 2 que menos respostas obteve foi *tarefas familiares* (12,5%).

6ªSub-Categoria nível 1: Conflitos

Como podemos observar através da tabela 5.6., quatro das nove pré-adolescentes entrevistadas, referem não recordar nenhum conflito com o padrasto. Das cinco meninas que recordam, uma foi considerada como excepção uma vez que não especifica qual a origem do conflito, referindo apenas “daquelas pequeninas”, que nos parece uma desvalorização. Desta forma, por baixo da subcategoria nível 2 *recordam*, achámos importante referir que o número de sujeitos é 5, para facilitar a interpretação do leitor. Posto isto, relativamente às pré-adolescentes que recordam conflitos, 40% têm a ver com questões de *autoridade*, 20% com provocações (no caso específico, uma vez que estes 20% correspondem apenas a uma unidade de registo, as provocações, parece-nos, são da parte da menina para com o padrasto). As restantes respostas (20%) têm a ver com *agressividade*.

Relativamente à *resolução de conflitos* (subcategoria nível 2), observámos que 66,7% das meninas opta pelo *evitamento/deixa de falar*, uma menina (16,7%) recorre ao *diálogo*, e outra pede *ajuda exterior*.

7ª subcategoria nível 1 – Regras

Quem impõe mais as regras nas meninas de treze anos é a *mãe* (55,6%), tendo as outras duas subcategorias (*mãe e padrasto*, e *padrasto*) sido igualmente distribuídas (22,2%).

No que diz respeito à subcategoria nível 2 *Tipo de Regras*, observámos que, nas meninas mais velhas, as regras que sobressaem dizem respeito a *horários*, seguida de *tarefas domésticas*, não se verificando nenhuma unidade de registo em *outras*.

66,7% das pré-adolescentes de 13 anos afirmam nem sempre cumprirem as regras, sendo a percentagem de meninas que referem cumprir de 33,3%.

Terceira Categoria – Marcos Importantes

1ªSub-Categoria nível 1: Apresentação do Padrasto

Podemos observar que a grande maioria das pré-adolescentes de 13 anos recorda o momento da apresentação do padrasto (88,9%), enquanto apenas uma (11,1%) diz não recordar. É de salientar o facto de, no caso de algumas meninas, o padrasto ainda não ser o namorado da mãe quando o conheceram, contudo, considerámos como recorda uma vez que as respostas remeteram exactamente para essa situação.

No que diz respeito ao *impacto afectivo* que teve a apresentação do padrasto para as meninas de treze anos da nossa amostra, observamos que para 55,6% das entrevistadas, as respostas se encontram na subcategoria *não lembra/nega impacto*, sendo que ainda podemos referir que, dessas cinco meninas, apenas uma diz não se recordar, todas as outras referem inexistência de impacto. As restantes respostas estão irremediavelmente distribuídas pelas categorias Positiva e Negativa, com 22,2% para cada uma.

2ª Subcategoria nível 1 – Mudança Vivencial

Relativamente à 2ªSub-Categoria – *Mudança Vivencial*, 66,7% das respostas indicam que houve uma mudança na vida das pré-adolescentes face à entrada do padrasto nas suas

vidas, sendo que, 55,6% dessas mudanças são consideradas concretas, e 44,4% mudanças afectivas. 33,3% das respostas remetem para a inexistência de mudanças.

3ª Subcategoria nível 1: Histórias

Quando questionadas acerca de um episódio ou uma história que tenham vivido com o padrasto, 55,6% das pré-adolescentes diz não recordar, enquanto 44,4% das entrevistadas referem histórias com um conteúdo positivo.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Após a apresentação e análise dos resultados, pretendemos, durante este capítulo, proceder à discussão, o mais detalhadamente possível, dos dados obtidos. Para esse efeito, procederemos à análise de cada categoria, em separado, comparando os resultados no Grupo 1 (pré-adolescentes de 11 anos) e no Grupo 2 (pré-adolescentes de 13 anos).

Desta forma, estarão em destaque as três Categorias principais, bem como as suas subcategorias. Em primeiro lugar destacaremos a categoria **O Padrasto**, seguidamente **A Relação com o Padrasto** e por último **Marcos Importantes**.

Primeira Categoria – O Padrasto

Esta categoria está dividida em três grandes subcategorias nível 1: *Como o Designam*, *Como o Descrevem* e *Como o Representam*.

Como o Designam - 1ª subcategoria nível 1

Como o Chamam...

Relativamente a esta 1ª Subcategoria nível 2, verificou-se que, em ambos os grupos, a maioria das pré-adolescentes trata o padrasto pelo nome próprio (66,7% no grupo 1 e 88,9%

no grupo 2). Pensamos então ser este o padrão normal no tratamento do padrasto, tal como Visher & Visher (1988) referem, em crianças depois da latência.

Um sujeito em cada grupo refere tratar o padrasto por pai, o que denota uma relação de grande proximidade das crianças relativamente ao padrasto e 22,2% das meninas de 11 anos referem ainda tratar o padrasto por tio. Assim, podemos destacar que as meninas mais novas sentem mais necessidade de tentar criar laços afectivos fortes com os padrastos do que as meninas mais velhas.

Neste sentido, pensamos que com a entrada na puberdade, e com o ressurgimento da problemática edipiana, as meninas mais novas sintam necessidade de “colocar” laços de sangue na relação com o padrasto, uma vez que são esses mesmos laços que as protegem contra as forças libidinais edipianas, tal como nos refere Silverman (2001). A designação familiar poderá então ser utilizada no sentido de afastar os desejos incestuosos relativamente ao padrasto.

Como o designam aos outros...

Na subcategoria nível 2 *como o designam aos outros*, 33,3% das respostas do grupo 1 dizem respeito a “padrasto” enquanto no grupo 2 a percentagem sobe para 41,7%.

22,2% das meninas do grupo 1 refere dizer “pai” quando está com outras pessoas, sendo de 25% a percentagem representada no grupo 2.

Relativamente ao grupo 2, gostaríamos de realçar o facto de três meninas se referirem ao padrasto de duas maneiras distintas: uma quando estão com pessoas que conhecem o padrasto, e outra quando estão com alguém que não o conhece. Assim, o suj. 2 e o suj. 6 referem que para as pessoas que conhecem o padrasto elas dizem o nome próprio e para as pessoas que não o conhecem dizem padrasto. O suj. 7 refere “*digo F., e se me perguntarem quem é digo pai, porque pronto, é como se fosse, passo todos os dias com ele*”. Aos 13 anos podemos considerar que as pré-adolescentes se preocupam com aquilo que os outros poderão pensar.

Neste sentido, Schave & Schave (1989) consideram que a entrada no pensamento formal, faz emergir nos pré-adolescentes um extremo egocentrismo ao nível do seu comportamento, pensamento e sentimentos. O assumir das suas experiências como uma verdade objectiva, provoca uma incapacidade de distinguir o que o outro pensa de si daquilo que ele pensa de si próprio. Neste sentido, o facto de as famílias recompostas ainda serem, nos dias de hoje, famílias que são “olhadas de lado”, poderá fazer com que as pré-adolescentes se

sintam inferiores por fazerem parte de uma e, conseqüentemente, pensem que os outros também vão pensar como elas.

No grupo dos 11 anos, a percentagem de meninas que se refere ao padrasto pelo nome é de 11,1%, enquanto no grupo 2 essa percentagem sobe para 33,3%.

No grupo 1, 33,3% das meninas usam ainda outras designações para se referirem ao padrasto, enquanto no grupo 2 não se verifica nenhuma unidade de registo.

Gostaríamos de realçar o facto de uma menina de 11 anos se referir ao padrasto como “*sorriso estridente*” (suj. F). Esta menina é, de entre toda a amostra, aquela que vive com o padrasto há menos tempo (há um ano, a par com o suj. C). Pensamos então que, a recente entrada do padrasto na vida da menina, tenha provocado um sentimento de hostilidade em relação a ele, por mais que ele tente ser simpático. Cutsem (2001/2004), refere que as crianças podem tentar excluir o novo elemento que entra na família, de forma manter intacta a relação que tinham anteriormente com os pais, neste caso específico, com a mãe. Pensamos que isto se torne ainda mais evidente numa altura em a situação edipiana é reactivada, em que a menina, ao mesmo tempo que rivaliza com a mãe, necessita de manter uma relação protectora.

Conotação da Palavra Padrasto...

As diferenças encontradas nesta subcategoria nível 2 são enormes. Para começar, a maioria das meninas de 13 anos (60%) refere que a palavra padrasto tem uma conotação positiva, descendo essa percentagem substancialmente quando observamos as meninas de 11 anos (11,1%). É ainda notório, tanto num grupo como no outro, que a conotação positiva dada à palavra padrasto remete sempre, ou quase sempre, para a pessoa do padrasto (“*adoro, acho muito gira (...) até porque ele é dos bons padrastos*” suj. 2). Pensamos, uma vez mais, que as meninas com 13 anos sejam mais susceptíveis ao que os outros pensam e, dessa forma, ao darem um sentido positivo à palavra padrasto, que por norma tem um sentido pejorativo, estão, de certa forma, a querer mostrar que estão bem na relação com o padrasto

As respostas negativas observadas nas meninas de 11 anos têm a ver com o facto de o padrasto dever ter um papel de pai, como se pode observar na resposta do suj. H “*não sei, eu não gosto muito dessa palavra. Padrasto devia ser não um padrasto mas um pai*”. Nota-se aqui que, a menina acha que o padrasto deveria assumir o lugar do pai. É sabido que a problemática edipiana ressurgue com a entrada na puberdade, e as meninas têm então de fazer o luto das imagos parentais de forma a poderem escolher um novo objecto libidinal fora do contexto familiar.

Outra grande diferença entre os dois grupos diz respeito à conotação neutra, que é de 55,6% no grupo 1 e de 20% no grupo 2. Contudo, o tipo de respostas neutras dadas em cada um dos grupos é diferente. Enquanto no grupo 1 duas meninas se referem à conotação da palavra padrasto pela existência de um divórcio seguido de um casamento, no grupo 2 os laços sanguíneos estão bem evidentes. Neste sentido, percebemos que, efectivamente, existe ainda uma indefinição no papel do padrasto dentro de uma família recomposta.

Relativamente à conotação negativa, as percentagens são de 33,3% e 20% no grupo 1 e 2 respectivamente, sendo a maioria das respostas no sentido de uma palavra má.

Assim, podemos afirmar que, aos 13 anos, as meninas têm mais capacidade de pensar por si, sem recorrerem a auxiliares externos, e por isso definem a palavra padrasto de acordo com o que sentem pelo padrasto. Nas meninas mais novas, as questões sociais associadas à recomposição familiar e aos seus elementos ainda estão muito enraizadas, demonstrando mais dificuldades ao nível do pensamento. Também são mais as meninas que dão uma conotação neutra aos onze anos do que aos treze.

Como o descrevem - 2ª subcategoria nível 1:

No que diz respeito à *descrição física* do padrasto, as percentagens foram exactamente iguais em ambos os grupos estando ausente em 66,7% de meninas e presente em 33,3%, não se diferenciando assim um grupo do outro. No entanto, esperávamos que descrições físicas aparecessem mais nas meninas mais novas devido à dificuldade em descrever o outro psicologicamente como também a sua tendência para se fixarem em aspectos mais perceptivos.

Gostávamos, no entanto, de fazer uma pequena observação relativamente à resposta do sujeito 4, que começa por referir características físicas do padrasto e, quando questionada acerca das características psicológicas a menina ficou bastante apreensiva, tendo nós sentido necessidade de reforçar que a entrevista era confidencial. Só após este reforço a menina descreveu o padrasto, referindo “*ele até é bom padrasto, mas bebe*”. Neste sentido, pensamos que a descrição física mais não foi do que uma estratégia que a menina encontrou para não começar por referir as coisas más do padrasto que lhe causam sofrimento.

No que diz respeito à *descrição psicológica*, a grande maioria das meninas dos dois grupos referem características positivas, ainda que no grupo das meninas de 11 anos seja

superior (90,9% no grupo 1 e 78,9% no grupo 2). Verificamos ainda que a grande maioria das características dadas ao padrasto tem a ver com características pessoais, do padrasto enquanto pessoa, tanto num grupo como no outro.

No grupo das meninas de 11 anos, duas meninas referem estar disponível, tal como no grupo 2, apesar de em termos de percentagens, ela ser menos nas meninas de 11 anos do que nas meninas de 13 anos.

No grupo 1 uma menina refere também como característica positiva questões de educação, não se tendo verificado nenhuma resposta no grupo 2

Foram mais as pré-adolescentes do grupo 2 que referiram aspectos negativos do padrasto do que as pré-adolescentes do grupo 1. No grupo das meninas mais novas, em que duas meninas referiram aspectos negativos, esses aspectos prendem-se com a distância dos padrastos “chega a casa muito tarde” e “é muito agarrado ao computador”, numa dependência por parte das meninas mais novas relativamente às figuras parentais. No grupo das meninas mais velhas, duas respostas dizem respeito ao facto de o padrasto resmungar (ligada à autoridade parental), outra porque o padrasto bebe e outra refere características pessoais.

Nesta categoria houve uma excepção “é solteiro” suj. 3. Podemos então pensar que, a falta de vínculos jurídicos entre a mãe e o padrasto desta menina, pode criar indefinições ao nível dos papéis que cada um adopta no seio familiar, neste sentido, Cutsem (2001/2004), refere que até as crianças mais novas têm conhecimento da existência ou não de um vínculo jurídico. Por outro lado, podemos pensar que, o facto de este padrasto ser “solteiro” pode ser uma ameaça para a menina. Matos (2002), refere que a adolescência é um período evolutivo em que se dá a mudança de objecto de amor: o luto do objecto de amor infantil de modo a encontrar o objecto libidinal da idade adulta. Contudo, enquanto ainda não se dá o luto das imagos parentais, a menina tem de enfrentar a problemática do incesto, o que com alguém fora da sua família se torna mais difícil.

O que gostam mais...

Relativamente ao que gostam mais no padrasto, os dois grupos destacam, na sua maioria, *características pessoais* (e.g. “simpático” suj. C; E; 2; 3; 6;7).

No que diz respeito à subcategoria nível 3 *estar disponível*, 33,3% das respostas das pré-adolescentes do grupo 1 vão nesse sentido. Nas pré-adolescentes do grupo 2 são em menor

número, e representam 20% das respostas. O facto de um maior número de meninas, aos onze anos, referir que o que gosta mais no padrasto é o *estar disponível*, poderá levar-nos a pensar que, com o avançar da idade, há uma necessidade das pré-adolescentes se tornarem mais autónomas, afirmando não necessitarem tanto dos pais como em fases mais precoces.

Relativamente ao *fazer o desejado*, encontramos uma resposta em cada um dos grupos. Contudo, devemos ter em atenção as diferenças qualitativas das unidades de registo. A menina de 11 anos, refere um episódio em que ela queria ir ao pavilhão do conhecimento e o padrasto levou-a. A resposta da menina de 13 anos é qualitativamente diferente “*tenta sempre me satisfazer*”.

Por último, destaca-se uma menina de 11 anos que refere gostar de tudo no padrasto (suj. A). O facto de os pais da menina se terem separado quando ela tinha um ano, demonstra o que já foi referido por Cutsem (2001/2004): quando a separação dos pais é precoce, as possibilidades de identificação da criança a outras figuras parentais são superiores uma vez que os suportes de identificação são alargados. Assim, parece-nos que esta menina, a idealização da figura paterna ainda está muito vincada.

O que gostam menos...

Relativamente a esta subcategoria nível 2, o que nos salta logo à vista é a quantidade de meninas que dizem *gostar de tudo* no grupo 1, contabilizando esta categoria neste grupo 66,7% das respostas, enquanto no grupo das meninas mais velhas apenas uma menina referiu não haver nada que não goste no padrasto (suj. 1). Estes dados demonstram que existe uma maior capacidade de discriminar e atribuir características negativas ao padrasto aos 13 anos comparativamente com os 11 anos.

Também na subcategoria “*características pessoais*” foram encontradas grandes diferenças, sendo de 50% o número de respostas nos 13 anos e de apenas 11,1% nos 11 anos. As características pessoais negativas atribuídas ao padrasto aos 13 anos parecem remeter para a mesma problemática: a da autoridade (ser rezingão, chato e mandão).

Outra diferença encontrada nos dois grupos à pergunta “há assim alguma coisa que não gostes, ou que gostes menos no teu padrasto”, diz respeito ao facto de 40% das meninas do grupo 2 referir que é o *fazer o não desejado* e apenas 22,2% no grupo.

Concluindo, o que podemos observar, com base nas respostas dadas nesta subcategoria é que existe efectivamente uma mudança, do início da pré-adolescência para o final, na forma como as meninas percebem as características negativas do padrasto (mais notório do que nas características positivas).

Parece-nos então que, as meninas de onze anos têm mais dificuldades em discriminar e atribuir características negativas ao outro (padrasto). No estágio de inteligência operatória formal, em que os jovens adolescentes conseguem libertar-se do concreto, raciocinar abstractamente e pensar o possível, sem necessitarem de se apoiar em manipulações como acontecia no estágio anterior, nota-se, no grupo 1, uma menor capacidade de discriminação, bem como uma menor individuação comparativamente ao grupo 2, na medida em que, segundo Blos (1967), a individuação adolescente é o reflexo das mudanças estruturais que acompanham a separação emocional das imagos parentais correspondendo a uma maturação do ego.

Aos 13 anos, as pré-adolescentes começam a dar mais importância à função de autoridade do padrasto. O facto de as meninas não suportarem o “controlo” dos pais, mais não é do que a dificuldade, da parte dos pais, em renunciar ao lado precoce da infância, e da parte das meninas, a necessidade de se desfazer desse laço (Braconnier & Marcelli, 1999/2000). É um passo no caminho da sua autonomização.

O controlo da parte do padrasto, poderá aparecer devido à consciencialização das transformações do corpo da menina, ela está a transformar-se em mulher, o que provoca um sentimento de perigo para a relação devido ao tabu do incesto, mais ainda por não haver laços sanguíneos, o que ainda aumentará mais os receios do padrasto, tornando-se assim mais autoritário, no sentido de afastar a pré-adolescente.

Nesta subcategoria importa ainda falar da excepção encontrada. O sujeito 2, quando questionado sobre o que gosta menos no padrasto responde que não há nada, voltamos a fazer a pergunta “não há mesmo nada”? ao qual ela responde “só a cadela dele é que eu não gosto”. Pusemos assim duas hipóteses: ou a menina adopta o mecanismo de defesa de deslocamento (não gosto do meu padrasto mas não posso dizer, então digo que não gosto da cadela dele) ou por ciúmes da atenção que o padrasto dá à cadela, permitindo-a fazer tudo, nomeadamente invadir o seu espaço (o seu quarto).

Como lidam com isso...

É preciso ter em conta, ao analisar ao pormenor esta subcategoria, que o número de respostas depende das respostas dadas na subcategoria anterior. Desta forma, apenas 3 meninas de 11 anos responderam a esta questão, enquanto no grupo dos 13 anos foram 8 as meninas a responder. Assim, a discussão desta subcategoria, ficará muito aquém daquilo que esperávamos.

Em relação a esta categoria, encontramos logo na primeira subcategoria grandes diferenças. Metade das meninas de 13 anos referem *afastamento/fuga*, enquanto nenhuma menina de 11 anos utiliza essa estratégia. A segunda estratégia mais utilizada pelas pré-adolescentes do grupo 2 é *resolve com o padrasto* seguida da de uma menina que refere “*não ligo*” (suj. 5). No grupo 1 as respostas foram divididas igualmente por estas três últimas subcategorias (33,3% em cada uma).

Podemos então hipostasiar que, o facto de as meninas de 13 anos preferencialmente evitarem o confronto com os padrastos, prende-se com o receio que os padrastos têm que as suas investidas de carinho e afecto sejam mal entendidas, quando a sexualidade da enteada começa a assumir uma expressão mais declarada (Bray & Harvey, 1995), ao aperceberem-se deste afastamento, a menina fica decepcionada, podendo submeter-se, culpabilizar-se ou bloquear iniciativas (Malpique, 2003).

Como o representam - 3ª subcategoria nível 1

Apesar de nesta subcategoria as respostas serem muito semelhantes, elas são contrárias, isto é, encontramos no grupo das meninas mais novas 54,5% de respostas no sentido de uma *representação familiar* e no grupo 2 (meninas mais velhas) a percentagem é de 44,4%. Na *representação extra-familiar* as percentagens, de certa forma, invertem-se, sendo de 45,5% e 55,6% no grupo 1 e 2 respectivamente.

Assim, nos dois grupos verificamos que uma grande percentagem de meninas representa o padrasto como um *pai* (36,3% no grupo 1, e 33,3% no grupo 2). As percentagens descem quando se referem ao padrasto como um *segundo pai* (18,2% no grupo das mais novas e 11,1% no grupo das mais velhas). Se nas pré-adolescentes mais velhas que representam o padrasto como *pai*, as idades de separação dos pais e recasamento da mãe com o padrasto são mais ou menos homogéneas (separação entre os 2 e os 4, e o recasamento aos 7 anos), nas

meninas mais novas existe uma maior variabilidade (separação entre os 1 e os 4 anos, recasamento entre os 6 e os 8).

Gostaríamos de salientar, de entre todas as meninas, o sujeito I. Os pais desta menina separaram-se cedo (3/4 anos), e a mãe voltou a casar-se tinha ela 8 anos (há três anos, portanto). Seria de esperar que esta menina tivesse uma representação do padrasto mais como amigo do que como pai. No entanto, durante o curso da entrevista, a menina refere “*eu sabia que tinha um pai e como só o tinha visto poucas vezes eu percebi logo que eles se iam casar e eu ia ficar com um padrasto*”. Pensamos que, neste caso específico, o que esta menina mostra vai contra aquilo que foi postulado por Hetherington (1989), quando diz que, nos primeiros anos de casamento, os padrastos são descritos como “estranhos educados”, mas vai no sentido do que Cutsem (2001/2004) refere: os padrastos ocupam uma posição privilegiada na educação dos enteados, uma vez que estão bastante presentes, podendo mesmo assumir a parte mais importante de uma função parental.

Voltando à análise dos resultados em geral, e ainda na **representação familiar**, não se verificam grandes diferenças nos resultados da subcategoria “segundo pai” sendo de 18,2% nas mais novas e 11,1% nas mais velhas.

Relativamente à representação **extra familiar**, surgem maiores diferenças no grupo 2, uma grande percentagem de meninas refere o padrasto como “amigo”.

Neste sentido, Visher & Visher (1988) referem que o papel mais indicado que o padrasto deve adoptar numa fase inicial do recasamento é o papel de amigo, em vez de outro pai/mãe, até porque estudos revelam que tentativas prematuras na adopção de um papel mais parental poderão exacerbar conflitos de lealdade (Clingempeel & Segal, 1986).

Relativamente ao padrasto ser representado como *namorado da mãe*, verifica-se em cada grupo uma unidade de registo. Assim, o namorado da mãe remete para uma relação mais distante, pois não está em relação à menina, mas em relação à mãe, permitindo assim o isolamento da relação.

Também na subcategoria “ambivalente” encontramos uma unidade de registo em cada um dos grupos. Aqui gostaríamos de salientar a resposta do sujeito 9 “*eu acho que ele significa muito (...) fez mudar minha mãe e a mim também*”. Observamos aqui uma relação ainda simbiótica com a mãe: o padrasto mudou a mãe, e por conseguinte mudou-a a ela.

Posto isto, reforçamos a ideia de Cutsem (2001/2004), quando refere que cada vez mais o reconhecimento da função de padrasto requer uma revisão completa dos conceitos de maternidade, paternidade e das bases fundamentais de uma relação a três.

Segunda Categoria – Relação com o Padrasto

Evolução relacional – 1ª subcategoria nível 1

Primeira impressão...

A grande diferença nesta subcategoria observa-se na primeira impressão negativa, em que apenas 9,1% das meninas de 11 anos dão respostas nesse sentido, enquanto nas meninas de 13 anos essa percentagem sobe para 20%. Outra diferença encontrada foi na subcategoria nível 3 “indiferente/não recorda”, em que se inserem 45,4% das meninas do grupo e 30% de meninas do grupo 2 (o que poderá remeter para um recalçamento defensivo).

É de notar que as justificações dadas pelas meninas de 13 anos, estão mais relacionadas com os ciúmes “*achei que a minha mãe ia dar mais atenção a ele do que a mim e ao meu irmão*” (suj. 4) e “*achei um bocado estranho (...) foi o primeiro relacionamento serio depois da separação*” (suj. 7). Assim, a menina, depois de passar um período em que estreitou ainda mais os laços afectivos com a sua mãe, vê-se agora a ter de dividir a sua atenção. Hetherington (1989), refere que quando as mães se casam, tanto os rapazes como as raparigas podem inicialmente responder de forma negativa à entrada do novo elemento, sendo geralmente essa resposta mais prolongada nas raparigas do que nos rapazes.

45,4% das pré-adolescentes de 11 anos referem esse episódio como positivo, sendo essa percentagem ligeiramente mais elevada no grupo 2, chegando aos 50%.

Concluimos nesta subcategoria que, na apresentação do padrasto, o primeiro impacto é sentido, de um modo geral, como positivo.

Mudança na relação...

Nesta subcategoria nível 2, constatamos que 77,8% das meninas do grupo 1 não reconhece nenhuma mudança na relação com o padrasto, sendo bem menor esse valor nas

meninas de 13 anos (55,6%). Assim, 22,2% das meninas mais novas reconhece mudanças na relação com o padrasto, ao passo que nas mais velhas verificamos 44,4% de respostas.

Em todos os sujeitos que reconheceram mudanças, elas foram no sentido de uma maior proximidade (“*Tem vindo sempre a melhorar*”, suj. D, e “*a confiança, antes não me dava assim tão bem com ele*” (suj. 2).

Assim, as diferenças evidenciadas entre os grupos, mostram, uma vez mais, uma maior capacidade de percepção da mudança relacional por parte das meninas de treze anos, mostrando estas meninas uma maior capacidade de diferenciar períodos das suas vidas, enquanto nas meninas mais novas se verifica uma maior resistência e angústia relativamente à mudança, refugiando-se assim a menina no seu estatuto ainda infantil. Isto relaciona-se com o ressurgir da problemática edipiana, em que, em virtude das exigências da pulsão sexual em que o objecto familiar incestuoso é investido de libido, implicariam um repúdio defensivo e inconsciente dos pais e, por extensão, dos outros adultos tomados por identificação com as figuras parentais, surgindo assim o espaço de conflituosidade entre a autoridade adulta e o adolescente.

Desejo de Mudança...

O desejo de mudança está presente em apenas uma menina do grupo 1 (11,1%), e em 4 meninas do grupo 2 (44,4%).

A mudança desejada pela pré-adolescente de onze anos, prende-se com o facto de o padrasto ser uma pessoa bastante invasiva do espaço da menina, não lhe dando grandes liberdades para explorar o seu mundo exterior. Mais ainda nesta fase da sua vida, em que o desejo de começar a tornar-se uma pessoa autónoma começa a tornar-se mais evidente.

Das quatro meninas do grupo 2 que referem desejar uma mudança na relação, duas respostas dizem respeito a um desejo de aproximação, outra tem a ver com questões de autoridade e a última é a do padrasto que bebe.

O desejo de aproximação parece estar relacionado com o que já foi dito atrás: a cada vez mais evidente sexualidade da pré-adolescente faz com que o padrasto se afaste, devido ao receio que as suas demonstrações de afecto e carinho sejam mal interpretadas, demonstrando muitas vezes uma relação fria (Bray & Kelly, 1998), no entanto, a menina sente necessidade

de se sentir valorizada e reconhecida na sua diferença sexual, pois isso destaca a sua feminilidade.

Tipo de relação - 2ª subcategoria nível 1

Ambos os grupos referem uma relação *positiva* com o padrasto, tendo apenas uma menina em cada grupo dado uma resposta “negativa”. Também em ambos os grupos, o tipo de relação predominante é a *afectiva*, no entanto a percentagem é superior do grupo dos 13 anos (80% no grupo 2 e 60% no grupo1).

Verificamos que 23,1% das meninas de 11 anos descrevem a sua relação com o padrasto como tendo um carácter *lúdico*, enquanto no outro grupo apenas 10% das respostas vão nesse sentido.

Para 15,4% das meninas do grupo 1 o padrasto exerce também uma função *educativa*, contudo esse número desce nas meninas de 13 anos (10%).

Podemos afirmar que, a maior expressão de um tipo de relação *afectiva* aos 13 anos, bem como uma maior dependência das figuras parentais aos 11 anos (com um grande número de respostas nas subcategorias *educativa* e *lúdica*) demonstram, aos 13 anos, uma maior capacidade em definir a relação e a demonstração de afecto parece não perturbar tanto as meninas mais velhas, bem como aos 11 ainda observamos ainda um fraco desejo de autonomia, que se reflecte em comportamentos mais dependentes nestas meninas mais novas (“*ajuda-me a estudar*” suj. D).

Nota-se ainda, através da resposta negativa do sujeito F (“*mais ou menos*”) uma fraca capacidade de definir ainda a relação nesta menina de onze anos.

Gostaríamos ainda de realçar que o facto de o sujeito 4 ter um padrasto com problemas relacionados com o álcool, poderá ser um factor de grande influência negativa na relação que essa menina mantém com o padrasto, uma vez que, durante toda a entrevista esse tema está presente, e mais ainda quando se fala de questões negativas da relação, tendo esta menina sido a única a descrever também aspectos negativos do padrasto.

No entanto, é de realçar que, para a maioria das pré-adolescentes dos dois grupos, a relação que têm com o padrasto é positiva.

Percepção e Reciprocidade Afectiva - 3ª subcategoria nível 1

No que diz respeito à *percepção afectiva*, ela é de 100% no grupo das meninas de 13 anos e de 88,9% nas meninas de 11 anos, tendo apenas uma das meninas mais novas respondido com incerteza à pergunta “*sentés que ele gosta de ti*”. Contudo, quando questionada se o padrasto se preocupa com ela e com as coisas dela, a resposta é afirmativa, o que demonstra ambivalência ainda nesta idade. Clingempeel & Segal (1986), referem estudos de Clingempeel et al. (1984), em que chegam à conclusão que as raparigas têm mais dificuldades na relação com os padrastos do que os rapazes, sendo que isso pode estar associado à incerteza das meninas acerca dos papéis sexuais na interacção com o padrasto. Ainda assim, esta menina vive com o padrasto há muito pouco tempo (um ano), o que influenciará, relativamente às que vivem com o padrasto há mais tempo, o tipo de relação que ainda mantém com essa figura, tal como Visher & Visher (1998), Hetherington (1986) entre outros afirmam, que nos primeiros anos do recasamento dos pais as relações são menos próximas entre as crianças e o adulto que entra na família.

No que diz respeito à *reciprocidade afectiva*, ela é de 100% em ambos os grupos.

Gostaríamos de referir que considerámos que havia reciprocidade afectiva relativamente ao suj. F (do qual falámos anteriormente) uma vez que à pergunta “*sentés que ele se preocupa contigo e com as tuas coisas*”, a resposta foi positiva.

Conversas - 4ª subcategoria nível 1

44,4% das pré-adolescentes do grupo 1 e apenas 11,1% de pré-adolescentes do grupo 2 referem não ter por hábito conversar com o padrasto. Esta diferença pode ter a ver com o facto de as meninas de onze anos ainda estarem muito ligadas ao seu estatuto infantil, e sendo assim, o conversar confere-lhes um estatuto mais adulto.

O que falam...

O assunto escola é dos mais falados em ambos os grupos (42,9% no grupo 1 e 33,3% no grupo 2).

No que diz respeito à subcategoria nível 3 “intimidade” (aquela em que se notam maiores diferenças) 33,3% das meninas do grupo 2 refere falar, sendo o segundo tema mais falado com o padrasto, com igual percentagem ao tema escola. Contudo, não se observam respostas a esta subcategoria nas meninas mais novas. Assim, parece-nos que aos treze anos,

as conversas sobre intimidade, se relacionam com o cada vez maior reconhecimento que o padrasto faz da feminilidade da enteada.

Outros assuntos falados entre padrastos e meninas de 11 anos são coisas do quotidiano e questões relacionadas com a educação (28,5% em ambas as categorias), a percentagem é igual nas subcategorias nos 13 anos, embora mais baixas (11,1%).

A pouca intimidade, e a superficialidade das conversas entre padrastos e enteadas aos onze anos, parecem-nos estar relacionados com o ressentimento edipiano.

O que não falam...

O assunto que mais surgiu, em ambos os grupos, foi “intimidade”, (44,4% no grupo 1 e 50% no grupo 2). Assim, apesar das elevadas percentagens (em comparação com os outros assuntos) no mesmo tema na subcategoria anterior (o que falam), verificamos que é ainda maior o número de meninas de 13 anos que não falam com os padrastos sobre a sua intimidade. Observamos então que o assunto intimidade se torna um assunto proibido nas conversas que as pré-adolescentes têm com os padrastos. Pensamos que este facto se deve a uma crescente interiorização e a passagem de um pensamento concreto para um pensamento formal, das meninas mais novas para as meninas mais velhas, o que leva a que a menina se reconheça com uma identidade própria, com ideias e pensamentos do seu íntimo e nesse sentido não os deseja partilhar. Outra explicação prende-se com a crescente sexualização das meninas mais velhas, o que, uma vez mais, e devido ao ressurgimento da problemática edipiana, vai condicionar o tipo de relação que as meninas têm com o padrasto, agravando a dificuldade que elas têm em se sentir confortáveis na sua presença, tanto mais por não haverem quaisquer laços sanguíneos. No entanto, isto é esperado acontecer também com as meninas nas famílias intactas.

A escola é o segundo tema menos falado com os padrastos. Aqui poderemos pensar que tem a ver com questões de autoridade. Como já vimos, os padrastos inicialmente não deverão ter um papel activo na educação dos seus enteados (Cutsem, 2001/2004), sendo que deverão primeiro ter um papel mais de monitorizar e por isso limitar os seus papéis no que diz respeito à educação das crianças (Bray & Kelly, 1998) e só depois deverão adoptar um papel mais parental. Sendo a escola, muitas vezes, o que mais preocupa os pais, se vai bem ou não, se as notas são boas, se o comportamento é adequado, torna-se assim justificável que as meninas

não pretendam que o padrasto opine relativamente a esse assunto, e que esse papel seja tomado pela mãe.

É de referir ainda duas meninas em cada grupo referem falar de tudo. Neste sentido, pensamos que, para estas duas meninas de 13 anos ainda haja dificuldade em discriminar assuntos que não falem com o padrasto, demonstrando uma menor noção de intimidade, devido a uma maior individuação e conseqüentemente uma maior maturação do *Ego*, comparativamente com as outras meninas da sua idade. A mesma explicação se aplica às meninas de onze anos, contudo, este tipo de situação seria mais esperada nestas meninas mais novas do que nas meninas mais velhas.

A quem recorrem...

Nesta subcategoria nível dois, não se registaram diferenças quantitativas relativamente nas respostas nas pré-adolescentes de onze e treze anos. Em ambos os grupos verifica-se que em 77,8% dos casos, o padrasto não é escolhido como uma das pessoas a quem recorrem e apenas 22,2% das meninas (duas), referem que, além de outras pessoas, também contam ao padrasto. No entanto, parece-nos importante referir que as respostas são, de certa forma, qualitativamente diferentes. Deste modo observamos que aos onze anos a pessoa escolhida é maioritariamente a mãe e aos treze, além da mãe, aparece também o irmão ou a namorada do irmão.

Assim, observando as diferenças entre os dois grupos, as meninas de treze anos começam já a procurar outros modelos de identificação fora do contexto familiar, demonstrando um desejo de independência dos pais. Blos (1962/1998), refere que a entrada na adolescência implica uma renúncia dos objectos de amor primários como objectos sexuais, em que os objectos libidinais passam do objecto pré-edipiano e edipiano para o objecto não incestuoso, heterossexual. Dias (1988), afirma ainda que, o luto dos *selfs* parentais auxiliares não significa um abandono dos laços objectais infantis, mas a transformação das figuras parentais enquanto objectos internos dá-se ao mesmo tempo que a vinculação ao grupo de pares se alarga. Mais uma vez verificamos que as meninas de 13 anos estão mais próximas da individuação.

Actividades conjuntas - 5ª subcategoria nível 1

39,5% das meninas de onze anos refere que as actividades que mais realizam com o padrasto é o “passear/brincar”, enquanto no grupo das meninas mais velhas, estas surgem com uma expressão mais reduzida (25%).

40% das pré-adolescentes de treze anos não discrimina o tipo de actividades que pratica com o padrasto, sendo essa percentagem um pouco inferior nas meninas de onze anos (30,8%). Na sua maioria, as pré-adolescentes de treze anos referem apenas que “*é bom*” (suj. 5, e 8) ou “*divertido*” (suj. 1, 5, 6). Estes resultados mostram que existe nestas meninas de treze anos, ainda, uma dificuldade em discriminar as actividades que realizam com os padrastos. Por outro lado, podemos pensar que, a falta de discriminação de actividades nos treze anos se prenda com a crescente autonomia da pré-adolescente e portanto cada vez mais as suas actividades são em conjunto com os seus pais.

Outra diferença encontrada nesta subcategoria é em “televisão/estar em casa/computador”, em que as meninas de 13 anos referem mais respostas passíveis de serem aí categorizadas. Neste sentido, parece-nos que, para as meninas mais novas, as actividades feitas dentro de casa não são consideradas actividades que realizem com o padrasto, estando mais voltadas para actividades que impliquem movimento, como o passear e o ir as compras, entre outras coisas. Assim, poderemos pensar que para as meninas mais novas, a entrada no pensamento formal e a saída do pensamento concreto ainda não está totalmente formada.

Notemos uma das excepções: “*e cada vez que faço uma pergunta ele ajuda, ele responde, esclarece as coisas (...) quando preciso de uma pesquisa ele pode fazer, ajudar*” suj. E. O padrasto tem aqui uma função de suporte, numa altura em que se verifica que nas meninas mais novas ainda se sentem dependentes em relação aos pais.

Conflitos - 6ª subcategoria nível 1

Notemos, nesta subcategoria, que apesar de se verificar uma excepção em cada um dos grupos (as duas respostas remetem para a desvalorização do conflito), as duas pré-adolescentes figuraram nas estatísticas uma vez que elas recordam conflitos, apesar de não os valorizarem

Posto isto, nos dois grupos 44,4% as meninas ***não recordam*** nenhum conflito.

Das pré-adolescentes que *recordam*, as diferenças notam-se mais nos conflitos relacionados com provocações, em que não observamos nenhuma resposta no grupo das meninas de 11 anos, enquanto uma menina de 13 refere conflitos relacionados com esse aspecto. Parece-nos que isto vai no sentido do que Coleman & Ganong (2001), que muitas vezes, a as meninas têm reacções extremas direccionadas para os padrasto, sendo essa agressividade um deslocamento da agressividade dirigida aos pais (Cutsem, 2001/2004).

A grande maioria dos conflitos, em ambos os grupos, estão relacionados com a autoridade, ainda que a percentagem seja ligeiramente superior no grupo das meninas de 11 anos.

O facto de a maioria dos conflitos terem a ver com a autoridade do padrasto (“*ralha e eu não gosto*” suj. E e “*quando eu não quero fazer os trabalhos de casa ele começa a ralar comigo*” suj. 3), demonstra que, ainda que em análises de categorias anteriores tenhamos mencionado que o padrasto não tem ainda uma função parental muito definida nas famílias destas meninas, quando confrontadas directamente com o tipo de conflitos existentes entre os dois, as meninas respondam a autoridade.

Podemos então pensar que, para a maioria das meninas, o padrasto já adoptou um papel parental nas suas vidas, tomando algumas decisões e exigindo algumas coisas delas. À medida que o tempo de recasamento dos pais vai aumentando, é natural o padrasto começar a ter uma atitude mais parental para com as crianças.

Silverman (2001) & Brenner (2001), falam-nos ainda da dificuldade da menina em aceitar o padrasto, com a entrada na puberdade. Por força do ressurgimento da problemática edipiana neste período, a relação com o padrasto torna-se “perigosa” devido à falta de laços sanguíneos, uma vez que são esses laços que protegem a menina contra as forças libidinais edipianas. No entanto, ainda são muitas as meninas que não recordam conflitos em ambos os grupos.

Resolução de conflitos...

Nesta subcategoria nível 2, observamos grandes diferenças na forma como as pré-adolescentes de onze e treze anos resolvem os problemas com o padrasto. Assim, no grupo das meninas de treze anos, é notório que a estratégia mais utilizada é o evitamento (66,7%) enquanto nas meninas de onze anos os valores descem ligeiramente (40%). Outra grande

diferença que se observa á ao nível do diálogo, sendo que 40% das meninas de onze anos recorrem a ele e apenas 16,7% das meninas de treze anos o fazem. Assim, tal como na subcategoria “como lidas com isso” (relativamente ao que menos gostam no padrasto”, parece que o evitamento/deixa de falar é a estratégia adoptada, na sua maioria, pelas meninas de treze anos.

A estratégia a que menos recorrem é a “ajuda exterior”, verificando-se apenas uma menina em cada um dos grupos, ainda que as percentagens não correspondam aos mesmos valores (20% no grupo 1 e 16,7% no grupo 2), mostrando estas meninas ainda uma dependência face à figura materna. Também no “diálogo”, em que as meninas confrontam os padrastos com as suas opiniões, observamos diferenças nos dois grupos (16,7% no grupo 1, e 40% no grupo 2). Neste sentido, podemos pensar que o facto de as meninas mais novas obterem percentagens mais elevadas nestas duas categorias, prende-se com uma maior dependência, ainda que disfarçada, uma vez que a oposição e rebeldia escondem um certo grau de dependência (Braconnier & Marcelli, 1999/2000).

Regras – 7ª subcategoria nível 1

Após a análise dos resultados, podemos concluir que, quem *impõe as regras* é maioritariamente a Mãe, e isto observa-se tanto no grupo nas mais novas como no grupo das mais velhas. Contudo, as percentagens são bem diferentes: 75% no grupo 1 e 55,6% no grupo 2. Conjuntamente, a mãe e o padrasto são figuras de autoridade para 25% das pré-adolescentes de onze anos e para 22,2% das meninas de treze. No grupo das mais novas não houve nenhuma menina que tivesse dito que era apenas o padrasto que impunha as regras, sendo que isso é observado em 22,2% das meninas do grupo 2. No que diz respeito ao tipo de regras, também se observam diferenças, enquanto na maioria das meninas mais novas as regras que sobressaem são as tarefas domésticas, nas pré-adolescentes de 13 anos são os horários, seguindo-se as regras. Outra diferença observada é o cumprimento das regras, a grande maioria das meninas mais velhas apenas cumpre às vezes o que lhes é imposto, enquanto nas mais novas se passa o oposto.

Pensamos que estas diferenças se observam devido às características próprias dos 13 anos, estas pré-adolescente tentam mais vezes ultrapassar os limites, testando até onde podem ir. Esta é também uma altura em que as meninas se começam a querer “separar” da família,

começam a criar o seu grupo de amigos, e portanto é uma fase em que os pais sentem que têm de estar mais atentos.

No geral, o que observamos nesta categoria é que o padrasto é visto como uma figura de autoridade mais pelas meninas

Terceira Categoria – Marcos Importantes

Apresentação do Padrasto - 1ª subcategoria nível 1

77,8% das pré-adolescentes de onze anos e 88,9% das pré-adolescentes de treze anos *recordam*, com algum pormenor, o dia em que conheceram o padrasto, o que demonstra que esse acontecimento foi um acontecimento importante para a vida das meninas.

Nos dois grupos estudados, a descrição deste acontecimento é, na sua maioria, bastante pormenorizado “*nós tínhamos ido almoçar a um restaurante. Primeiro ele era amigo da minha mãe, (...) depois fui para o meu pai e depois a minha mãe disse-me que estavam a começar a namorar*” suj. F e “*estava a jogar à bola com o meu irmão e ele foi lá, apanhou a bola e depois começou a jogar*” suj. 9.

Podemos então pensar que, o primeiro contacto com o padrasto pode ser muito importante na evolução da relação que padrasto e criança irão desenvolver, uma vez que tem sido observado que, na generalidade dos casos, as meninas mantêm uma boa relação com eles.

Impacto afectivo...

Nos dois grupos, um pouco mais de metade das pré-adolescentes refere que o conhecer o padrasto não teve qualquer impacto nas suas vidas ou então refere que não se recorda do que sentiu. Em ambos os grupos as percentagens foram de 55,6%.

As diferenças notam-se então no tipo de impacto que houve, se positivo ou negativo. Neste sentido, observamos que 44,4% das pré-adolescentes de 11 anos referem que o impacto foi negativo, enquanto no grupo dos 13 anos observamos 22,2%. Nas meninas do grupo 1 não houve respostas positivas, enquanto no grupo 2 foram de 22,2% (igual percentagem no impacto negativo).

Parece-nos então que, para as meninas de onze anos, a entrada do padrasto foi sentida de uma forma mais negativa do que para as meninas de treze anos, que ou negam o impacto

ou referem que foi positivo, sendo que as duas meninas que referem aspectos positivos têm-no num sentido altruísta (“*ate foi melhor, senti que ela (a mãe) estava feliz e era isso que nós queríamos*” suj. 1).

Visher & Visher (1988), referem que a entrada de um padrasto/madrasta na vida das crianças e adolescentes provoca sofrimento face à perda da família anterior, divisão de lealdades entre o pai (no caso do nosso estudo) e o padrasto, e ainda ciúmes associados à perda de atenção por parte da mãe. Assim, enquanto os ciúmes foram questões abordadas pelas meninas, o mesmo não se pode dizer relativamente à divisão de lealdades, antes pelo contrário (suj. 1 e suj. 2).

Aos treze anos, parece-nos que a relativa facilidade em discriminar aspectos tanto positivos como negativos associados à representação do acontecimento, remete para a crescente capacidade de discriminação de sentimentos, sendo mais evidente a individuação nos treze anos, relativamente aos onze.

Mudança Vivencial...

A maioria das meninas dos dois grupos identifica mudanças com a entrada do padrasto nas suas vidas (77,8% no grupo 1 e 66,7% no grupo 2).

Neste sentido, e para as meninas que consideram que as suas vidas mudaram, as diferenças prendem-se com o tipo de mudanças identificadas. Assim, e apesar de a maioria identificar mais mudanças concretas, é nas meninas de 11 anos que observamos uma maior expressão (71,5% nas meninas desta idade e 55,6% nas meninas de 13 anos).

A grande maioria das mudanças identificadas como concretas prende-se com a mudança de casa em ambos os grupos. Cutsem (2001/2004), refere que, muitas vezes, padrasto é visto como aquele que permite à mãe viver melhor, dando-lhe uma maior estabilidade financeira, e por conseguinte, também a sua vida, nesse aspecto, melhora.

No que diz respeito às mudanças afectivas, verificamos que a expressão foi maior nas meninas de 13 anos (44,4%) do que nas meninas de 11 anos (28,5%), sendo que na maioria das respostas, as mudanças afectivas são de cariz positivo (“*agora é mais divertido*” suj. 2). No entanto, no grupo das meninas mais novas, uma menina refere “*a minha mãe passou a chamar mais a atenção*” (suj. E), mostrando esta menina algum ressentimento face ao padrasto, uma vez que ele foi o culpado deste controlo mais apertado por parte da mãe

Histórias...

No que diz respeito a esta última subcategoria nível 1, 77,8% das meninas do grupo 1 e 55,6% das meninas do grupo 2, não se recordam de nenhuma história que tenham passado com o padrasto, mostrando uma maior capacidade de discriminar momentos que consideram importantes, de pensar em aspectos mais complexos na relação com o padrasto, relativamente às meninas de onze anos.

Gostaríamos de destacar o facto de, apesar de a grande maioria das meninas de ambas as idades não mencionarem nenhuma história vivida com o padrasto, quando o fazem são sempre de cariz positivo. No entanto, encontramos diferenças qualitativas nas histórias dos dois grupos. Nas meninas de onze anos, observamos que as histórias remetem para situações que elas queriam que acontecessem e que acabaram por acontecer (*“ele levou-me a um sítio onde havia cães (...) e ele disse: olha, por mim podes levar”* suj. F), ou seja, o padrasto fez o desejado, o que demonstra ainda uma necessidade de atenção por parte do adulto, face à eminência da perda do estatuto infantil da menina.

Nas meninas mais velhas, observamos que as respostas são mais de cariz afectivo, tal como refere o sujeito 6 *“sábado fomos só os dois à praia. É divertido porque ele é brincalhão”*.

CONCLUSÃO

Gostaríamos de começar por referir que as entrevistas realizadas com as pré-adolescentes se revelaram uma fonte preciosa de informação e aprendizagem. No entanto, os resultados obtidos, bem como a sua discussão não esgotam, de modo algum, o tema do nosso trabalho, não sendo sequer possível generalizar os dados para a população em geral.

A análise do discurso das entrevistas revelou dados muito interessantes sobre a percepção que as meninas pré-adolescentes têm da relação com o padrasto. Assim, relembramos que face ao problema formulado e objectivos propostos, lançámos algumas

questões de investigação, que fomos tentando aprofundar no decorrer do estudo e que tentaremos agora dar resposta de uma forma clara e resumida.

Q1 – Como se configuram as diferenças entre as meninas de onze anos e treze anos, relativamente à representação que têm do padrasto bem como as suas funções;

A representação do padrasto divide-se nos dois grupos estudados. Se por um lado, pouco mais de metade das pré-adolescentes de onze anos exprimem uma representação familiar, nas meninas de treze anos essa representação é ligeiramente inferior. Passa-se exactamente o inverso quando observamos a representação do padrasto como uma figura extra-familiar. Mais concretamente, nas meninas de onze anos aquilo que se observa é que a maior representação vai para o padrasto visto como pai, enquanto nas pré-adolescentes de treze anos ele é visto como pai, mas também como amigo.

De um modo geral, as pré-adolescentes descrevem o padrasto de uma forma bastante positiva. Contudo, são as meninas mais velhas que referem mais características negativas. As pré-adolescentes de onze anos valorizam um padrasto que esteja disponível, sendo que as meninas mais velhas dão mais valor às suas características pessoais (e.g. ser simpático ou brincalhão), o que demonstra uma maior dependência das figuras parentais nas meninas mais novas.

Q2 – A representação das pré-adolescentes relativamente à qualidade e ao tipo de relação menina/padrasto, nos onze e treze anos;

Após a discussão dos resultados, é visível que, em ambos os grupos, o tipo de relação estabelecida com o padrasto é bastante positiva, sendo na sua maioria vista como uma relação afectiva. Observam-se no entanto pequenas diferenças nos dois grupos. As meninas de onze anos, dão ainda valor às funções educativa e lúdica. A percepção afectiva bem como a reciprocidade, são vistas por quase todas as pré-adolescentes como positivas, tendo apenas uma menina demonstrado alguma incerteza quanto ao facto do padrasto gostar ou não dela.

Para a grande maioria das meninas, a mãe continua a ser uma figura de referência, nomeadamente quando se trata de recorrer a alguém para resolver problemas que a pré-adolescente tenha, pois é a ela que a grande maioria das meninas recorre. Contudo, observamos que no grupo das meninas mais velhas, começam a aparecer figuras de identificação externas à família, como coetários (os irmãos ou as amigas), o que demonstra que com esta idade caminham cada vez mais para o processo de individuação.

Q3 – Nas meninas de onze anos, a origem dos conflitos com o padrasto relaciona-se com a lealdade ainda ao pai;

No que diz respeito aos conflitos e sua origem nesta idade, o que se observa é que uma grande parte das meninas não os identifica, afirmando nunca se terem zangado com os padrastos. Mesmo nas meninas que referem conflitos, uma foi posta como excepção uma vez que não nos refere qual o tipo de conflito, desvalorizando a origem do mesmo. Assim, não observámos nas meninas mais novas, conflitos de lealdade (relativamente ao pai) com o padrasto. Uma das hipóteses que podemos lançar é que estas meninas tenham pouco ou nenhum contacto com o pai, contudo, isso não foi explorado nas entrevistas, não tendo nós bases para inferir a esse respeito. Posto isto, nestas meninas, a origem dos conflitos prende-se mais com questões relacionadas com a autoridade da parte do padrasto, quando este assume um papel parental, e uma menina demonstra conflitos relacionados com uma certa agressividade por parte do padrasto. Não são observados conflitos relacionados com provocações.

Q4 – A origem dos conflitos, nas meninas de treze anos, poderá estar relacionado com questões de autoridade;

À semelhança do que acontece aos onze anos, também nas meninas mais velhas verificamos que uma grande parte não identifica qualquer tipo de conflito, sendo que uma das meninas que refere conflitos foi posta como excepção exactamente pelo mesmo motivo, desvalorização dos conflitos. Contudo, as diferenças operam-se no tipo de conflitos. Se é verdade que uma boa parte destas pré-adolescentes referem conflitos relacionados com a autoridade, também é verdade que são menos do que as meninas mais novas. Aos treze anos, além de conflitos relacionados com agressividade, aparecem também conflitos relacionados com provocações, e no caso específico da menina que os refere, parece-nos que as provocações são por parte da pré-adolescente, no sentido em que ela começa por referir “*ele é muito sensível*”. Assim, parece-nos que os padrastos destas meninas assumem já um papel parental nas suas vidas.

Q5 – As meninas de onze anos estão mais preocupadas com a perda do estatuto infantil enquanto as meninas de treze anos manifestam um maior desejo expresso de mudança pois sentem-se mais autónomas.

Efectivamente, o desejo de mudança é mais visível e marcado nas pré-adolescentes mais velhas, contudo, não podemos deixar de referir que esse desejo não é muito expressivo em

nenhum dos grupos. As mudanças desejadas por parte das pré-adolescentes de treze anos são maioritariamente de uma maior proximidade. Numa altura que as meninas caminham no sentido de serem sujeitos autónomos e diferenciados das figuras parentais, parece-nos que ainda necessitam do conforto e segurança que essas figuras lhes transmitem. Nas meninas mais novas, apenas uma menina referiu desejo de mudança, e esse desejo prende-se com um padrasto que lhe invade o espaço e lhe mexe nas coisas.

Gostaríamos ainda de realçar mais dois ou três aspectos nas diferenças que se configuram nas pré-adolescentes aos onze e aos treze anos. Uma das primeiras observadas foi na conotação que a palavra padrasto tem para as meninas dos dois grupos. Para a maioria das meninas mais novas, a conotação é neutra, e para as meninas mais velhas ela é positiva. Parece-nos que nestas últimas meninas, a conotação está como que “colada” ao que o padrasto significa para elas. No entanto existe, da parte de uma ou outra pré-adolescente, a necessidade de referir que, para a maioria das pessoas a palavra é má, mas que para elas não. O imaginário destas meninas não é então confirmado pela realidade que vivem.

De frisar também, é o facto de, na sua generalidade, as pré-adolescentes dos dois grupos recordarem, com algum pormenor, o dia em que conheceram os padrastos, o que nos demonstra a importância desse acontecimento. No entanto, a maioria das meninas nega qualquer tipo de impacto afectivo. As diferenças entre os dois grupos prendem-se, então, na forma como esse acontecimento foi sentido. Assim, as meninas mais novas demonstram uma maior dificuldade em lidar com esse acontecimento, não tendo nenhuma referido que o impacto foi positivo, já nas mais velhas, as coisas dividem-se, metade das meninas refere um impacto afectivo e a outra metade um impacto negativo. O impacto negativo tem a ver, na maioria das meninas, com ciúmes relativamente à perda do afecto da mãe.

No que diz respeito à evolução da relação com o padrasto, dos onze para os treze anos, não temos dados suficientes que nos permitam fazer inferências. Este facto pode dever-se à idade das meninas, e por isso uma menor capacidade de olhar o passado e perspectivar o futuro, ou pela dimensão da amostra, uma vez que é muito reduzida.

Parece-nos também que o ressurgimento da problemática edipiana não está muito vincada em nenhum dos grupos. No entanto, as meninas de onze anos têm uma imagem do padrasto muito mais idealizada do que as meninas de treze anos.

Limitações do Estudo

A maior dificuldade que sentimos no decorrer desta investigação foi, de facto, encontrar a amostra. Ao contrário daquilo que estávamos à espera, não nos deparamos com tantos casos de famílias recompostas quantos os que seriam esperados. Como consequência, a variedade de situações encontradas foi imensa, o que nos dificultou bastante a uniformização da amostra. Como exemplo podemos referir o facto de não ser homogéneo o tempo em que as meninas vivem numa família recomposta, o que irá influenciar o tipo de relação que cada uma mantém com o padrasto. Outras variáveis não controladas foram também o numero de irmãos, a existência de irmãos mais novos filhos da nova relação da mãe, bem como o tipo e a qualidade da relação que as pré-adolescentes têm com o pai, sendo que esta nos parece de grande importância.

Apenas a título de curiosidade, uma das razões pela qual não conseguimos recolher mais amostra noutras escolas, foi o facto de, hoje em dia, a grande maioria das escolas exigir que o projecto do nosso trabalho de investigação tenha autorização da Comissão Nacional de Protecção de Dados (CNPD), comissão essa que nos parece importante sim, mas não para avaliar se o estudo que nós consideramos pertinente é passível de ser feito, ou seja, ou tínhamos conhecimentos nas escolas e conseguimos “passar por cima” deste tipo de formalidades, ou então sem essa autorização não nos deixavam realizar o estudo.

Outra limitação sentida no estudo que foi exactamente na metodologia escolhida. Nunca a frustração nos deixou com tanto “stress” como a elaboração das categorias, porque nunca nos sentimos satisfeitos com as alterações que íamos fazendo, deixando sempre a sensação que muito mais havia ainda para fazer ou corrigir

No decorrer das entrevistas, e ao longo de toda a elaboração do trabalho, fomos percebendo que podíamos ter abordado outros assuntos ou até mesmo explorar melhor assuntos abordados.

Dado o escasso número de sujeitos incluídos no nosso estudo, entendemos que esta amostra não permite a generalização dos resultados para a população em geral.

Propostas Para Futuros Trabalhos de Investigação

O trabalho que nos propusemos fazer foi extremamente gratificante, não só do ponto de vista académico como do ponto de vista pessoal.

Assim que iniciámos a primeira parte da investigação, a revisão de literatura, verificámos a escassez de investigações em Portugal, no âmbito das famílias recompostas e, mais concretamente no que diz respeito à relação entre padrastos e enteadas. É certo que só na última década este tipo de famílias começou a despertar o interesse da parte dos investigadores, o que nos permite afirmar que há ainda muito por fazer nesta área.

Podemos então enumerar alguns trabalhos, ou aspectos, que gostaríamos de ter explorado, mas que ficam assim como sugestões para próximos trabalhos:

Com o mesmo instrumento, estudar as outras díades (padrasto-rapazes, madrasta-rapazes e madrasta-raparigas), trabalhos esses que se encontram em curso, tendo o último já sido finalizado.

Após realizados aos trabalhos acima referidos, fazer uma comparação entre rapazes e raparigas pré-adolescentes, no que diz respeito à representação e relação com o padrasto, bem como a comparação de entre os mesmos sujeitos relativamente aos mesmos temas com a madrasta.

Seria interessante estudar também a visão do padrasto sobre a relação, paralelamente à visão da enteada pré-adolescente.

Uma questão que durante todo o trabalho nos apareceu, foi qual seria a relação que estas meninas teriam com o pai? Será que o tipo de relação que têm com o pai vai influenciar o tipo e a evolução da relação com o padrasto?

E para terminar, um estudo muito idêntico ao nosso, mas com os mesmos sujeitos, isto é, fazer um estudo longitudinal em que se entrevistariam as pré-adolescentes aos onze anos e, novamente, dois anos depois, dando-nos a oportunidade de verificar como evoluía a relação com o padrasto de uma forma mais fiável.

REFERÊNCIAS

- Bardin, L. (2008). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70 (4ª ed.). (Obra original publicada em 1977).
- Bénony, H., & Chahraoui, K. (2002). *A entrevista clínica*. Lisboa: Climepsi.(obra original publicada em 1999).
- Blos, P. (1998). *Adolescência: Uma interpretação Psicanalítica* (2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1962).
- Blos, P. (1967). The Second individuation process of adolescence. *Psychoanalytic Study of the Child*, 22, 162-186.
- Braconnier, A., & Marcelli, D. (2000). *As mil faces de adolescência*. Lisboa: Climepsi. (obra original publicada em 1999).
- Bray, J. & Harvey, D. (1995). Adolescents in stepfamilies: Developmental family interventions. *Psychotherapy*, 32, 122-130.
- Bray, J. H., & Hetherington, E. M. (1993). Families in transition: Introduction and overview. *Journal of Family Psychology*, 7, 3-8.
- Bray, J., & Kelly, J. (1998). *Stepfamilies: Love, marriage, and parenting in the first decade*. New York: Random House.
- Brenner, I. (2001). The contemporary stepfather's search for legitimacy. In S. H. Cath, & M. Shopper (Eds.), *Stepparenting: creating and recreating families in America today* (pp. 69-80). Hillsdale, New Jersey: The Analytic Press.
- Centro de Documentação do ISPA (2003). *Guia prático: normativa APA/2001. Citações & referências bibliográficas*. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Clingempeel, W. G., & Segal, S. (1986). Stepparent-Stepchild relationships and the psychological adjustment of children in stepmother and stepfather families. *Child Development*, 57, 474-484.

- Coleman, M., & Ganong, L. (2001). Stepchildren's perceptions of their parents. *Journal of Genetic Psychology, 148* (1), 5-17.
- Cordeiro, J. D. (1986). *Manual de Psiquiatria Clínica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cordeiro, J. D. (1988). *Adolescentes por dentro*. Lisboa: Edições Salamandra.
- Costa, M. E. (1994). *Divórcio, monoparentalidade e recasamento: Intervenção psicológica em transições familiares*. Lisboa: Asa.
- Cutsem, C. V. (2004). *A família recomposta: Entre o desafio e a incerteza*. Lisboa: Instituto Piaget. (Obra original publicada em 2001).
- Delaroche, P. (2006). *A Adolescência: Desafios clínicos e terapêuticos*. Lisboa: Climepsi. (Obra original publicada em 2005).
- Dias, C. A. (1988). *Para uma psicanálise da relação*. Porto: Edições Afrontamento.
- Doyle, K. W., Wolchik, S. A., & Dawson-McClure, S. (2002). Development of the stepfamily events profile. *Journal of family psychology, 16* (2), 128-143.
- Fine, M. A., Kurdek, L. A., & Hennigen, L. (1992). Perceived self-competence, stepfamily myths and (step)parent role ambiguity in adolescents from stepfather and stepmother families. *Journal of Family Psychology, 6* (1), 69-76.
- Fleming, M. (1997). *Adolescência e Autonomia: o desenvolvimento psicológico e a relação com os pais* (2ª ed.). Porto: Edições Afrontamento.
- Flores, T. (2005). *Narcisismo e Feminilidade*. Lisboa: Climepsi.
- Freud, S. (s.d). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Lisboa: Livros do Brasil (Obra original publicada em 1905).
- Gameiro, J. (2001). *Os meus, os teus e os nossos: Novas formas de família*. Lisboa: Terramar.

- Hetherington, E. M. (1993). An overview of the Virginia longitudinal study of divorce and remarriage. *Journal of Family Psychology*, 7, 39-56.
- Instituto Nacional de Estatística, I. P., (2009). *Estatísticas demográficas 2008*. Lisboa – Portugal. Consultado em 14 de Novembro de 2009 através de http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=71446801&PUBLICACOESmodo=2
- Leal, I. (2008). *A entrevista psicológica: técnica, teoria e clínica*. Lisboa: Fim de Século.
- Lobo, C., & Conceição, P. C. (2003). O Recasamento em Portugal. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 42, 141-159.
- Malpique, C. (2003). *O fantástico mundo de Alice: Estudos sobre a puberdade feminina*. Lisboa: Climepsi.
- Marques, M. E. (1991). Transcrição no rorschach das expressões masculina e feminina da pré-adolescência e da adolescência (171-181). In *Actas de Psicologia Clínica 1990*, Lisboa: Sociedade Portuguesa de Psicologia Clínica.
- Martins, M. J. (1996). Aspectos sobre o desenvolvimento psicológico na pré-adolescência e adolescência. *Aprender*, 20, 5-12.
- Matos, A. C. (2002). *Adolescência: O triunfo do pensamento e a descoberta do amor*. Lisboa: Climepsi.
- Oliveira, A. C. (1991). Da pré-adolescência à adolescência. Processo de identificação através de actividades lúdicas (209-211). In *Actas de Psicologia Clínica 1990*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Psicologia Clínica.
- Pedinielli, J. L., & Rouan, G. (2005). A entrevista de pesquisa. In C. Cyssau (coord.), *A entrevista Clínica* (pp. 105-112). Lisboa: Climepsi. (Obra original publicada em 2003).
- Poirier, J., Clapier-Valladon, S., & Raybaut, P. (1995). *Historias de vida: Teoria e prática*. Oeiras: Celta (Obra original publicada em 1983).

- Rascovsky, A. (2002). A função do pai na estruturação da sexualidade feminina. In A. M. Alizade (org.), *Cenários femininos: diálogos e controvérsias* (pp. 113-120). Rio de Janeiro: Imago. (obra original publicada em 2000).
- Ribeiro J. L. P. (2007). *Metodologia de investigação em psicologia e saúde*. Porto: Legis.
- Schave, D., & Schave, B. (1989). *Early Adolescence and the Search for Self: A development perspective*. New York: Praeger Publishers.
- Silva, A. M. (1992). *Novo dicionário compacto da língua portuguesa* (Vol. 4: monacato a respondente). Mem-Martins: Confluência.
- Silverman, M. A. (2001). Stepdaughters and stepfathers: living together in a haunted house. In S. H. Cath, & M. Shopper (Eds.), *Stepparenting: creating and recreating families in America today* (pp. 147-164). Hillsdale, New Jersey: The Analytic Press.
- Vala, J. (1986). Análise de conteúdo. In A. S. Silva, & J. M. Pinto (orgs.), *Metodologia das ciências sociais* (pp. 101-128). Porto: Edições Afrontamento.
- Visher, E. B., & Visher, J. S. (1988). *Old Loyalties, New Ties: Therapeutic Strategies with Stepfamilies*. New York: Brunner/Mazel.
- Vuchinich, S., Hetherington, E. M., Vuchinich, R. A., & Clingempeel, W. G. (1991). Parent-Child interaction and gender differences in early adolescent's adaptation to stepfamilies. *Developmental Psychology*, 27 (4), 618-626.



ISPA | Instituto Superior de Psicologia Aplicada

Representação e Relação com o Padrasto na Pré-Adolescência
Feminina

Mafalda Saraiva de Freitas

Nº 8170

CADERNO DE ANEXOS

Orientador da Dissertação:
Professora Doutora Ângela Vila-Real

Coordenador do Seminário de Dissertação:
Professor Doutor António Pires

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:
Mestre em Psicologia
Especialidade em Psicologia Clínica

2009

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Ângela Vila-Real, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº 19673 / 2006 publicado em Diário da Republica 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

ÍNDICE

ANEXOS

Anexo A – Carta de Consentimento Informado	1
Anexo B – Questionário de Selecção	3
Anexo C – Guião de Entrevista	5
Anexo D – Justificação da Categorização	8
Anexo E – Grelhas de Análise: Grupo 1.....	18
Anexo F - Grelhas de Análise: Grupo 2	32
Anexo G – Transcrições das Entrevistas: Grupo 1	48
Anexo H – Transcrições das Entrevistas Grupo 2.....	83

ÍNDICE DE TABELAS

Índice de Tabelas Relativas ao Anexo E

Tabela 1.1. – <i>1ª Subcategoria Nível 1: Como o designam</i>	19
Tabela 1.2. - <i>2ª Subcategoria Nível 1: Como o Descrevem</i>	20
Tabela 1.3. - <i>3ª Subcategoria nível 1: Como o Representam</i>	22
Tabela 2.1. - <i>1ª Sub-Categoria nível 1: Evolução Relacional</i>	23
Tabela 2.2. - <i>2ª Sub-Categoria nível 1: Tipo de Relação</i>	24
Tabela 2.3. - <i>3ª Sub-Categoria nível 1: Percepção e Reciprocidade Afectiva</i> .	24
Tabela 2.4. - <i>4ª Subcategoria nível 1: Conversas</i>	25
Tabela 2.5. - <i>5ª Sub-Categoria nível 1: Actividades Conjuntas</i>	26
Tabela 2.6. - <i>6ª Subcategoria nível 1: Conflitos</i>	27
Tabela 2.7. – <i>7ª Subcategoria nível 1: Regras</i>	28
Tabela 3. 1. - <i>1ª Sub-Categoria Nível 1: Apresentação do Padrasto</i>	29
Tabela 3.2. - <i>2ª Subcategoria nível 1 – Mudança Vivencial</i>	30
Tabela 3.3. - <i>3ª Subcategoria Nível 1: Histórias</i>	31

Índice de Tabelas Relativas ao Anexo F

Tabela 4.1. - <i>1ª Subcategoria Nível 1: Como o Designam</i>	33
Tabela 4.2. - <i>2ª Subcategoria Nível 1: Como o Descrevem</i>	34
Tabela 4.3. - <i>3ª Subcategoria nível 1: Como o Representam</i>	37

Tabela 5.1. - <i>1ª Sub-Categoria nível 1: Evolução Relacional</i>	38
Tabela 5.2. - <i>2ª Sub-Categoria nível 1: Tipo de Relação</i>	39
Tabela 5.3. - <i>3ª Sub-Categoria nível 1: Percepção e Reciprocidade Afectiva</i> .	39
Tabela 5.4. - <i>4ª Sub-Categoria nível 1: Conversas</i>	40
Tabela 5.5. - <i>5ª Sub-Categoria nível 1: Actividades Conjuntas</i>	41
Tabela 5.6. - <i>6ª Subcategoria nível 1: Conflitos</i>	42
Tabela 5.7. - <i>7ª Subcategoria nível 1: Regras</i>	43
Tabela 6.1. - <i>1ª Sub-Categoria Nível 1: Apresentação do Padrasto</i>	45
Tabela 6.2. - <i>2ª Subcategoria nível 1 – Mudança Vivencial</i>	46
Tabela 6.3. - <i>3ª Subcategoria Nível 1: Histórias</i>	47

ANEXO A

CARTA DE CONSENTIMIENTO INFORMADO



ISPA | Instituto Superior de Psicologia Aplicada

Exmo(a). Encarregado(a) de Educação do aluno/a _____

Ano _____ Turma _____ Nº _____ Director de Turma _____

Com o objectivo de realizar uma dissertação de mestrado em Psicologia Clínica no Instituto Superior de Psicologia Aplicada, estamos a iniciar uma investigação sobre famílias recompostas, incidindo principalmente na adaptação dos pré-adolescentes à entrada de novos membros na família.

Para este efeito, precisamos de entrevistar pré-adolescentes que preencham as condições requeridas para o estudo.

Garantimos que a confidencialidade dos dados recolhidos será mantida e que as entrevistas serão realizadas sem prejuízo das actividades lectivas dos jovens.

Assim, vimos por este meio solicitar que autorize a participação do seu filho neste estudo.

Autorizo que o meu filho/a participe no estudo

Não autorizo que o meu filho/a participe no estudo

Assinatura _____

Caso pretenda mais algum esclarecimento agradecemos que deixasse um número de telefone para onde pudéssemos contactá-lo/a.

Nº. _____

Agradecemos a sua colaboração,

As responsáveis pela Investigação:

Mafalda Freitas _____

Raquel Peru _____

A Orientadora

ANEXO B
QUESTIONÁRIO DE SELECÇÃO



Vimos por este meio pedir a tua colaboração para a realização de um estudo de jovens vivendo em diferentes contextos familiares. Para isso pedimos-te que preenchas este pequeno questionário.
Os dados que preencheres serão confidenciais.

Nome: _____ Sexo: F M

Idade: _____ Ano: _____ Director de Turma: _____

Actualmente vives com:

Mãe e Pai:

Mãe:

Pai:

Mãe e “Padrasto”:

Pai e “Madrasta”:

Outros, quais?: _____

No caso de os teus pais estarem separados, algum deles voltou a casar / viver junto com alguém?

Sim, Pai:

Sim, Mãe:

Sim, ambos:

Não:

Se respondeste afirmativamente à pergunta anterior, há quanto tempo?

Menos de um ano:

Mais de um ano:

Não sei:

Obrigado pela tua colaboração

Este questionário faz parte de um estudo mais abrangente e com continuação. No caso de necessitarmos da tua colaboração, contactar-te-emos brevemente.

ANEXO C
GUIÃO DE ENTREVISTA

Guião de Entrevista

Apresentação

“Olá, eu sou a XXXX e estou a fazer um estudo sobre a forma como as jovens da tua idade se relacionam e reagem à entrada de novas pessoas na família, gostava de perceber como é que estas relações funcionam, e se por vezes existem problemas ou não... achas que me podes ajudar? Então vou fazer-te uma pequena entrevista, ok? Importas-te que a grave? Quero que saibas que tudo o que me disseres é confidencial”

Dados informativos iniciais

- 1 - *“Que idade tens?”*
- 2 - *“Lá em casa, vives com quem?”*
- 3 - *“Que idades têm eles (mãe e padrasto)?”*
- 4 - *“Tens irmãos? Com que idade?”*
- 5 - *“Então os teus pais estão separados, tu lembras-te que idade tinhas quando eles se separaram?”*
- 6 - *“E quantos anos tinhas quando a tua mãe se juntou novamente, tens ideia?”*

Entrevista

- 7 - *“Então, tens um “padrasto”, como é que tu o chamas?”*
- 8 - *“E quando falas dele para outras pessoas, para os teus amigos como é que tu te referes?”*
- 9 - *“Costumas passar muito tempo com a tua mãe e o teu “padrasto”?”*
- 10 - *“Então e o tempo que passam juntos como é que costuma correr?”*
- 11 - *“Sabes, eu não conheço o teu “padrasto”, por isso gostava que me disseses como ele é?”*
- 11.1 - *“Assim como pessoa?”*
- 12 - *“Ainda te lembras como o conhecestes, mesmo da primeira vez?”*
- 13 - *“E o que é que achaste, lembras-te?”*
- 14 - *“Como era a tua vida antes de conheceres o teu “padrasto”?”*
- 15 - *“O que é que achas que mudou na tua vida depois de o teres conhecido?”*
- 16 - *“Há-de ter sido um pouco complicado para ti na altura, ainda te lembras como foi?”*
- 17 - *“Tiveste um pouco de ciúmes, lembras-te como te sentiste?”*
- 18 - *“Então e agora, como é a tua relação com ele?”*

19- *“E desde que o conheceste até agora achas que mudou alguma coisa na vossa relação?”*

19.1- *Mudou como? Porquê? O que aconteceu?*

20- *“Já alguma vez tiveram assim uma zanga os dois? Lembras-te como foi?”*

21- *“Como é que isso se resolveu?”*

22- *“Gostavas de mudar alguma coisa na vossa relação?”*

23- *“Tu sentes que ele gosta de ti?”*

23.1- *“Sentes que ele se preocupa contigo, com as tuas coisas?”*

24- *“E tu gostas dele?”*

24.1- *“O que mais gostas nele?”*

25- *“Costumam conversar?”*

25.1- *“Sobre o quê?”*

26- *“Se tivesses assim algum problema a quem é que tu contavas?”*

27- *“E há alguma coisa/assunto que tu não fales mesmo com o teu “padrasto?”*

27.1- *“Porquê? Consegues explicar?”*

28- *“Há assim alguma coisa nele que te irrite/incomode muito? Qualquer coisa que tu não gostes ou gostes menos?”*

29- *“Então e como costumas lidar com isso?”*

30- *“Como é que funcionam as coisas lá em casa, assim as regras, os horários quem é que toma conta disso?”*

31- *“E tu o que achas dessas regras, concordas? Costumas cumpri-las?”*

31.1- *“Se não, porquê?”*

31.2- *“Se não cumpre, o que acontece?”*

32- *“Lembras-te assim de alguma história, um episódio que se tenha passado contigo e com o teu “padrasto” que aches importante?”*

Estamos quase a terminar...

33- *“O que é que ele significa para ti, como é que tu o vês?”*

34- *“O que é que tu achas da palavra “padrasto”*

ANEXO D
JUSTIFICAÇÃO DA CATEGORIZAÇÃO

A 1ª categoria – O Padrasto.

Pretendemos com esta categoria, perceber quais as designações dadas ao padrasto: *Como é que o Designam*, *Como o Descrevem* e que tipo de *Representação* lhe atribuem.

1ª subcategoria – Como o Designam.

Esta subcategoria remete para a identificação verbal e para a forma de, à partida, aceder ao tipo de relação e representação do padrasto, bem como perceber qual a conotação dada à palavra Padrasto, se está ou não relacionada com a representação social. Esta subcategoria foi dividida então em três subcategorias nível 2, sendo elas:

1ª subcategoria nível 2- *Como o Chamam.*

Questão 7. - *“Então, tens um padrasto, como é que tu o chamas?”*.

Tem a ver com a forma como as pré-adolescentes se referem ao padrasto na sua presença. Uma vez que as meninas dão três tipos de respostas distintas, esta subcategoria foi dividida noutras subcategorias mais pequenas: nome próprio, pai e tio.

2ª subcategoria nível 2- *Como o Designam aos Outros*

Questão 8. - *“E quando falas dele para outras pessoas, para os teus amigos como é que tu te referes?”*. O que pretendemos desta categoria é perceber qual o tipo de significado que as pré-adolescentes dão ao padrasto quando estão na sua ausência. Com base nas respostas a esta pergunta, dividimos esta subcategoria em Padrasto, Pai, Nome e Outros.

3ª subcategoria nível 2- *Conotação da Palavra Padrasto*

Questão 34. - *“O que é que tu achas da palavra “padrasto”*

Dada a variedade de respostas a esta questão, esta subcategoria foi ainda dividida em três categorias mais pequenas: positiva, negativa e neutra. Muitas pré-adolescentes nesta questão deram respostas no sentido da pessoa do padrasto e não relativamente à palavra em si. Desta forma essas respostas não constaram desta categoria.

2ª subcategoria nível 1 – Como o Descrevem.

Pretendemos com esta categoria verificar se existe um Eu mais diferenciado num grupo do que noutro através da capacidade de atribuir características específicas ao padrasto, bem

como perceber qual a principal função que as pré-adolescentes atribuem ao padrasto. Para uma compreensão mais aprofundada, pareceu-nos importante tentar compreender também o que as meninas referem como as melhores e as piores características do padrasto. Esta subcategoria foi dividida em seis subcategorias nível 2:

1ª subcategoria nível 2 - *Descrição Física*

Questão 11. *“Sabes, eu não conheço o teu “padrasto”, por isso gostava que me disseses como ele é?”*

2ª subcategoria nível 2 - *Descrição Psicológica*. Com esta subcategoria pretendemos perceber qual a percepção que as meninas têm do padrasto, se ela é positiva ou negativa. Na descrição positiva, fizemos ainda a divisão em: Características Pessoais, que diz respeito a todas as características atribuídas ao padrasto enquanto pessoa; Estar Disponível e Educativa, que contém respostas relacionadas mais com a função paterna do padrasto.

Colocámos estas duas questões como orientadoras da descrição psicológica uma vez que nem todas as meninas nos dão respostas relativamente às características físicas, daí a questão 11 também constar para esta subcategoria.

Questão 11. - *“Sabes, eu não conheço o teu “padrasto”, por isso gostava que me disseses como ele é?”*

Questão 11.1. - *“Assim como pessoa?”*

3ª subcategoria nível 2 - *O que Gostam Mais*. Esta subcategoria permite-nos perceber quais os aspectos mais valorizados e idealizados pelas pré-adolescentes relativamente ao padrasto. Face às respostas encontradas nesta questão, dividimos esta subcategoria em quatro: estar disponível, fazer o desejado, características pessoais e uma última Não responde / Tudo ou nada. As duas primeiras remetem-nos para questões mais ligadas com o sujeito, atributos que lhes estão directamente ligados, enquanto a terceira remete para características próprias da pessoa enquanto pessoa.

Questão 24.1. - *“O que mais gostas nele?”*

4ª subcategoria nível 2 - *O que Gostam Menos*. Com esta subcategoria pretendemos perceber quais as características do padrasto que são vistas como mais angustiantes, e tentar perceber a capacidade de discriminação e distanciação das meninas face à figura do padrasto. De acordo com as respostas obtidas, dividimos esta subcategoria em Características pessoais,

fazer o não desejado e não sabe ou não responde. Uma vez mais, esta divisão prende-se com o facto de as pré-adolescentes referirem características próprias do padrasto enquanto pessoa ou enquanto figura parenta.

Questão 28. - *“Há assim alguma coisa nele que te irrite/incomode muito? Qualquer coisa que tu não gostes ou gostes menos?”*

5ª subcategoria nível 2 - *Como Lidam Com Isso*. As respostas a esta subcategoria deram origem à sua divisão em quatro subcategorias: Afastamento / Fuga, Amos / Deixa de Falar, Resolve com o Padrasto e Sem estratégia / Passividade. Esta categorização permite-nos perceber quais as estratégias utilizadas pelas pré-adolescentes, se são mais no sentido da confrontação ou se são mais de afastamento.

Questão 29. - *“Então e como costumavas lidar com isso?”*

3ª subcategoria nível 1 – Como o Representam.

Com esta subcategoria pretendemos perceber qual o significado que as meninas atribuem ao padrasto na sua vida. Com base nas respostas obtidas, foi-nos possível fazer a divisão em duas subcategorias de nível dois: Representação Familiar e Representação Extra-familiar. A primeira subcategoria nível 2 foi ainda dividida em Pai e Segundo Pai para que conseguíssemos perceber se efectivamente o padrasto tem um papel parental importante na vida das pré-adolescentes. A Representação Extra-Familiar foi ainda dividida em Positiva e Ambivalente.

Questão 33 - *“O que é que ele significa para ti, como é que tu o vês?”*

2ª Categoria – Relação com o Padrasto

Com esta segunda categoria pretendemos perceber de que forma tem evoluído a relação com o padrasto desde a entrada dele na vida das pré-adolescentes, qual o tipo de relação que têm com ele, se existe ou não percepção e reciprocidade afectiva, qual o tipo de conversas que têm e que não têm com o padrasto, o que fazem quando estão juntos, bem como que tipo de conflitos surgem entre a díade. Esta é a maior categoria de todas, mas também é, provavelmente, a que mais informação nos dá acerca do tipo de relação que existe entre a pré-

adolescente e o padrasto. Desta forma, esta categoria foi dividida em seis subcategorias de nível 1.

1ª Subcategoria nível 1– Evolução Relacional.

O objectivo desta subcategoria é perceber como foi que perceberam a apresentação do padrasto, quais as mudanças que sentem na relação com o padrasto e se existe desejo manifesto de mudança dessa mesma relação. Para uma melhor compreensão, dividimos esta subcategoria em três subcategorias nível 2

1ª subcategoria nível 2 -*Primeira Impressão.*

Questão 13 - “*E o que é que achaste, lembraste?*”

Pretendemos aqui, identificar a representação/afecto que está implícita na integração de um novo membro, adulto, no contexto familiar das pré-adolescentes. As respostas dadas pelos sujeitos levaram-nos ainda à divisão desta subcategoria em três subcategorias mais pequenas: Positiva, Negativa e ainda Indiferente/Não recorda, no caso das meninas que referem não se lembrar ou cujo momento, segundo as suas verbalizações, foi indiferente.

2ª subcategoria nível 2 - *Mudança na Relação*

Questão 19- “*E desde que o conhecestes até agora achas que mudou alguma coisa na vossa relação?*”

Questão 19.1 - *Mudou como? Porquê? O que aconteceu?*

Esta subcategoria foi ainda dividida em Sim e Não. Esta categorização permite-nos perceber a capacidade de percepção de ambos os grupos relativamente à mudança na relação desde o momento da apresentação até ao momento presente, a capacidade de evocar o passado e comparar com o presente.

3ª subcategoria nível 2 - *Desejo de Mudança*

Questão 22- “*Gostavas de mudar alguma coisa na vossa relação?*”

Para uma melhor compreensão do plano imaginário, de projecção e de desejo de mudança bem como da capacidade crítica face à relação real que as pré-adolescentes mantêm com o padrasto, esta subcategoria deu origem a duas subcategorias ainda mais pequenas: Presente e Ausente.

2ª subcategoria nível 1 – Tipo de Relação.

Com base nas respostas obtidas na questão 18 - “*Então e agora, como é a tua relação com ele?*”, dividimos esta subcategoria em duas subcategorias de nível 2: positiva e negativa. De forma a percebermos melhor que tipo de atributos dão à relação com o padrasto, achamos que deveríamos dividir as respostas positivas em Afectivas, Educativa (no sentido do padrasto ser visto com uma função de educador) e Lúdica (padrasto que brinca). O objectivo é perceber como é que as pré-adolescentes percebem e descrevem actualmente a relação com o padrasto.

3ª subcategoria nível 1 – Percepção e Reciprocidade Afectiva

Questão 23- “Tu sentes que ele gosta de ti?”

Questão 23.1- “Sentes que ele se preocupa contigo, com as tuas coisas?”

Questão 24- “E tu gostas dele?”

O objectivo desta categoria é perceber se existe ou não certeza afectiva na relação com o padrasto e se as meninas sentem que essa percepção é recíproca ou não. Com base nas respostas das meninas esta subcategoria foi dividida em duas subcategorias nível 2: Percepção afectiva (positiva ou de incerteza) e Reciprocidade Afectiva (positiva e negativa).

4ª subcategoria nível 1 – Conversas.

Questão 25- “Costumam conversar?”

Questão 25.1- “Sobre o quê?”

Questão 27- “E há alguma coisa/assunto que tu não fales mesmo com o teu “padrasto?”

Questão 27.1- “Porquê? Consegues explicar?”

Questão 26- “Se tivesses assim algum problema a quem é que tu contavas?”

Com esta subcategoria pretendemos compreender se há intimidade entre a enteada e o padrasto (25 e 25.1), se existem assuntos proibidos da menina relativamente ao padrasto (27 e 27.1)) e se, no caso de terem algum problema, se o padrasto surge como uma figura significativa na ajuda da resolução dos seus problemas (26). As respostas a estas questões deram origem às seguintes subcategorias nível 2:

1ª subcategoria nível 2 - *Ausência de Conversas*. Refere-se apenas às meninas que referiram não conversar com o padrasto.

2ª subcategoria nível 2 - *O que Falam*, que por sua vez deu origem a uma divisão em quatro outras subcategorias: Escola, Intimidade, Quotidiano, Educação, e Não Específica.

3ª subcategoria nível 2 - *O que Não Falam*. Com base nas respostas dos sujeitos, dividimos em Escola, Intimidade, Não Sabe/Não específica e Falam de Tudo.

4ª subcategoria nível 2 - *A Quem Recorrem*. Uma vez que o nos interessa aqui é perceber se depositam ou não confiança no padrasto em caso de terem algum problema, a divisão desta categoria foi feita em Pais e Padrasto (esta divisão engloba todas as meninas que fazem referência ao padrasto. No entanto, como todas elas referem também um dos pais ou ambos os pais, não nos pareceu correcto ter uma categoria designada apenas por Padrasto) e Outros (em que estão presentes todas as respostas em que não configure o padrasto).

5ª subcategoria nível 1 – actividades conjuntas

Questão 10 – “Então e o tempo que passam juntos como é que costuma correr?”

Com o objectivo de perceber se na relação enteada/padrasto há proximidade e se esta é agradável ou não à pré-adolescente, através do que as meninas referem fazer com o padrasto, foi feita a seguinte divisão:

1ª Subcategoria nível 2 - *Passear/Brincar*. Configura todas as respostas relacionadas com brincadeiras e passeios.

2ª Subcategoria nível 2 – *Televisão/Computador/Estar em Casa*. Nesta subcategoria englobámos todas as respostas que remetam para coisas feitas em casa, à excepção de tarefas familiares.

3ª Subcategoria nível 2 - *Tarefas Familiares*. Diz respeito a todas as unidades de registo que digam respeito às tarefas domésticas, bem como outros acontecimentos, como por exemplo o levar à escola.

4ª Subcategoria nível 2 - *Não Discrimina*

6ª subcategoria nível 1– conflitos. O que pretendemos com esta categoria é aceder ao tipo de conflitos presentes na relação e à forma como os sujeitos de ambos os grupos lidam com esses mesmos conflitos. Para esta categoria constaram as seguintes perguntas:

Questão 20- "Já alguma vez tiveram assim uma zanga os dois? Lembras-te como foi?"

Questão 21- "Como é que isso se resolveu?"

Com base nas respostas dadas pelas meninas às questões acima mencionadas, fizemos a seguinte divisão:

1ª subcategoria nível 2 – *Recordam*. Uma vez analisadas as respostas das meninas relativamente à questão 20, pensámos que seria interessante perceber que tipo de conflitos emergem mais, daí termos optado por dividir esta subcategoria em Autoridade, Provoações e Agressividade.

2ª subcategoria nível 2 - *Não Recordam*

3ª subcategoria nível 2 - *Resolução de Conflitos*. Quisemos aqui perceber qual a estratégia utilizada pelas pré-adolescentes na resolução dos conflitos com o padrasto, e, assim sendo, dividimos esta subcategoria em Dialogo, Evitamento / Deixa de Falar, e Ajuda Exterior (no caso das meninas que recorrem a pessoas externas à díade). Desta forma, conseguimos perceber se a menina resolve com o padrasto as divergências ou se, pelo contrario, recorre a outras pessoas ou se se afasta da resolução do conflito.

7ª subcategoria nível 1– Regras

Com esta subcategoria pretendemos perceber quem impõe as regras em casa das pré-adolescentes, que regras são impostas, bem como se há cumprimento ou não dessas mesmas regras. Mais especificamente, pretendemos perceber se o padrasto age como uma figura parental no que diz respeito ao que se exige e como é que as pré-adolescentes reagem a essas imposições.

Questão 30- "Como é que funcionam as coisas lá em casa, assim as regras, os horários quem é que toma conta disso?"

Questão 31- "E tu o que achas dessas regras, concordas? Costumas cumpri-las?"

Com base nas respostas das pré-adolescentes, foi feita a seguinte divisão:

1ª subcategoria nível 2 – *Quem impõe*. Dadas as respostas das meninas, esta subcategoria foi ainda dividida em quatro novas subcategorias: Mãe, Mãe e Padrasto,

Padrasto. Esta divisão foi feita pois pretendemos perceber até que ponto o padrasto tem influência na imposição de regras.

2ª subcategoria nível 2 – *Tipo de regras*. Dadas as respostas a esta subcategoria, dividimos ainda em: Horários, Tarefas domésticas e Outros.

3ª subcategoria nível 3 – *cumprimento das regras*. Tendo em conta aquilo que foi dito pelas meninas, dividimos esta categoria em Sim e Às vezes/Depende das Regras.

3ª Categoria – Marcos Importantes.

Com esta ultima grande categoria, pretendemos analisar três temas que achamos importantes para quem vê, de repente, a sua vida mudada pela introdução de um “estranho” no seio familiar. Esses marcos são a Apresentação do Padrasto, a Mudança que ocorreu na vida da pré-adolescente, Historias, acontecimentos, que as meninas tenham vivido com o padrasto e que estas considerem importantes. Posto isto, esta grande categoria foi dividida em três sucateiras nível 1.

1ª subcategoria nível 1– Apresentação do Padrasto.

Questão 12- “Ainda te lembras como o conhecestes, mesmo da primeira vez?”

Questão 16- “Há-de ter sido um pouco complicado para ti na altura, ainda te lembras como foi?”

Questão 17- “Tiveste um pouco de ciúmes, lembras-te como te sentiste?”

O que pretendemos desta categorização é perceber qual foi a assimilação feita pela pré-adolescente do novo namorado da mãe, se se recorda ou não desse momento e que impacto teve para si a entrada do padrasto na sua vida. Esta subcategoria foi dividida em três subcategorias nível 2, sendo que as duas primeiras remetem para o recordar ou não da apresentação do padrasto.

1ª subcategoria nível 2 - *Recorda*

2ª subcategoria nível 2 - *Não Recorda*

3ª subcategoria nível 2 - *Impacto Afectivo*. Com base no que pretendemos (saber de que tipo foi o impacto de conhecer o padrasto) e nas respostas das meninas às perguntas 16. e 17., dividimos ainda esta subcategoria em Positivo, Negativo e Nega Impacto/ Não Lembra.

2ª subcategoria nível 1– Mudança Vivencial.

Questão 14- “Como era a tua vida antes de conheceres o teu padrasto?”

Questão 15- “O que é que achas que mudou na tua vida depois de o teres conhecido?”

O que pretendemos é perceber que tipo de mudanças surgiram na vida das pré-adolescentes após a entrada do padrasto nas suas vidas. Com base nas respostas das meninas, dividimos esta subcategoria em Houve e Não Houve. Dadas as mudanças que as meninas relatam se referirem a Mudanças de ordem Afectiva e Mudanças de ordem mais Concreta, foi feita ainda esta divisão.

3ª subcategoria nível 1– Histórias.

Com esta subcategoria pretendemos perceber que tipo de acontecimentos reais são valorizados pelos sujeitos, se são positivos ou negativos, de forma a obter um retrato da relação a partir dos aspectos que as meninas destacam

1ª Subcategoria nível 2 - *Clima Positivo*

2ª Subcategoria nível 2 - *Clima Negativo*

3ª Subcategoria nível 2 - *Não Recorda*

Importa referir que, por não corresponderem ao que pretendíamos, duas questões não foram categorizadas. São elas: 31.1. – *Se não, porquê?* (no caso de não concordar com as regras, o porquê de não concordar) e a pergunta 31.2. – *“se não cumpres, o que acontece?”*. O objectivo era perceber de que forma era sentida, pelas meninas, a autoridade do padrasto. Contudo, as respostas foram limitadas não dando assim para proceder a uma análise adequada.

Também a questão 14. – *“Então e como era a tua vida antes de conheceres o teu padrasto?”* e a questão 15- *“Então e o que é que achas que mudou na tua vida depois de o teres conhecido?”* acabaram por ser integradas na mesma categoria uma vez que acabámos por perceber que remetiam para a mesma problemática.

ANEXO E
GRELHAS DE ANÁLISE
GRUPO 1

Primeira Categoria – O Padrasto

Tabela 1.1. - 1ª Subcategoria Nível 1: Como o Designam

Subcategorias Nível 2		Unidades de Registo	F	%
Como o Chamam	Nome próprio	<i>Suj. A; B; C; D; E; F</i>	6	66,7
	Pai	<i>Suj. I</i>	1	11,1
	Tio	<i>Suj. G; H</i>	2	22,2
Como o Designam aos Outros	Padrasto	<i>Suj. C; D; E</i>	3	33,3
	Pai	<i>Suj. A; I</i>	2	22,2
	Nome	<i>Suj. B</i>	1	11,1
	Outros	<i>“Sorriso estridente” suj. F</i> <i>“Tio” suj. G; H</i>	3	33,3
Conotação da Palavra “Padrasto”	Positiva	<i>“Ele é muito bom, não tem nada de mal na palavra padrasto. Eu gosto da palavra padrasto porque ele é muito bom” suj. G</i>	1	11,1
	Negativa	<i>“Mã” suj. C</i> <i>“Não sei, eu não gosto muito dessa palavra. Padrasto devia ser não um padrasto mas um pai” suj. H</i> <i>”Acho muito feia, prefiro chamar pai, é mais gira” suj. I</i>	3	33,3
	Neutra	<i>“No meu caso acho que não significa nada (...) É quando os pais se separam e vem outra pessoa para fazer o lugar do pai” suj. D</i> <i>“É quando as pessoas se separam e</i>	5	55,6

		<i>a mulher se casa com outro homem ou fica com outro homem” suj. E</i> <i>“Nada” suj A; F</i> <i>“Não consigo dizer” suj B</i>		
--	--	---	--	--

Tabela 1.2. - 2ª Subcategoria Nível 1: Como o Descrevem

Subcategorias Nível 2		Unidades de Registo	F	%
Descrição Física	Ausente	<i>Suj. A, C, D, F; H; I</i>	6	66,7
	Presente	<i>Suj. B; E; G</i>	3	33,3
Descrição Psicológica	Positiva 90,9%	Caract. Pessoais <i>“É simpático” suj. A; C; D; F; H;</i> <i>“É boa pessoa” suj. B, D; H</i> <i>“É fixe” suj. E, F</i> <i>“Gosta muito de crianças” suj B</i> <i>“Alegre” suj. C</i> <i>“Bom pai (...) Compreende bem as pessoas... brincalhão. Bom marido” suj. D</i> <i>“Carinhoso” Suj. E</i> <i>“É bom, não chateia a gente” suj. G</i> <i>“Faz-me rir” suj. H</i> <i>“É um querido, acho que é muito engraçado, ele trata muito bem de mim” suj I</i>	17	85
		Estar disponível <i>“Deixa fazer tudo o que a gente quer. Leva a gente sempre a passear” suj. G</i> <i>“É como se não tivesse filhos e trata-me como se fosse” suj. I</i>	2	10
		Educativa <i>“Ajuda-me a estudar” suj. A</i>	1	5

	Negativa	<p><i>“Chega a casa muito tarde” suj. A</i></p> <p><i>“Muito agarrado ao computador” suj. E</i></p>	2	9,1
O que gostam mais	Estar disponível	<p><i>“Está sempre comigo, brinca comigo” suj. B</i></p> <p><i>“Estava sempre a brincar comigo (...) jogamos, vamos passear” Suj. D</i></p> <p><i>“Quando ele nos ajuda, ou quando nos leva fora” suj. E</i></p> <p><i>“Principalmente quando estamos sozinhos em casa a almoçar. Ele começa a fazer disparates e eu começo-me a rir” suj. H</i></p> <p><i>“Ele costuma-me gravar montes de filmes, ajuda-me quando tenho dificuldades nas matérias” suj. I</i></p>	5	33,3
	Fazer o desejado	<i>“Fomos ao pavilhão do conhecimento (...) eu é que disse para irmos lá e ele disse que sim” suj. B</i>	1	6,7
	Características Pessoais	<p><i>“Da simpatia” suj. C; E</i></p> <p><i>“Preocupado connosco” suj. C</i></p> <p><i>“Quando é simpático connosco” suj. E</i></p> <p><i>“Ele é muito brincalhão, é fixe” suj. F</i></p> <p><i>“Como ele trata a gente” suj. G</i></p> <p><i>“É muito engraçado” suj. H</i></p> <p><i>“Um querido” suj. I</i></p>	8	53,3
	Não Responde/Tudo ou Nada	<i>“Tudo” suj. A</i>	1	6,7
O que gostam menos	Características Pessoais	<i>“Ele às vezes do nada fica assim (careta), está normal e fica assim” suj. F</i>	1	11,1
	Fazer o não desejado	<p><i>“Quando ele mexe nas minhas coisas” suj. H</i></p> <p><i>“Só quando ele me chama a atenção” suj. E</i></p>	2	22,2
	Gostam de tudo	<p><i>“Não há nada! Suj. A; C</i></p> <p><i>“Não” suj. G; I</i></p> <p><i>“Gosto de tudo” suj. B</i></p>	6	66,7

		<i>“Assim de repente não” suj. D</i>		
Como lidam com isso	Afastamento / fuga		0	
	Amuos / deixa de falar	<i>“Às vezes fico amuada” suj. E</i>	1	33,3
	Resolve com o padrasto	<i>“Eu digo para ele não fazer” suj. H</i>	1	33,3
	Sem estratégia / passividade	<i>“Nada, rio-me” suj. F</i>	1	33,3

Tabela 1.3. - 3ª Subcategoria nível 1: Como o Representam

Subcategorias Nível 2		Unidades de Registo	F	%	
Representação Familiar 54,5%	Pai	<i>“Como o meu pai” suj. A</i> <i>“Como um pai” Suj. D; H</i> <i>“Um pai óptimo, lindo e muito querido” suj. I</i>	4	36,3	
	Segundo Pai	<i>“ (...) É como se ele fosse substituir o pai mas não é bem nosso pai” suj. E</i> <i>“Como meu pai, meu pai segundo” suj. G</i>	2	18,2	
Representação Extra-Familiar 45,5%	Positiva	Namorado da mãe	<i>“É o namorado da minha mãe” Suj. C</i>	1	9,1
		Amigo	<i>“Amigo” Suj. B; C</i>	2	18,2
	Ambivalente	<i>“Como uma pessoa normal” suj. B; F</i>	2	18,2	

Segunda Categoria - Relação com o Padrasto

Tabela 2.1. - 1ª Subcategoria nível 1: Evolução Relacional

Subcategorias Nível 2		Unidades de Registo	F	%
Primeira Impressão	Positiva	<i>“Era fixe (...) envergonhado por conhecê-lo” suj. B</i> <i>“Simpático” suj. C; D</i> <i>“Foi um querido” suj. I</i> <i>“Ele foi fixe connosco” suj. E</i>	5	45,4
	Negativa	<i>“Achei um bocado estranho” suj. E</i>	1	9,1
	Indiferente/ Não recorda	<i>“Não me lembro” suj. A; F; H</i> <i>“Não achei nada” suj. G</i> <i>“Normal” suj. B</i>	5	45,4
Mudança na Relação	Sim (Proximidade)	<i>“Passeamos mais” suj. F</i> <i>“Tem vindo sempre a melhorar” suj. D</i>	2	22,2
	Não	<i>“Não” Suj. A; B; C; H; I</i> <i>“Acho que não” suj. E</i> <i>“Está igual, a gente sempre foi daquela maneira” suj. G</i>	7	77,8
Desejo de Mudança	Presente	<i>“Ele às vezes é um chato (...) se cada um tivesse as suas coisas não era assim, não estávamos sempre zangados por estarmos sempre a mexer nas coisas” suj. H</i>	1	11,1
	Ausente	<i>“Não” suj. A; B; C; F; G</i> <i>“Não. Sinceramente não gostava de mudar nada. Eu tenho uma boa relação com ele, não gostava de mudar nada” suj. D</i> <i>“Não, acho que está boa como está agora” suj. E</i> <i>“Não, acho que está óptima” suj. I</i>	8	88,9

Tabela 2.2. - 2ª Subcategoria nível 1: Tipo de Relação

Subcategorias Nível 2		Unidades de Registo	F	%
Positiva 92,9%	Afectiva	<i>“É boa, muito boa” suj. A</i> <i>“É boa” suj. C; D, G; E</i> <i>“É boa, damo-nos bem” suj. H</i> <i>“Bem, perfeito”, suj. I</i> <i>“Falamos” suj. B</i>	8	61,5
	Educativa	<i>“Ajuda-me a estudar” suj. D</i> <i>“Ele chama-nos a atenção quando nós estamos a fazer mal as coisas” suj. E</i>	2	15,4
	Lúdica	<i>“Brincamos muito” suj. B</i> <i>“Brinca comigo” suj. D</i> <i>“Leva-nos a jantar fora (...) leva-nos a sítios onde nunca tínhamos ido” suj. E</i>	3	23,1
Negativa		<i>“Mais ou menos” Suj. F</i>	1	7,1

Tabela 2.3. - 3ª Subcategoria nível 1: Percepção e Reciprocidade Afectiva

Subcategorias Nível 2		Unidades de Registo	F	%
Percepção Afectiva	Incerteza	<i>“Não sei” suj. F</i>	1	11,1
	Positiva	<i>“Sim” suj. A; B; C; D; E; G; H; I</i>	8	88,9
Reciprocidade Afectiva	Positiva	<i>“Sim” suj. A; B; C; D; E; F; G; H; I</i>	9	100
	Negativa		0	0

Tabela 2.4. - 4ª Subcategoria nível 1: Conversas

Subcategorias Nível 2		Unidades de Registo	F	%
Ausência de Conversas		<i>“Não, é mais preocupado com a M. (filha do padrasto) ” suj. C;</i> <i>“Não” suj. F</i> <i>“Não muito” suj. G; H</i>	4	44,4
O que falam	Escola	<i>“Como vai a escola” suj. B;</i> <i>“Sobre a escola” suj. D; I</i>	3	42,9
	Intimidade		0	0
	Quotidiano	<i>“Sobre o dia-a-dia” suj. A</i> <i>“Quando eu lhe faço uma pergunta ele responde (...) estamos a ver o telejornal eu pergunto palavras que eu nunca tinha ouvido falar” suj. E</i>	2	28,5
	Educação	<i>“O meu comportamento” suj. D</i> <i>“Saídas à rua” suj. I</i>	2	28,5
	Não especifica		0	0
O que não falam	Escola	<i>“Só dos problemas que tenho às vezes” suj. E</i> <i>“As coisas da escola” suj. H</i>	2	22,2
	Intimidade	<i>“Namorados” suj. C; D; G</i> <i>(sujeitos C e G após sugestões)</i> <i>“Coisas de raparigas” suj. I</i>	4	44,4
	Não sabe/Não especifica	<i>“Não falo quase nada com ele” suj. F</i>	1	11,1
	Falam de tudo	<i>“Não” suj. A; B</i>	2	22,2
A quem recorrem em caso de algum	Pais e Padrasto	<i>“À minha mãe e ao meu padrasto” suj. A</i> <i>“À minha mãe, e depois contava a</i>	2	22,2

problema		<i>ele” suj. B</i>		
	Outros	<i>“À minha mãe” suj. C; D; E; F; G; H “Não sei, depende do problema” suj. I</i>	7	77,8

Tabela 2.5. - 5ª Subcategoria nível 1: Atividades Conjuntas

Subcategorias Nível 2	Unidades de Registo	F	%
Passear / Brincar	<i>“É fixe, brincamos às vezes” suj. B “Passeamos” suj. D, “No sábado nós às vezes vamos dar uns passeios” suj. H “Às vezes vamos sair” suj. F “É giro, divirto-me muito com ele” suj. I</i>	5	38,5
Televisão / Computador/Estar em casa	<i>“Às vezes ficamos em casa a ver um filme” suj. F</i>	1	7,7
Tarefas Familiares	<i>“Vamos às compras” suj. D “Leva-me à escola” suj. E “Ficamos em casa a arrumar” suj. H</i>	3	23,1
Não Discrimina	<i>“É normal” suj. A “Corre bem” suj. C “É bom” suj. G, E</i>	4	30,8

Exceção 1: *“Ajuda a minha mãe também” suj. E.*

Exceção 2: *“e cada vez que faço uma pergunta ele ajuda, ele responde e esclarece as coisas (...) quando eu preciso de uma pesquisa ele pode fazer, ajudar” suj E. (Função de suporte).*

Tabela 2.6. - 6ª Subcategoria nível 1: Conflitos

Subcategorias Nível 2		Unidades de Registo	F	%
Recordam N=5 55,6%	Autoridade	<i>“Ele põe-me de castigo quando eu me porto mal (...) fiquei a ver televisão até tarde.” Suj. C</i> <i>“Porque ele ralha muito e eu não gosto” suj. E</i> <i>“Queria ir não sei para onde e estava contrária porque ainda tínhamos de ir buscar a minha mãe” suj. D</i>	3	60
	Provocações		0	0
	Agressividade	<i>“Tirou-me o telefone do ouvido (...) comecei a gritar com ele” suj. H</i>	1	20
Não recordam nenhum conflito		<i>“Não” suj. A; B, G</i> <i>“Ainda não” suj. F</i>	4	44,4
Resolução dos Conflitos	Diálogo	<i>“Estivemos a conversar” suj. D</i> <i>“Ainda não falámos, vou falar com ele quando sair das aulas” suj. H</i>	2	40
	Evitamento/Deixa de falar	<i>“Não ligamos” suj. I</i> <i>“Fico de castigo até ele acabar” suj. C</i>	2	40
	Ajuda exterior	<i>“Digo à minha mãe e depois ela fala com ele” suj. E</i>	1	20

Excepção 3 (Recorda ou não conflitos): *“coisinhas de nada, sem importância” suj. I.* Desvalorização dos conflitos. É de referir que apesar desta unidade de registo constar como excepção, ela foi contabilizada no número de sujeitos que recordam conflitos.

Tabela 2.7. - 7ª Subcategoria nível 1: Regras

Subcategorias Nível 2		Unidades de Registo	F	%
Quem Impõe	Mãe	<i>Suj. B; C; D; F; G; I</i>	6	75
	Mãe e Padrasto	<i>Suj. A; E</i>	2	25
	Padrasto		0	
Tipo de Regras	Horários	<i>“A certas horas vou dormir” suj. B “Ver televisão” suj. D “Não posso ficar até muito tarde” suj. F</i>	3	33,3
	Tarefas domésticas	<i>“É ele que me costuma ir deixar à escola” suj. A “Há dias em que uma pessoa mete a mesa, e há dias em que outra mete a mesa” suj. B “É ela (mãe) que nos vai buscar e ajuda-nos” suj. C “eu ajudo a arrumar” suj. H</i>	4	44,4
	Outros	<i>“Fazer os trabalhos de casa” suj. D “Brincar” suj. D</i>	2	22,2
Cumprimento das regras	Sim	<i>Suj. A; B</i>	2	66,7
	Às vezes / Depende das regras	<i>“Às vezes, quase sempre nós não costumamos fazer porque nós desarrumamos e depois já não nos apetece arrumar” suj. E</i>	1	33,3

Exceção: *“somos todos” suj. H.*

Terceira Categoria – Marcos Importantes

Tabela 3. 1. - 1ª Subcategoria Nível 1: Apresentação do Padrasto

Subcategorias Nível 2	Unidades de Registo	F	%
<p>Recorda</p>	<p><i>“Foi num café onde a mãe dele trabalhava e a minha mãe levou-me” suj. B</i></p> <p><i>“O meu padrasto já era amigo da minha mãe quando eles eram pequenos, então voltamo-nos a encontrar numa pizzeria quando íamos comprar pizza” Suj. C</i></p> <p><i>“Estávamos num café e eu queria jogar máquinas, então o meu padrasto ofereceu-me uma moeda” suj. D</i></p> <p><i>“Foi a minha mãe que um dia perguntou se alguém fosse viver lá para casa se nos importávamos. Nós dissemos que não. Depois ele veio, cumprimentou-nos e nós também” suj. E</i></p> <p><i>“Nós tínhamos ido almoçar a um restaurante. Primeiro ele era amigo da minha mãe (...) Depois fui para o meu pai e depois a minha mãe disse-me que estavam a começar a namorar” suj. F</i></p> <p><i>“Foi no Brasil. Depois a gente veio para cá e ele foi no aeroporto” suj. G</i></p> <p><i>“Ele foi lá a casa e eu conheci-o” suj. I</i></p>	7	77,8

Não recorda		<p>“Não, ele era amigo há muito tempo” suj. A</p> <p>“Não me lembro” suj. H</p>	2	22,2
Impacto Afectivo	Negativo	<p>“Eu sou muito ciumenta, então como antes era só eu e a minha mãe...” suj. D</p> <p>“Mais ou menos. A minha mãe às vezes ficava mais tempo com ele do que connosco, para saber os gostos dele” suj. E</p> <p>“Foi um bocado. (...) percebi que se iam casar e eu ia ficar com um padrasto” suj. I</p> <p>“mais ou menos, por causa que ele é muito bom” suj. G</p>	4	44,4
	Positivo		0	0
	Nega impacto/Não lembra	<p>“Não me lembro” suj. A, H</p> <p>“Não” suj. B, F</p> <p>“Não, eu já o conhecia” suj. C</p>	5	55,6

Tabela 3.2. - 2ª Subcategoria nível 1 – Mudança Vivencial

Subcategorias Nível 2		Unidades de Registo	F	%
Houve 77,8%	Mudanças Concretas	<p>“Tive mais uma irmã” suj. H</p> <p>“Vivia com a minha avó (...) disse à minha avó que queria vir viver com a minha mãe, depois vim” suj. B</p> <p>“Foi ter vindo para Portugal” suj. G</p> <p>“Era só eu e a minha mãe e vivíamos com os meus avós” suj. D</p>	5	71,5

		<i>“Passámos a ter mais pessoas em casa” suj. C</i>		
	Mudanças Afectivas	<i>“A minha mãe chama mais a atenção” suj. E</i> <i>“Passou a ser mais divertido cá em casa” suj. I</i>	2	28,5
	Não Houve	<i>“Nada” suj. A</i> <i>“Não” suj. F</i>	2	22,2

Tabela 3.3. - 3ª Subcategoria Nível 1: Histórias

Subcategoria nível 2	Unidades de registo	F	%
Clima Positivo	<i>“Quando fui nadar com os golinhos” suj. I</i> <i>“Ele levou-me lá a um sítio onde havia cães pequeninos (...) e ele disse: olha, por mim podes levar” suj. F</i>	2	22,2
Não recorda	<i>“Não” Suj. A; B; C; D; E; G; H;</i>	7	77,8

ANEXO F
GRELHAS DE ANÁLISE
GRUPO 2

Primeira Categoria – O Padrasto

Tabela 4.1. - 1ª Subcategoria Nível 1: Como o Designam

Subcategorias Nível 2		Unidades de Registo	F	%
Como o chamam	Nome próprio	<i>Suj. 1; 2; 3; 4; 5; 6; 7; 8;</i>	8	88,9
	Pai	<i>Suj. 9</i>	1	11,1
	Tio		0	0
Como o designam aos outros	Padrasto	<i>Suj. 1; 2; 4; 6; 8</i>	5	41,7
	Pai	<i>Suj. 3; 9; 7</i>	3	25
	Nome	<i>Suj. 5; 2; 6; 7</i>	4	33,3
	Outros			0
Conotação da palavra “Padrasto”	Positiva	<p><i>“Adoro, acho muito gira (...) até porque ele é dos bons padrastos” suj. 2</i></p> <p><i>“É um segundo pai”. Suj. 3</i></p> <p><i>“É como se fosse um pai” suj 4;</i></p> <p><i>“O mesmo que pai” suj. 9</i></p> <p><i>“Dizem que quando é padrasto é uma pessoa má, eu não acho isso” suj. 8</i></p> <p><i>“Há pessoas que acham que os padrastos é como na branca de neve, são sempre maus, mas não” suj. 7</i></p>	6	60
	Negativa	<p><i>“Não gosto” suj. 5</i></p> <p><i>“não gosto. É um bocado estranha, padrasto é muito forte” suj. 6</i></p>	2	20

	Neutra	<p>“Não é pai de sangue, mas é outra pessoa, não sei explicar” suj. 1</p> <p>“Não tem significado nenhum, é como se fosse pai mas não é do nosso sangue” suj. 7</p>	2	20
--	---------------	---	---	----

Tabela 4.2. - 2ª Subcategoria Nível 1: Como o Descrevem

Subcategorias Nível 2		Unidades de Registo	F	%
Descrição física	Ausente	Suj. 1; 2, 5, 6; 8; 9	6	66,7
	Presente	Suj. 3; 4; 7	3	33,3
Descrição Psicológica	Positiva 78,9%	Caract. Pessoais	13	86,7
		Estar disponível	2	13,3
		Educativa	0	0
	Negativa	4	21,1	

		<i>bebe” suj. 4</i> <i>“É um bocadinho orgulhoso e teimoso” suj. 7</i> <i>“Quando faço alguma coisa que ele não gosta começa a refilar mas não passa disso” suj. 9</i>		
O que gostam mais	Estar disponível	<i>“De me ajudar” suj. 2</i> <i>“Como me dá atenção e fala comigo” suj. 4</i> <i>“Está sempre a brincar” suj. 8</i>	3	20
	Fazer o desejado	<i>“Tenta sempre me satisfazer” suj. 7</i>	1	6,7
	Características Pessoais	<i>“Ser simpático” suj. 2; 6; 8</i> <i>“Brincalhão” suj. 2</i> <i>“Bondade” suj. 3</i> <i>“Ser amigo” suj. 5</i> <i>“Não se chateia muito, tenta levar sempre as coisas com calma” suj. 7</i> <i>“Como se preocupa comigo” suj. 4</i> <i>“É querido” suj. 8</i> <i>“Transmite paz, calma” suj. 9</i>	10	66,7
	Não Responde/Tudo ou Nada	<i>“Não me vem nada à cabeça” suj. 1</i>	1	6,7
O que gostam menos	Características Pessoais	<i>“O álcool” suj. 4</i> <i>“Ele ser convencido” suj. 5</i> <i>“É um bocado rezingão” suj. 7</i> <i>“Ele às vezes é muito chato” suj. 8</i> <i>“É muito mandão” suj. 9</i>	5	50
	Fazer o não desejado	<i>“Quando ele começa a ralar comigo quando faço alguma coisa mal” suj. 1</i> <i>“Quando ele ralha comigo” suj. 3</i> <i>“Às vezes bate a porta com um</i>	4	40

		<i>bocado de força e eu fico enervada porque não gosto do barulho” suj. 1</i> <i>“Está sempre a ralar, porque eu às vezes faço as coisas erradas” suj. 8</i>		
	Gostam de tudo	<i>“Não” suj. 6</i>	1	10
Como lidam com isso	Afastamento / fuga	<i>“Fico no quarto” suj. 4</i> <i>“Saio logo dali e vou para o meu quarto” suj. 7</i> <i>“Eu tento fugir, começo a ir para o quarto (...) depois eu passo e ele vem ter comigo e pede desculpa” suj. 9</i> <i>“Tapo os ouvidos” suj. 1</i>	4	50
	Amuos / deixa de falar		0	0
	Resolve com o padrasto	<i>“Peço-lhe para ele não deixar ir para lá a cadela” suj. 2</i> <i>“Refilo também” suj. 3</i> <i>“Depois eu peço-lhe desculpa” suj. 8</i>	3	37,5
	Sem estratégia / passividade	<i>“Não ligo” suj. 5</i>	1	12,5

Exceção 4 (Descrição do Padrasto): *“É solteiro” suj. 3*

Exceção 5 (O que Gostam Menos): *“Só a cadela dele é que eu não gosto” suj. 2*, Pode ser por deslocamento ou por ciúme «não gosto dele mas não posso dizer»

Tabela 4.3. - 3ª Subcategoria nível 1: Como o Representam

Subcategorias Nível 2		Unidades de Registo	F	%
Representação Familiar 44,4%	Pai	<i>“Como um pai”</i> suj. 3; 7; 8	3	33,3
	Segundo Pai	<i>“Um segundo pai”</i> Suj. 6	1	11,1
Representação Extra-Familiar 55,6%	Positiva	Namorado da mãe <i>“Namorado da minha mãe só que agora vive connosco”</i> suj. 2	1	11,1
		Amigo <i>“Como um grande amigo que me ajuda muito”</i> suj. 1 <i>“Como se fosse um amigo”</i> suj. 4; 5	3	33,3
	Ambivalente	<i>“Eu acho que ele significa muito (...) fez mudar minha mãe e a mim também”</i> suj. 9	1	11,1

Segunda Categoria - Relação com o Padrasto

Tabela 5.1. - 1ª Subcategoria nível 1: Evolução Relacional

Subcategorias Nível 2		Unidades de Registo	F	%
Primeira Impressão	Positiva	<p><i>“Gostei dele” suj. 2</i></p> <p><i>“Achei-o simpático” suj. 2; 8</i></p> <p><i>“Ele está sempre animado, está sempre a brincar com as pessoas” suj. 5</i></p> <p><i>“Eu gostei logo, porque ele brincava muito connosco” suj. 6</i></p>	5	50
	Negativa	<p><i>“Achei que a minha mãe ia dar mais atenção a ele do que a mim e ao meu irmão” suj. 4</i></p> <p><i>“Foi um bocadinho estranho (...) foi o primeiro relacionamento a serio depois da separação” suj. 7</i></p>	2	20
	Indiferente/ Não recorda	<p><i>“Não me importei” suj. 1</i></p> <p><i>“Não” suj. 3; 9</i></p>	3	30
Mudança na Relação	Sim Proximidade	<p><i>“A confiança, antes não me dava assim tão bem com ele” suj. 2</i></p> <p><i>“Fui mais simpatizando com ele” suj. 4</i></p> <p><i>“Somos mais amigos, estamos mais juntos” suj. 5</i></p> <p><i>“Agora já estou mais apegada a ele” suj. 9</i></p>	4	44,4
	Não	<p><i>“Não” suj. 1; 8</i></p> <p><i>“Tem sido sempre a mesma” suj. 3</i></p> <p><i>“Tem sido sempre igual” suj. 6</i></p> <p><i>“Não mudou nada” suj. 7</i></p>	5	55,6
Desejo de Mudança	Presente	<p><i>“Que nos déssemos melhor” suj. 3; 4</i></p> <p><i>“Ele não bebesse tanto” suj. 4</i></p> <p><i>“Ele deixar de ser um bocado</i></p>	4	40

		<i>mandão” suj. 9</i>		
	Ausente	<i>“Não” suj. 1; 2; 5; 6; 7; 8</i>	6	60

Tabela 5.2. - 2ª Subcategoria nível 1: Tipo de Relação

Subcategorias Nível 2		Unidades de Registo	F	%
Positiva 88,9	Afectiva	<i>“Conversamos” suj. 2</i> <i>“Preocupa-se comigo, dá-me atenção” suj. 4</i> <i>“Damo-nos super bem” suj. 7</i> <i>“É como se fosse pai e filha” suj. 8</i> <i>“Temos uma certa amizade” suj. 9</i> <i>“É boa” suj. 1; 5; 6</i>	8	80
	Educativa	<i>“Ajudamo-nos um ao outro” suj. 2</i>	1	10
	Lúdica	<i>“Brincamos” suj. 2</i>	1	10
Negativa		<i>“Às vezes, quando ele bebe, nós, a minha mãe discute” suj. 4</i>	1	11,1

Tabela 5.3. - 3ª Sub-Categoria nível 1: Percepção e Reciprocidade Afectiva

Subcategorias Nível 2		Unidades de Registo	F	%
Percepção Afectiva	Incerteza		0	0
	Positiva	<i>“Sim” suj. 1; 3; 4; 5; 6; 7; 9;</i> <i>“Claro” 2; 8</i>	9	100
Reciprocidade Afectiva	Positiva	<i>Suj. 1; 2; 3; 4; 5; 6; 7; 8; 9</i>	9	100

	Negativa		0	0
--	-----------------	--	---	---

Tabela 5.4. - 4ª Sub-Categoria nível 1: Conversas

Subcategorias Nível 2		Unidades de Registo	F	%
Ausência de Conversas		<i>“Não costumamos conversar muito” suj. 4</i>	1	11,1
O que falam	Escola	<i>“Sobre as notas” suj. 1</i> <i>“Da minha escola” suj. 7</i> <i>“Como está a correr a escola” suj. 8</i>	3	33,3
	Intimidade	<i>“Namorados” suj. 2</i> <i>“Sobre os relacionamentos” suj. 3</i> <i>“Sobre ele com a minha mãe” suj. 7</i>	3	33,3
	Quotidiano	<i>“Ele gosta muito de desporto, começamos a conversar sobre isso” suj. 9</i>	1	11,1
	Educação	<i>“Eu às vezes chateio-me com a minha mãe e ele fala comigo” suj. 5</i>	1	11,1
	Não específica	<i>“Com ele depende” suj. 6</i>	1	11,1
O que não falam	Escola	<i>“Das notas por acaso ele não sabe” suj. 1</i> <i>“Às vezes tem assim discussões aqui na escola e eu prefiro não falar” suj. 9</i>	2	20
	Intimidade	<i>“Sobre os namorados” suj. 5; 7; 8</i> <i>“Os meus amigos” suj. 7</i> <i>“Não costumo falar sobre o meu dia-a-dia” suj. 4</i>	5	50
	Não sabe/Não Especifica	<i>“Há sempre alguma coisa (...) depende das situações” suj. 6</i>	1	10
	Falam de tudo	<i>“Falamos de tudo” suj. 2</i> <i>“Eu falo de tudo com ele” suj. 3</i>	2	20

A quem recorrem em caso de algum problema	Pais e Padrasto	<p>“À minha mãe e ao meu pai e ao meu padrasto” suj. 3</p> <p>“À minha mãe e ao meu padrasto” suj. 6</p>	2	22,2
	Outros	<p>“Era mais ao meu irmão” suj. 9</p> <p>“À minha cunhada, que é a namorada do meu irmão” suj. 1</p> <p>“À minha mãe” suj. 4; 8</p> <p>“À minha mãe e ao meu pai” suj. 5</p> <p>“Se tivesse de contar, contava à minha mãe” suj. 7</p> <p>“Depende do problema” suj. 2</p>	7	77,8

Tabela 5.5. - 5ª Subcategoria nível 1: Atividades Conjuntas

Subcategorias Nível 2	Unidades de Registo	F	%
Passear / Brincar	<p>“Passear” suj. 4; 5; 7</p> <p>“gosto muito de ir ao fórum passear, começamos a ver lojas (...) começamos a ver cinema” suj. 9</p>	4	23,5
Televisão / Computador/Estar em casa	<p>“Ver filmes” suj. 1</p> <p>“Ele ajuda-me no computador” suj. 2</p> <p>“Em casa também costumamos estar” suj. 4</p>	3	17,6
Tarefas Familiares	<p>“Às vezes cozinhamos os dois” suj. 2</p> <p>“Ajuda-me imenso (...) Vamos muitas vezes passear com a cadela” suj. 7</p>	3	17,6
Não Discrimina	<p>“É bom” suj. 3; 5</p> <p>“É divertido” suj. 1; 5; 6</p> <p>“É giro estar com ele” suj. 6</p> <p>“É bom, é como se fosse meu pai” suj. 8</p>	7	41,2

Tabela 5.6. - 6ª Subcategoria nível 1: Conflitos

Subcategorias Nível 2		Unidades de Registo	F	%
Recordam N=5	Autoridade	<p><i>“Quando eu não quero fazer os trabalhos de casa (...) começa a ralhar comigo” suj. 3</i></p> <p><i>“Eu estava a falar com a minha mãe (...) ele chamou-me a atenção” suj. 5</i></p>	2	40
	Provocações	<i>“É porque ele é muito sensível e, chateamo-nos às vezes por coisas que acontecem, pelo computador e essas coisas” suj. 7</i>	1	20
	Agressividade	<i>“Ele estava zangado com o irmão (...) quando entrei lá em casa ele começou, levantou-me a mão para me bater e depois eu fui a correr para o quarto” suj. 1</i>	1	20
Não recordam nenhum conflito		<p><i>“Que me esteja a lembrar não” suj. 2</i></p> <p><i>“Não” suj. 4; 9</i></p> <p><i>“Não me estou a lembrar de nenhum específico” suj. 8</i></p>	4	44,4
Resolução dos Conflitos	Diálogo	<i>“Umás vezes conversamos” suj. 8</i>	1	16,7
	Evitamento/ Deixa de falar	<p><i>“Faço os trabalhos de casa” suj. 3</i></p> <p><i>“ Oh, nós nem temos tempo para isso, no dia seguinte é como se não se tivesse passado nada. Ele fica completamente normal e eu também” suj. 7</i></p> <p><i>“Já está tudo bem passado um bocado, ele é compreensivo” suj. 6</i></p> <p><i>“Ele não se quis chatear comigo” suj. 5</i></p>	4	66,7
	Ajuda exterior	<i>“A minha mãe falou com ele” suj. 1</i>	1	16,7

Exceção 6: “*Daquelas pequeninas*” suj. 6 – Desvalorização dos conflitos. É de referir que apesar de ser considerado uma exceção, foi contabilizado no número de sujeitos que se recorda de conflitos com o padrasto

Tabela 5.7. - 7ª Subcategoria nível 1: Regras

Subcategorias Nível 2		Unidades de Registo	F	%
Quem impõe	Mãe	“É a minha mãe” suj. 2; 4; 5; 7 “Quando a minha mãe me pede alguma coisa eu tenho de fazer” suj. 8	5	55,6
	Mãe e Padrasto	“A minha mãe e ele” suj. 1 “Eles conversam os dois” suj. 6	2	22,2
	Padrasto	“O meu padrasto” suj. 3; 9	2	22,2
Tipo de Regras	Horários	“Dormir” suj. 2 “É a minha mãe que me dá liberdade” suj. 4 “Horas para deitar” suj. 5 “Quando saia com os meus amigos tinha de estar em casa cedo” suj. 5 “Tem de estar às 7h30 em casa “Tenho hora para ir à internet” suj. 9 “Tem de estar sempre pontual na hora do jantar” suj. 9	6	60
	Tarefas domésticas	“Pôr a mesa” suj. 2 “Arrumar as coisas” suj. 2 “Ajudar nas tarefas” suj. 7 “Como tenho uma cadela tenho sempre de levar ela para passear” suj. 9	4	40
	Outros		0	
Cumprimento das regras	Sim	“Sim” suj. 4 “Mas cumpro porque pronto, tem de	2	33,3

		<i>ser” suj. 6</i>		
	Não		0	
	Às vezes / Depende das regras	<i>“Às vezes (...) eu não gosto de limpar a casa e não limpo” suj. 1</i> <i>“Às vezes” suj. 2; 8</i> <i>“Às vezes, a parte da internet eu não cumpro” suj. 9</i>	4	66,7

Terceira Categoria – Marcos Importantes

Tabela 6.1. - 1ª Subcategoria Nível 1: Apresentação do Padrasto

Subcategorias Nível 2		Unidades de Registo	F	%
Recorda		<p><i>“Eu já o conhecia (...) a minha mãe quando se juntou com ele perguntou-me se eu gostava dele (...) se se podia juntar com ele” suj. 1</i></p> <p><i>“Fui de fim-de-semana com o meu pai e no domingo quando cheguei a casa ele estava lá” suj. 2</i></p> <p><i>“Ia ter com a minha mãe ao trabalho dela e apareceram os dois ao mesmo tempo” suj. 4</i></p> <p><i>“Foi na festa de anos de um colega meu” suj. 5</i></p> <p><i>“A minha mãe apresentou-mo como amigos, e pronto, foi acontecendo” suj. 6</i></p> <p><i>“Ele foi lá jantar connosco” suj. 7</i></p> <p><i>“Ele foi lá a casa e a minha mãe apresentou-mo” suj. 8</i></p> <p><i>“Estava a jogar à bola com o meu irmão e ele foi lá, apanhou a bola e depois começou a conversar” suj. 9</i></p>	8	88,9
Não recorda		<i>“Não” suj. 3</i>	1	11,1
Impacto Afectivo	Negativo	<p><i>“À primeira foi, claro (...) tinha a atenção dela só para mim e depois pensava que ela não era só minha e ficava com ciúmes ” suj. 5</i></p> <p><i>“Senti como se a minha mãe se fosse afastar de mim e do meu irmão” suj. 4</i></p>	2	22,2

	Positivo	<p><i>“Até foi melhor (...) Senti que ela (mãe) estava feliz, que era o que nós queríamos” suj. 1</i></p> <p><i>“Fiquei feliz porque pronto, a minha mãe ter encontrado outra pessoa” suj. 7</i></p>	2	22,2
	Nega Impacto/Não Lembra	<p><i>“não me lembro” suj. 3</i></p> <p><i>“Não” suj. 2; 9</i></p> <p><i>“Não porque eu gostei dele” suj. 6</i></p> <p><i>“Não, já tinha 7 anos” suj. 8</i></p>	5	55,6

Tabela 6.2. - 2ª Subcategoria nível 1 – Mudança Vivencial

Subcategorias Nível 2		Unidades de Registo	F	%
Houve 66,7	Mudanças Concretas	<p><i>“Nasceram os meus irmãos” suj. 8</i></p> <p><i>“Tivemos de mudar de casa (...) Fiquei mais perto da escola” suj. 1</i></p> <p><i>“Antes não comprava assim tanta roupa, e agora já tenho mais coisas” suj. 1</i></p> <p><i>“Já temos mais possibilidades económicas” suj. 4</i></p> <p><i>“Parei de mudar de escola (...) Antes eu tinha mais liberdade” suj. 9</i></p>	5	55,6
	Mudanças Afectivas	<p><i>“A minha mãe deixou de me chatear tanto, deve ser por estar contente” suj. 2</i></p> <p><i>“Era muito sossegado, agora é mais divertido” suj. 2</i></p> <p><i>“Tenho-o a ele” suj. 7</i></p> <p><i>“A minha vida passou a ser mais calma” suj. 9</i></p>	4	44,4
Não Houve		<p><i>“Era a mesma coisa” suj. 8</i></p> <p><i>“Não mudou nada (...) Ela dá-me a mesma atenção. Não me pôs de parte” suj. 5</i></p>	3	33,3

	<i>“Não, acho que não” suj. 6</i>		
--	-----------------------------------	--	--

Tabela 6.3. - 3ª Subcategoria Nível 1: Histórias

Subcategorias nível 2	Unidades de Registo	F	%
Clima Positivo	<i>“Sábado fomos só eu e ele à praia. E é divertido porque ele é brincalhão” suj. 6</i> <i>“Primeiro passeio que demos, na aldeia dos macacos” suj. 7</i> <i>“O dia em que o conheci” suj. 8</i> <i>“Foi uma vez ao jantar (...) ele já estava um bocado bêbado (...) e nós riamo-nos porque achávamos que era da maneira que ele estava a falar. E ele no outro dia já não se lembrava.” Suj. 1</i>	4	44,4
Não recorda	<i>Suj. 2; 3; 4;5; 9</i>	5	55,6

ANEXO G
TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS
GRUPO 1 – 11 ANOS

SUJEITO A

Como te chamas?

M.

E que idade tens?

11.

Vives com quem?

Com as minhas duas irmãs, com a minha mãe e com o meu padrasto.

Que idade é que eles têm?

A minha mãe tem 33, o meu padrasto tem 40. **E as tuas irmãs?** Uma tem 5 a outra tem

3.

E só tens essas duas irmãs?

(acena com a cabeça que sim).

Então os teus pais estão separados, tu lembras-te que idade tinhas quando eles se separaram?

Eu acho que foi aos 1.

Um ano?

Sim.

E quantos anos tinhas quando a tua mãe se juntou novamente?

Seis. **Tinhas seis.**

Como é que tu tratas o teu padrasto?

Ele chama-se P. J., mas eu chamo-lhe J. (diminutivo).

E quando falas para outras pessoas, para os teus amigos como é que tu te referes?

J... Não, o meu pai.

Costumas passar muito tempo com ele e com a tua mãe?

(acenou com a cabeça que sim) **costumas?** Sim.

E como é passar o dia-a-dia com ele?

Então, é normal.

Sabes, eu não conheço o teu “padrasto”, por isso gostava que me disseses como ele é?

Bem, ele é simpático. Ajuda-me a estudar e (...) chega a casa, chega a casa muito tarde.

Ainda te lembras como o conheceste, mesmo da primeira vez?

Não. **Não te lembras mesmo de nada?** Não, porque ele era, era amigo há muito tempo.

E não te lembras quando a tua mãe disse que ele era namorado dela?

Não.

O que é que achaste lembraste?

... Não, não, não me lembro.

Então e como era a tua vida antes de conheceres o teu padrasto?

Eh... não sei, acho que era igual.

Hum... então também não me sabes dizer se mudou alguma coisa na tua vida depois de o conheceres, ou sabes?

Não.

Ok. Então e... Lembraste se foi complicado quando ele foi viver lá para casa?

Não.

E ciúmes?

Não me lembro.

Hum... não te lembraste assim de muita coisa dessa altura...

Pois.

Então e agora, como é a tua relação com ele?

É boa, muito boa.

E desde que o conheceste até agora achas que mudou alguma coisa na vossa relação?

Não.

Já alguma vez tiveram assim uma zanga os dois? Lembraste como foi?

Não. **Nenhuma?** Não, não nos costumamos chatear.

Gostavas de mudar alguma coisa na vossa relação?

Não.

Tu sentes que ele gosta de ti?

Sim.

Sentes que ele se preocupa contigo, com as tuas coisas?

Sim.

E tu? Gostas dele?

Gosto, claro.

O que mais gostas nele?

Tudo. **Não há assim nada especial que gostes nele?** Não.

Costumam conversar? Sobre o quê?

Sim, sobre o dia-a-dia.

Se tivesses assim algum problema a quem é que tu contarias?

À minha mãe e ao meu padrasto.

E há alguma coisa que tu não fales com ele, mesmo?

Não.

Falas assim... de tudo?

Sim.

Há assim alguma coisa nela que te irrite que te incomode muito?

Não. **Qualquer coisa que tu não gostes ou gostes menos? ... Não.**

Como é que funcionam as coisas lá em casa, assim as regras, os horários quem é que toma conta disso?

Funcionam bem. É ele que me costuma ir deixar a escola, a mim... só à sexta-feira é que deixa às três. A minha irmã anda no ramalhão. A mais pequenina. E eu tenho aulas às 9 à sexta e entramos todas ao mesmo tempo e ele vai-nos deixar às três.

E tu o que achas dessas regras? Concordas? Costumas cumpri-las?

As regras quem as põe é ele e a minha mãe. Cumpro. **E cumpres porque depois acontece alguma coisa ou... não, cumpro porque acho que devo cumprir.**

Lembras-te assim de alguma história, um episódio que se tenha passado contigo e com o teu “padrasto” que aches importante?

(...) Não.

Estamos quase a terminar...

O que é que ela significa para ti, como é que tu o vês?

Como o meu pai.

O que é que tu achas da palavra “padrasto”?

(...) Nada.

FIM

O que achaste da entrevista? Como é que te sentiste?

Foi boa, senti-me bem.

Houve assim alguma pergunta que tenhas achado muito ou mais difícil de responder?

Não.

SUJEITO B

Como te chamas?

M.

E que idade tens?

11.

E vives com quem?

Com a minha mãe e com o meu padrasto.

Que idades têm eles sabes?

A minha mãe tem 31 e o meu padrasto 29.

Tens irmãos?

Não.

Então os teus pais estão separados, tu lembras-te que idade tinhas quando eles se separaram?

Hum, 2/3 anos.

E quantos anos tinhas quando a tua mãe se juntou novamente?

7.

Então, tens um “padrasto”, como é que tu lhe chamas?

N.

E quando falas dele para outras pessoas, para os teus amigos como é que tu dizes?

Que ele é bom, que é boa pessoa, que gosto muito dele. **E como é que tu dizes que é o teu padrasto?**

N.

Com quem é que passas mais tempo no teu dia-a-dia?

Com o meu padrasto, que a minha mãe trabalha no fórum. **E é com ele que tu passas assim o... o fim-de-semana. Estás com a tua mãe só ao fim de semana é?** Sim, porque a minha mãe está a trabalhar no fórum e eu não posso ir com ela.

E como é passar o dia-a-dia com ele?

É fixe, brincamos às vezes.

Sabes, eu não conheço o teu “padrasto”, por isso gostava que me disseses como ele é?

É alto... tem cabelo rapado, assim (passa a mão na cabeça).

E como pessoa como é que ele é?

É boa pessoa, gosta muito de crianças.

Ainda te lembras como o conhecestes, mesmo da primeira vez?

Foi num café onde a mãe dele trabalhava, e a minha mãe levou-me.

O que é que achaste lembras-te?

Ele era fixe, era envergonhado por conhece-lo (risos). Normal.

Então e como era a tua vida antes de conheceres o teu padrasto?

Vivia com a minha avó. **E só depois de conheceres o teu padrasto é que vocês foram viver juntas.** Foi assim, eu fui passar umas férias à minha mãe, e estava na escola com a minha... lá em Alverca, em Lisboa, e disse à minha avó que queria vir viver com a minha mãe, depois vim. **E já estava a tua mãe com o teu padrasto?** Sim.

Então e o que é que achas que mudou na tua vida depois de o teres conhecido, foi isso de mudar de casa, e mais alguma coisa?

(...) Eh (...) não.

Foi complicado para ti na altura em que o conhecestes? Lembras-te?

Não.

Tiveste ciúmes?

Não.

Então e agora, como é a tua relação com ele?

Brincamos muito, falamos (...).

E desde que o conhecestes até agora achas que mudou alguma coisa na vossa relação?

Não.

Já alguma vez tiveram assim uma zanga os dois? Lembras-te como foi?

Não.

Gostavas de mudar alguma coisa na vossa relação?

Não.

Tu sentes que ele gosta de ti?

Sim.

Sentes que ele se preocupa contigo, com as tuas coisas?

Sim.

E tu? Gostas dele?

Sim.

O que mais gostas nele?

Está sempre comigo, brinca comigo. Ainda fomos há pouco tempo, fomos ao pavilhão do conhecimento. Eu também levei uma amiga. Eu já tinha ido lá, eu é que disse para nós irmos lá e ele disse que sim.

Costumam conversar?

Sim.

Sobre o quê

Como é que vai a escola, se esta tudo bem.

Se tivesses algum problema eras capaz de lhe contar?

Sim.

Se tivesses assim algum problema a quem é que tu contavas?

À minha mãe, e depois contava a ele.

E há alguma coisa que tu não fales com ele, mesmo?

Não.

Falas de tudo? Sim.

Há assim alguma coisa nele que te irrite ou incomode muito? Qualquer coisa que tu não gostes ou gostes menos?

Não, gosto de tudo. **Gostas de tudo? Que bom!**

Como é que funcionam as coisas lá em casa, assim as regras, os horários quem é que toma conta disso?

É a minha mãe (risos). **E que tipo de regras tens lá em casa?** A umas certas horas vou dormir... Mas aos fins-de-semana é diferente (risos). Há dias em que uma pessoa mete a mesa, e há dias em que outra mete a mesa.

E tu concordas com essas regras?

Sim.

E cumpres as regras?

Sim.

Lembras-te assim de alguma história, um episódio que se tenha passado contigo e com o teu “padrasto” que aches importante?

(...) Não me lembro...

Estamos quase a terminar...

O que é que ela significa para ti, como é que tu o vês?

Vejo-o como uma pessoa normal, amigo.

O que é que tu achas da palavra “padrasto”?

Que é (...) não sei...

Não sabes?

Não, não consigo dizer (risos).

FIM

O que achaste da entrevista? Como é que te sentiste?

Bem.

Houve assim alguma pergunta que tenhas achado muito ou mais difícil de responder?

A última (risos) **Qual? A da palavra padrasto?** Sim. **E achaste difícil porque, consegues dizer?** Não sei bem dizer isso.

SUJEITO C

Como te tu chamas?

R.

E que idade tens?

11. 11 Anos.

Vives com quem?

Com a mãe e com o padrasto. **E mais quem?** Com os filhos do padrasto e com o meu irmão. **Então, o teu irmão e os filhos do teu padrasto que idade é que têm?** Um tem 6 e o outro tem 10. **E o teu irmão que idade é que ele tem?** Tem 12 é mais velho do que tu? **É mas vive com vocês também** sim. **E os filhos do teu padrasto vivem com vocês? Não ficaram com a mãe?** Não, vivem connosco.

Que idades tem a tua mãe e o teu padrasto?

Ora bem... a minha mãe tem... 34 e o meu padrasto tem 32.

Então os teus pais estão separados, tu lembras-te que idade tinhas quando eles se separaram?

Tinha... não sei muito bem... 4 acho.

E quantos anos tinhas quando a tua mãe se juntou novamente?

Foi há um ano mais ou menos. **Está a viver com vocês há um ano?** Sim

Então, tens um “padrasto”, como é que tu lhe chamas?

Pelo nome dele. **Como é que ele se chama?** R.

E quando falas dele para outras pessoas, para os teus amigos como é que tu te referes?

Padrasto.

Costumas passar muito tempo com o teu “padrasto”?

Sim.

E como é que passam os dias?

Corre bem. Ele costuma estar sempre a trabalhar, só não trabalha ao domingo.

Está sempre a trabalhar, e assim ao fim do dia, é quando ele vem para casa?

É.

Olha, então eu não conheço o teu padrasto, gostava que me disseses como é que ele é.

É simpático, alegre.

Ainda te lembras como o conheceste, mesmo da primeira vez?

Sim. **E como é que foi?** O meu padrasto já era amigo da minha mãe quando eles eram pequenos, então voltámo-nos a encontrar numa pizzaria, quando íamos comprar pizza. **E tu lembraste a primeira vez que o viste?** Sim. **Como é que foi?** Hum, não me lembro muito bem. Foi aí que eu o conheci. **Foi aí que a tua mãe te apresentou como namorado dela?** Não, porque aí ainda não eram namorados. **Ah, então já o conhecias, era como amigo da tua mãe. E depois como é que foi para ele ir viver lá para casa?** Eu é que fui viver para casa dele porque a minha casa estava à venda nós íamos viver para outro sítio. **E quando percebeste que ele era o namorado da tua mãe o que é que achaste?** Eles eram amigos e depois é que começaram a namorar. **E o que é que tu achaste?** Que ele era simpático.

Então e como era a tua vida antes de conheceres o teu padrasto?

Era normal. **Vivias só com a tua mãe e com o teu irmão.** Era. **Então mudou alguma coisa com a entrada do R. na vossa vida.** Mudou. **O que é que mudou?** Passámos a ter mais pessoas em casa. **E mudaram de casa.** Sim. **E gostas desta casa nova?** Sim, mas gostava mais da outra. **A que iam vender?** Sim. **Mas porquê?** Não sei, porque estava mais habituada. **E era a casa onde vivias com os teus pais? O teu pai e a tua mãe?** Sim. **Pois, já lá estavas há mais anos.** Sim, há 10 anos.

Olha, e foi um bocadinho complicado essas mudanças? Mudar de casa, namorado da mãe novo?

Não. Eu já o conhecia. **Achaste normal.** Sim. **E não ficaste preocupada se a tua mãe podia passar menos tempo contigo?** Não, porque a minha mãe estava desempregada e

passava mais tempo comigo. **E agora está menos tempo contigo?** Está, porque agora já trabalha.

E tiveste ciúmes?

Não, não tive.

Olha, e agora a tua relação com ele, como é que é?

É boa. É? É.

E desde que o conheceste até agora, achas que mudou alguma coisa na vossa relação?

Não.

E lembras-te de te teres zangado com ele alguma vez?

Ele às vezes põe-me de castigo quando eu me porto mal. **E tu zangas-te com ele?** Sim. **Então e como é que é? Lembras-te assim de alguma zanga?** Não. **Alguma zanga recente?** (...) Não me lembro. A última que eu me lembro foi, eu fiquei a ver televisão até muito tarde, depois ele zangou-se comigo e pôs-me de castigo, a mim e à filha dele. **Olha, e dás-te bem com a filha dele?** Dou. **Já a conhecias?** Não. **E quando ele te põe de castigo como é que vocês resolvem isso?** Fico de castigo até ele acabar. **E a tua mãe, vais dizer à tua mãe?** Não, a minha mãe sabe.

Olha, e há assim alguma coisa que tu gostasses de mudar na tua relação com ele?

Não. **Está bem como está?** Sim, está.

Tu sentes que ele gosta de ti?

Sinto. **Que ele se preocupa contigo, com as tuas coisas?** Ele preocupa-se

E tu gostas dele?

Gosto.

O que é que gostas mais nele?

Da simpatia, preocupado connosco.

E costumam conversar?

Não. É mais preocupado com a M. (a filha dele).

E se tivesses assim algum problema a quem contarias, a quem é que tu contavas?

À minha mãe.

Há alguma coisa que não fales com o R.? Alguns assuntos que tu já saibas “este assunto não falo com ele”?

Sim. **que assuntos é que não falas?** Hum, não sei. **Namorados?** Sim. **e mais? Há assim mais alguma coisa?** Não sei.

E há alguma coisa que te irrite nele?

Nada. **Não há nada que te incomode?** Não.

Olha, e agora que lá em casa é muita gente, são 4... não, são 6. São seis? Sim, claro, não estava a contar com a tua mãe e o teu padrasto! Como é que funcionam as coisas? Funcionam bem. Vocês são todos muito ordenados? Sim. E quem é que toma assim conta da organização? É a minha mãe, ela tem mais tempo disponível, ela só tem aulas às duas. É ela que nos vai buscar e ajuda-nos, porque o meu padrasto só sai às oito do trabalho. **E ela fica com vocês os 4, não é?** Sim. **E concordas com as regras que a tua mãe põe?** Concordo.

Lembras-te assim de alguma história que tenhas passado com o R.? Um passeio os dois, uma história que gostasses de me contar.

Não, quando passeamos, passeamos todos.

Para terminar, o R. é uma pessoa que está na tua vida, o que é que ele significa para ti, como é que tu o vês?

É meu amigo, e é o namorado da minha mãe.

E o que é que tu achas da palavra padrasto?

Má. **Não gostas?** Não. E ele também não gosta que eu o chame padrasto. Ele diz para eu o chamar de pai emprestado. **Pai emprestado? É uma palavra muito comprida!** Mas eu chamo-o de R. **E quando é que ele quer que tu digas pai emprestado?** Ele não sabe que eu digo padrasto. **Ele não gosta da palavra, é?** Não, e a minha mãe também não gosta que eu o chame padrasto.

SUJEITO D

Então como é que tu te chamas?

B. F.

E que idade tens?

Tenho 11 anos

Tens 11 anos. E vives com quem?

Vivo com a minha mãe e com o meu padrasto. E com a minha irmã.

Que idades têm eles?

A minha mãe tem 35 e o meu padrasto tem 28. Têm uma diferença de 6 anos. **E a tua irmã?** A minha irmã tem um ano. **E já é filha do teu padrasto com a tua mãe, é?** Sim. **E o teu pai?** O meu pai... idade? **Sim.** O meu pai tem 40 anos e chama-se P.

Então os teus pais estão separados, tu lembras-te que idade tinhas quando eles se separaram?

Acho que tinha mais ou menos três anos. **Ok.**

Então vives com o teu padrasto desde que idade?

Desde os 8 anos. **Desde os 8?** Acho que ia fazer os 8.

E como é que tu o chamas?

Como o chamo?

Sim, quando o queres chamar o que é que dizes?

Trato-o pelo nome.

Olha, e o teu padrasto, quando falas assim com as tuas amigas, queres dizer alguma coisa sobre ele, como é que tu te referes? Digo o meu padrasto

Costumas passar muito tempo com o teu “padrasto” e com a tua mãe?

Sim, mas meu padrasto está 21 dias cá e está 21 dias fora. Ele trabalha nas plataformas. Então nos 21 dias que ele está cá damo-nos bem. **Costuma correr bem quando ele está cá.** Corre. Passeamos, vamos às compras. Não sei... é como se fossemos mesmo pai e filha.

Olha, eu não conheço o teu padrasto como é lógico, por isso gostava que me disseses como ele é como pessoa, características dele?

Eh... assim... **Mais como pessoa, personalidade dele.** É simpático, é bom pai. Porque antes de ter a minha irmã não sabia como era ser pai, então acho que lidou bem com a situação. **Tem um ano a tua irmã, não é?** Sim, tem um ano. É simpático, boa pessoa, compreende bem as pessoas... não sei... é brincalhão. Bom marido... acho que é tudo. **Já vives com ele há alguns anos já.** Sim, já há alguns anos.

Ainda te lembras como o conheceste, mesmo da primeira vez?

Estávamos num café e eu queria ir jogar máquinas, então o meu padrasto ofereceu-me uma moeda para eu ir jogar máquinas. **Mas ele estava lá?** Sim, ele trabalhava lá no café. **Ah, ok. Mas já, já namorava a tua mãe?** Não. Depois disso começaram a namorar. **Então a primeira vez que te lembras dele foi isso?** Era pequenina mas ainda me lembro vagamente.

Olha, e lembras-te do que é que achaste na primeira vez?

Achei simpático, deixou uma moeda para eu ir jogar máquinas (risos). **Ok.**

Olha, e consegues lembrar-te da tua vida antes de conheceres o teu padrasto, antes de ele entrar na tua vida?

Eh... Antes de o meu padrasto ir viver com a gente, antes de ter conhecido a minha mãe, pronto, era só eu e a minha mãe e vivíamos com os meus avós. Basicamente era só a minha mãe, o meu pai... pronto, nunca teve assim muito... muita presença na minha vida. Então era só eu e a minha mãe. Íamos ao jardim zoológico, passeávamos. Dava para a minha mãe ir trabalhar e estar comigo. No meu primeiro ano de vida a minha mãe esteve sempre muito comigo, como... como não estava a trabalhar, esteve sempre muito comigo, a ensinar-me as... as coisas. **No primeiro ano?** Sim, no primeiro ano. Depois quando eu entrei para a creche a minha mãe voltou a trabalhar e... **E eles já estavam separados, os teus pais?** Sim, já estavam separados. Não, ai não não não. Ainda não estavam separados, depois é que.... **Tinhas 3 anos, não é, quando eles se separaram.** Sim. Não me lembro muito bem.

Então e agora depois, com a entrada do teu padrasto na tua vida o que é que mudou?

É assim, eu... eu reagi bem, mas ao princípio fiquei com um bocadinho de ciúmes, como era só eu e a minha mãe. Como era muito ligada à minha mãe, ainda sou, foi um bocadinho... um bocadinho assim um choque mas depois comecei a habituar-me e gosto muito do meu padrasto.

Então foi assim um bocadinho complicado para ti na altura?

Sim... mas não foi nada de coiso. Foi... eu sou muito ciumenta, então como eu antes era só a minha mãe, e agora... **Mas sentiste que tinhas que partilhar.** Foi.

Então e agora, como é a tua relação com ele?

É boa. **É?** Sim. Eu acho que... eu acho que faz mesmo o papel de pai verdadeiro. O meu pai como está no Brasil... agora está cá aos poucos mas eh... liga de vez em quando. E pronto... não tem muito desempenho... acho que... se não houvesse o meu padrasto, acho que, não sei, acho que não sabia como era ter um pai, porque ele nunca foi assim mesmo um pai para mim. O meu padrasto é que é mesmo um pai para mim porque as vezes ajuda-me a estudar, brinca comigo, ajuda-me na escola.

E desde que o conheceste até agora achas que mudou alguma coisa na vossa relação?

Não. Acho que... que tem vindo sempre a melhorar.

Já alguma vez tiveram assim uma zanga os dois?

Não. Nós sempre nos demos bem. Às vezes claro que me punha de castigo, mas era para o meu bem, não é? Eu fazia às vezes asneiras, mas pronto. Sempre nos demos bem. **Mas não te lembras assim de nenhum episódio em que se tenham zangado?** Não (...) houve uma vez que, pronto, eu queria ir... queria ir não sei para onde, um sitio que eu gostava mesmo,

então estava um bocadinho contrariada porque ainda tínhamos que ir buscar a minha mãe ao trabalho. Então eu estava assim a acelerar o passo, e eu tinha-lhe dito para ele vir para o pé de mim. De vez em quando eu coiso... então chateamo-nos ali um bocado, mas depois resolveu-se tudo. **Como é que se resolveu?** É assim, eh... então, porque estivemos a conversar. O meu padrasto não gosta... não é daqueles pais que... que gosta de bater. Ralha só. Explica as coisas mas não, não gosta de bater nem levanta a mão.

Olha, e há assim alguma coisa na vossa relação que gostasses de mudar?

Não. Sinceramente não gostava de mudar nada. Eu tenho uma boa relação com ele, não gostava de mudar nada.

Tu sentes que ele gosta de ti?

Sim

Sentes que ele se preocupa contigo, com as tuas coisas?

Sim, claro que sim.

E tu? Gostas dele?

Sim.

O que mais gostas nele?

É assim, quando eu era mais pequenina gostava mais quando... eh... ele estava sempre a brincar comigo, e íamos passear, e gostava especialmente quando ele brincava comigo. Agora ainda gosto, não é, mas como sou mais crescida já não posso fazer aquelas brincadeiras. Pronto eh...eh... jogamos, fazemos jogos e isso. Vamos passear. Pronto... gosto de ...de ...

Olha, e vocês os dois costumam conversar?

Sim.

Sobre o quê?

Então, conversamos sobre a escola... hum... às vezes conversamos sobre o meu comportamento, quando eu às vezes me porto mal. Conversamos sobre o meu comportamento (...) é assim, não há muita coisa.

E se tivesses algum problema a quem é que contavas?

Hum... à minha mãe.

Há algum assunto que tu não fales com ele?

(...)

Há-de haver alguns que agora não te lembrais. Pois (risos)... dos namorados.

Isso não lhe contas?

Não.

Mas consegues explicar porque é que não contas? Contas à tua mãe dos namorados?

Não, como eu ainda não tenho namorado. Conversamos sobre as coisas habituais.

Há assim alguma coisa nela que te irrite/incomode? Qualquer coisa que tu não gostes ou gostes menos?

Eh... (...) assim de repente não.

Não? Não há assim nada que tu gostes menos?

Não.

Olha, e lá em casa como é que funcionam as coisas lá em casa, assim as regras, os horários quem é que toma conta disso?

É assim, nas coisas domésticas é a minha mãe. O meu padrasto cozinha, pronto partilham essas coisas são os dois. Como há a minha irmã às vezes é um bocadinho difícil quando o meu padrasto não está cá, porque... quando a minha irmã está a dormir a minha mãe faz-me o jantar para mim. E normalmente pronto, de manhã venho para a escola, saio, a minha mãe faz-me o almoço. Depois venho outra vez para a escola quando tenho aulas à tarde, depois vou outra vez para casa e (...) pronto, e depois é fazer os trabalhos de casa, estudar um bocadinho. Depois é aquela parte, ver televisão, estar a brincar. **Ok. E concordas com essas tarefas?** Sim, eu não me importo.

Olha, lembras-te assim de alguma história, um episódio que se tenha passado contigo e com o teu “padrasto” que aches importante? Uma aventura os dois? Um passeio que tenham dado. Uma coisa que te lembres de ser só tua e dele?

Eh... Não. Só minha e dele não, porque normalmente quando vamos passear é sempre eu a minha mãe, o meu padrasto, antes de a minha irmã nascer. As únicas coisas que normalmente faço com ele é por gasolina ao carro, ou vamos comprar qualquer coisa para o jantar ou isso.

Estamos quase a terminar...

O que é que ela significa para ti, como é que tu o vês?

É assim, eu vejo-o como um pai, porque quando... quando ele entrou na minha vida eu era pequenina, não é? Não era assim muito pequenina mas ainda tinha.. pronto, ainda era uma criança, ainda sou, mas pronto, mas era mais pequenina. Então, eu vejo-o como um pai. Está muito presente na minha vida, que é a coisa que o meu pai não estava. Então eu gosto dele e faz o papel de pai lindamente.

O que é que tu achas da palavra “padrasto”?

É assim, no meu caso acho que não significa nada, porque... eu não o chamo de pai porque.. não sei... não não.. gosto mais de... chamo-o pelo nome, não... acho que não... pronto não estou habituada a chamar-lhe pelo pai, mas não.. por pai, mas não me faz diferença, eu não digo padrasto nem nada disso. Quando as pessoas me perguntam, quando ainda não me conhecem bem “ah, aquele é o teu pai” eu digo “sim, aquele é o meu pai”. Às vezes as pessoas acham estranho porque se eu fosse mesmo a filha biológica dele ele tinha 17 anos quando eu tinha nascido. Era assim um bocadinho (risos) estranho.

Então a palavra padrasto não gostas muito, porque achas que de alguma forma é alguma coisa menos boa, não é? É assim, padrasto não... pronto, normalmente é quando os pais se separam e vem outra pessoa para fazer o lugar do pai, não é? Eu acho que essa palavra não é o meu caso porque o meu padrasto sempre fez o lugar de pai. Acho que essa palavra não... não me diz nada.

SUJEITO E

Como é que tu te chamas?

C.

E que idade tens?

11

E lá em casa vives com quem?

Com a mãe, com o meu padrasto e os meus irmãos.

Que idades têm eles?

O meu irmão tem 9 e a minha irmã tem 7.

E a tua mãe?

A minha mãe tem 44

E o teu padrasto?

O meu padrasto acho que tem 53

Então os teus pais estão separados, tu lembraste que idade é que tinhas quando eles se separaram?

... não sei, mas acho que tinha uns 4 ou 5 anos, não sei...

E quantos anos tinhas quando a tua mãe se juntou novamente?

Tinha 9, ainda não andava aqui na escola.

Então, tens um “padrasto”, como é que tu lhe chamas?

Chamo pelo nome dele

E quando falas dele para outras pessoas, para os teus amigos como é que tu...

Digo que é meu padrasto

Como é que é passar o dia-a-dia com ele?

É bom. Ele às vezes leva-me à escola, outras vezes ajuda-me a... cada vez que eu faço uma pergunta ele ajuda, ele responde e esclarece as coisas. eh... ajuda a minha mãe também. Quando eu preciso de uma pesquisa ele pode fazer, ajudar.

Costumas passar muito tempo com a tua mãe e com o teu padrasto?

Passo mais tempo com a minha mãe.

Sabes, eu não conheço o teu “padrasto”, será que me podes dizer um bocadinho como é que ele é?

Então, é alto, é um bocadinho gordinho. Eh... e mais? (...) É muito agarrado ao computador...

Assim como pessoa?

Como pessoa é fixe, é carinhoso. É... (...)

Ainda te lembras como o conhecestes, mesmo da primeira vez?

Hum. Foi a minha mãe que um dia perguntou se, se alguém fosse viver lá para casa, se eu e os meus irmãos nos importávamos. Nós dissemos que não. Depois ele veio... nós, eh, ele cumprimentou-nos e nós a ele também e depois foi andando.

E foi difícil para ti na altura. Lembras-te?

Não

O que é que achaste lembraste?

Achei um bocado estranho. Porque era a primeira vez que a minha mãe tinha alguém. Mas ele foi, foi fixe connosco.

Tiveste um pouco de ciúmes, lembraste como te sentiste?

Mais ou menos (...) porque a minha mãe as vezes ficava mais tempo com ele do que connosco. Para, para... para saber os gostos dele, qualquer coisa assim.

Então e agora, como é a tua relação com ele?

É boa. Às vezes ele chama-nos a atenção quando nos estamos a fazer mal as coisas. Eu e os meus irmãos ficamos amuados porque quando é o filho dele, as vezes, ele não costuma de chamar muito a atenção, mas agora já tem chamado mais. Nós damo-nos bem com ele. Ele às vezes leva-nos a jantar fora, ao fórum. Leva-nos a sítios onde nós nunca tínhamos ido. E pronto.

Então e como era a tua vida antes de conheceres o teu padrasto?

Era normal (...)

Então e o que é que achas que mudou na tua vida depois de o teres conhecido?

A minha mãe chama mais a atenção. De resto não mudou

E mudou alguma coisa na vossa relação desde que o conheceste?

(...) Só a minha mãe chamar-nos mais a atenção pelas coisas que nós fazemos. De resto nada. **Mas na tua relação com o teu padrasto, entre vocês os dois, mudou alguma coisa?**
Acho que não.

Gostavas de mudar alguma coisa na vossa relação?

Não, acho que está boa como está agora. E que se calhar pode vir a ser melhor, mas agora está boa.

Já alguma vez tiveram assim uma zanga os dois? Lembras-te como foi?

Às vezes porque ele ralha muito, e eu não gosto.

E quando ele ralha contigo o que é que tu fazes? Digo à minha mãe e ela depois fala com ele.

Tu sentes que ele gosta de ti?

Gosta.

Sentes que ele se preocupa contigo, com as tuas coisas?

Com as minhas coisas mais ou menos. Ele chama-nos a atenção a dizer que nós temos de guardar as coisas sempre num sítio para sabermos onde estão, porque eu também sou muito esquecida e esqueço-me de trazer as coisas para a escola muitas vezes. Mas ele é... ele... as vezes diz-me para ele... para...quais são as coisas que eu tenho de levar, se eu já tenho tudo e (...) ele preocupa-se connosco sim.

E tu? Gostas dele?

Gosto.

O que mais gostas nele?

Quando ele nos ajuda, ou quando nos leva fora e quando ele é simpático connosco.

Costumam conversar? Sobre o quê?

Costumamos, principalmente quando eu lhe faço uma pergunta ele responde e depois explica mais coisas que podem acontecer.

Sobre que coisas é que lhe perguntas

Às vezes quando estamos a ver o telejornal eu pergunto palavras que eu nunca tinha ouvido falar. E depois ele, ele, ele explica-me o que é que é.

Se tivesses assim algum problema a quem é que tu contarias?

À minha mãe. A ele não era capaz

E há alguma coisa que tu não fales com ele, mesmo?

(...) Não. Só dos problemas que tenho as vezes.

E porquê?

Porque não me sinto muito à vontade para falar com ele sobre os meus problemas.

Há assim alguma coisa nela que te irrite nele, que tu não gostes nele?

Só quando ele me chama a atenção

E quando ele te chama a atenção como é que costumás lidar com isso?

Às vezes fico amuada. Quer dizer... hum... uma das coisas que eu tenho é quando me chamam a atenção, eu fico, eu fico amuada e depois quando eles começam a falar comigo eu fico calada porque já não me apetece responder mais.

Como é que funcionam as coisas lá em casa, assim as regras, os horários quem é que toma conta disso, quem é que diz quais são as regras e essas coisas?

A mãe e o Victor. Porque ele às vezes quando nós temos as coisas desarrumadas ele diz que é melhor nós arrumarmos porque depois a mãe pode zangar-se connosco. E as regras a minha mãe diz mas só que às vezes, quase sempre, nós não costumamos fazer porque nós desarrumamos mas depois já não nos apetece arrumar.

E tu o que achas dessas regras? Concordas, costumás cumpri-las?

Concordo mas raramente as cumpro.

Porquê?

Porque sou muito preguiçosa.

Acontece alguma coisa?

Ralham connosco.

Lembras-te assim de alguma história, um episódio que se tenha passado contigo e com o teu “padrasto” que aches importante?

Não

Estamos quase a terminar...

O que é que ela significa para ti?

Ele para mim é... ajuda a minha mãe e então é como se lá em casa tivéssemos o pai, mas o pai está noutra casa. E é como se ele fosse substituir o pai, mas não é bem nosso pai.

O que é que tu achas da palavra “padrasto”?

Padrasto, padrasto é quando... é quando uma eh, ui... é quando as pessoas se separam e a mulher se casa com outro homem ou fica com outro homem. Mas no caso da minha mãe, ele

não é bem meu padrasto é um companheiro para a minha mãe porque ele não se casou com a minha mãe.

FIM

O que achaste da entrevista? Como é que te sentiste?

Foi boa. Deu para desabafar um bocado.

Houve assim alguma pergunta que tenhas achado muito ou mais difícil de responder?

Não

SUJEITO F

Como é que tu te chamas?

M.

E tens...

11 anos

E vives com quem?

Com e minha mãe. **E com mais quem?** Só. E as vezes os meus avós

Que idades têm eles?

39. **tens um padrasto, não tens?** Sim. **E sabes a idade dele?** Por volta dos 40, não sei.

Tens irmãos?

Tenho.

Com que idade?

3 meses

Então os teus pais estão separados, tu lembraste que idade tinhas quando eles se separaram?

Não me lembro... era pequenina.

E quantos anos tinhas quando a tua mãe se juntou novamente?

Não foi assim há muito tempo... 10 anos, acho.

Então, tens um “padrasto”, como é que tu lhe chamas?

Trato... como assim? É que eu às vezes trato... quando estou com ele pelo nome, e depois quando não estou com ele trato por outro nome (risos). **Podes dizer!** Então, quando

não estou com ele chamo “sorriso estridente”. Porque ele está sempre assim (faz uma careta como que a imitar o padrasto). E com ele chamo-lhe J.

Costumas passar muito tempo com o teu padrasto e com a tua mãe?

Sim, algum.

E como é passar o dia-a-dia com ele?

Às vezes vamos sair, ou às vezes ficamos por casa a ver um filme.

Sabes, eu não conheço o teu “padrasto”, por isso gostava que me disseses como ele é?

Fisicamente ou psicologicamente? **Como é que ele é como pessoa?** (...) é fixe, simpático... eh(...) não sei

Ainda te lembras como o conheceste, mesmo da primeira vez?

Sim. Nós tínhamos ido almoçar a um restaurante. Primeiro ele era amigo da minha mãe, depois nós fomos almoçar um dia e depois disso eu fui fazer... para o meu pai e depois a minha mãe disse-me que eles estavam a começar a namorar.

O que é que achaste lembras-te?

Não. (...) não me lembro.

Então e como era a tua vida antes de conheceres o teu padrasto?

Eh... era normal.

Então e o que é que achas que mudou na tua vida depois de o teres conhecido?

Não.

Há-de ter sido um pouco complicado para ti na altura. Lembras-te?

Não

Tiveste um pouco de ciúmes, lembras-te como te sentiste?

Não. Ainda hoje não tenho, por isso.

Então e agora, como é a tua relação com ele?

(...) mais ou menos. **Mais ou menos porquê, consegues explicar-me?** Oh... não sei.

E desde que o conheceste até agora achas que mudou alguma coisa na vossa relação?

Não. Passeamos mais.

Já alguma vez tiveram assim uma zanga os dois? Lembras-te como foi?

(...) ainda não!

Gostavas de mudar alguma coisa na vossa relação?

Não

Tu sentes que ele gosta de ti?

Não sei

Não sabes? Não sabes se ele se preocupa contigo, com as tuas coisas?

Sim, acho que sim.

E tu? Gostas dele?

sim

O que mais gostas nele?

(...)ele é muito brincalhão, é fixe

Costumam conversar? Sobre o quê?

Não

Se tivesses assim algum problema a quem é que tu contavas?

À mãe

E há alguma coisa que tu não fales com ele, mesmo?

(...) eu não falo quase nada com ele

Porquê? Consegues explicar?

Há assim alguma coisa nela que te irrite/incomode muito? Qualquer coisa que tu não gostes ou gostes menos?

(...) é que ele às vezes do nada fica assim (careta idêntica à que tinha feito quando disse que tratava o padrasto por sorriso estridente) ((risos). Está assim normal e depois (careta)

Então, e como costumavas lidar com isso?

Como é que funcionam as coisas lá em casa, assim as regras, os horários quem é que toma conta disso?

Não há. **Não há regras nem horários? Não tens horas para ir para a cama por exemplo?** Não eh... quer dizer. Não posso ficar até muito tarde. **E quem é que diz que horas é que tens de ir para a cama?** É a minha mãe.

E tu o que achas dessas pequenas regras?

Não acho nada. Tem de ser.

Lembras-te assim de alguma história, um episódio que se tenha passado contigo e com o teu “padrasto” que aches importante?

Sim. **Podes contar?** Ele... fomos a um sítio, estávamos a passear, e eu gosto muito de bichinhos e queria ter um, mas só que a minha mãe estava a dizer que não, que não, que não podia ser, e então ele levou-me lá a um sítio onde havia cães pequeninos e... depois eu peguei num, gostei muito dele e a minha mãe disse “ah não M., hoje não”. E ele disse “olha, por mim podes levar” e foi assim, mas depois não pude ficar com ele.

A tua mãe não deixou?

Não.

Estamos quase a terminar...

O que é que ela significa para ti, como é que tu o vês?

Como uma pessoa normal. **E mais?** Mais nada.

O que é que tu achas da palavra “padrasto”?

Não me é nada. **Não?** Não.

FIM

O que achaste da entrevista? Como é que te sentiste?

Não sei. **Não sabes o que é que sentiste?** Não (risos)

Houve assim alguma pergunta que tenhas achado muito ou mais difícil de responder?

Não.

SUJEITO G

Como te chamas?

F.

E que idade tens?

11

Vives com quem?

Com o meu pai, com o meu padrasto e com as minhas irmãs, com as duas irmãs. **Com o teu pai?** Oh... Desculpa, com a minha mãe, com o meu padrasto e com as minhas irmãs.

E que idade têm a tua mãe e o teu padrasto?

A minha mãe tem 35, e o meu padrasto uns 40.

Então os teus pais estão separados, tu lembraste que idade tinhas quando eles se separaram?

Ai... causa que eu não sei. Eles se separaram foi, tipo eu não estava cá. Eles é que estavam em Portugal. **Estavas no Brasil?** Sim. **E os teus pais estavam cá os dois.** Hum, o meu pai e minha mãe e o meu padrasto. Só que meu pai foi-se embora e minha mãe ficou aqui, com o meu padrasto, quer dizer. **E depois tu vieste para cá?** Sim. **Há 3 anos?** Sim. **Então e que idade é que tinhas quando o teu pai se foi embora, tens ideia?** Foi... hum...

3, há 7 anos. **Ficaste no Brasil, estavas a viver com quem?** Com a minha avó. **E há 3 anos vieste para cá viver com a tua mãe e com o novo marido da tua mãe.** Sim

E estás com o teu padrasto há quanto tempo?

Com o meu padrasto? É assim, estou há 3 anos, por causa que a minha mãe veio para Portugal e ficou aqui com ele.

Então, tens um “padrasto”, como é que tu lhe chamas?

Tio. Tio?

E quando falas dele para outras pessoas, para os teus amigos como é que tu te referes?

Digo o tio sim. **E depois elas não ficam baralhadas?** (risos) às vezes um bocadinho. **E depois quando tens de lhes explicar dizes que...** é meu tio e meu padrasto, no meu caso.

Olha, e como é que correm as coisas lá em casa... então vives tu, ele, a tua mãe e já tens irmãos?

Tenho duas irmãs. **Mas são da tua mãe e...** são só da parte da mãe. **Então são tuas irmãs com a tua mãe e com o teu pai, é isso que me estás a dizer?** Não, com o meu padrasto, são só parte de mãe. São minhas irmãs só de parte de mãe. **Então já são filhas do teu padrasto. Que idade é que elas têm?** Uma tem 6 meses e outra tem 3 anos

Olha, e quando estão todos juntos, como é que correm as coisas?

Correm bem. A gente vai a passear. Correm bem.

E quando estás só com o teu padrasto, como é quando estás com ele?

É bom.

Sabes, eu não conheço o teu “padrasto”, por isso gostava que me disseses como ele é? Descreve-mo assim como pessoa.

Ele é alto, moreno. **E assim como pessoa, de características eh...hum... afectivas, de personalidade, como é que ele é?** É bom, não chateia a gente, deixa fazer tudo o que a gente quer. Leva sempre a gente para passear.

Ainda te lembras como o conhecestes, mesmo da primeira vez?

Não... mas eh... foi no Brasil. **Foi no Brasil?** Foi. Depois a gente veio para cá e ele foi no aeroporto. Eu era pequenininha ainda. **Quando vieste para cá? Sim ter com a tua mãe. E lembraste assim da primeira vez que o viste o que é que achaste, o que é que sentiste?**

Eu não achei nada por causa que eu ainda era pequena. E também, quando eu cheguei aqui ele me pegou no colo, não senti nada. **Já sabias que era o namorado da tua mãe?** Já. **Olha, eh... e na altura não achaste um bocadinho chato, complicado, não ser o teu pai e...?** Hum. Mais ou menos, assim. Por causa que ele é muito bom. Tipo, se ele fosse chato,

aquela pessoa assim chata, tipo que batesse na gente. Não, mas ele não bate, ele é muito bom com a gente, esta sempre com a gente. **Olha, e há três anos que não vês o teu pai também, não é?** Ou mais, três anos ou quatro ou mais.

E como é que era a tua vida, antes de conheceres o teu padrasto?

Era normal.

E achas que mudou alguma coisa na tua vida depois de teres conhecido o teu padrasto?

Foi ter vindo para Portugal. Eu antes estava no Brasil, vim para cá por causa dele.

e tiveste ciúmes, n altura em que a tua mãe te disse que namorava com ele?

Não, acho que não.

Olha, e agora como é a tua relação com o teu padrasto?

É boa.

estás com ele há algum tempo, achas que evoluiu desde que estás com ele ou está igual?

Está igual. A gente foi sempre daquela maneira.

Olha, e tens assim alguma ideia de terem uma zanga os dois?

Com a minha mãe? **Não, tu e o teu padrasto.** Não. **Não?** Não, nunca. Porque para mim ele também é pai, eu nunca vivi como meu pai, então não faz diferença nenhuma. Essa é uma diferença, é lógico, o meu pai é mais pai, mas ele também é meu pai e pronto

E há assim alguma coisa que gostasses de mudar na tua relação com ele?

Não.

Sentes que ele gosta de ti?

Sim.

E tu gostas dele?

Sim

E achas que ele se preocupa contigo e com as tuas coisas?

Sim.

E o que gostas mais nele?

Como ele trata a gente. **São amigos.** Sim.

E vocês os dois costumam conversar?

Não muito, lá em casa é assim: eu chego, tomo o meu banho, fico lá na sala com ele, a ver televisão, mas não conversamos muito.

Se tivesses assim algum problema a quem é que tu contarias?

Para a minha mãe.

E há alguma coisa que tu não fales com ele, mesmo?

Coisas que eu não falo? **Sim, assuntos que tu não... ah, este assunto não é assunto para falar com ele, tipo namorados. É isso. Namorados não falas? Não**

Há assim alguma coisa nela que te irrite ou incomode mais? Qualquer coisa que tu não gostes ou gostes menos?

Nele? Não. **Alguma coisa que gostes menos nele não. Gostas de tudo? É, sim não há assim nada que gostes menos, ou que às vezes te chateie mais ou que chateie não, ele sempre fez tudo para a gente**

Como é que funcionam as coisas lá em casa, assim as regras, os horários quem é que toma conta disso?

A minha mãe, é tudo a minha mãe. **Ele não ajuda?** Ele trabalha. Tipo, ele chega do trabalho, e ajuda a mãe a dar banho na bebezinha, vai dar banho à outra, mas às vezes chega mais tarde. **E concordas com essas coisas? Sim... se ela diz...**

Lembras-te assim de alguma história, algum episódio que se tenha passado contigo e com o teu padrasto que aches importante? Uma coisa que se tenha passado só com vocês os dois.

Não, a gente está sempre a família toda.

Estamos quase a terminar...

O que é que ela significa para ti, como é que tu o vês?

Como meu pai, meu pai segundo.

O que é que tu achas da palavra “padrasto”?

O que eu acho? **Da palavra.** Não sei. Ele é muito bom, não tem nada de mal na palavra padrasto. Eu gosto da palavra padrasto, porque ele é muito bom **Usas normalmente.** Uso. **Mas tu chamas-lhe tio.** Sim, chamo de tio. **Tio ou o nome dele...** não não, só tio

SUJEITO H

Como te chamas?

M.

E que idade tens?

Tenho 11 anos

Olha, e vives com quem?

Vivo com a minha mãe, o meu padrasto e a minha irmã. **Com a tua mãe, o teu padrasto e a tua irmã.**

Que idades têm eles?

A minha mãe tem 33, acho eu, o meu padrasto tem 34.

Disseste que tinhas irmãos, vives com eles, que idade é que eles têm?

Tenho um irmão que tem 10 meses que vive comigo cá. E o outro meu irmão que é filho do meu pai e da minha madrasta que tem acho que 6 anos. **E vivem onde eles?** Eles vivem em cabo verde.

Olha, e que idade é que tu tinhas quando os teus pais se separaram?

Eu tinha... dois, três anos.

E quantos anos tinhas quando a tua mãe se juntou novamente?

Acho que tinha 7 anos.

Então, tens um “padrasto”, como é que tu lhe chamas?

Eu... eu trato-o por tio. **Tio... e quando estas a falar com os teus amigos dizes “ah, ontem eu e o meu tio...”** mas só que para elas não pensarem que a minha mãe namora com o meu tio eu digo que o meu tio é o meu padrasto **pois, tens de explicar senão elas pensam que...**

Costumas passar muito tempo com o teu padrasto e com a tua mãe?

A minha mãe trabalha até às... ela sai do trabalho às 3 mas só que ela só chega a casa às 4. Então depois... eu... quando ela chega a casa ela vai buscar o meu irmão à creche e depois eu fico a brincar com o meu irmão. E o meu padrasto só chega às 8. E pronto

E quando estás com o teu o teu padrasto, como é que é? O que fazem?

Não estou muito com ele. A maior parte das vezes... no domingo a minha mãe trabalha. No sábado nós as vezes vamos dar uns passeios, ou então ficamos em casa a arrumar e quando a minha mãe não está no domingo o meu padrasto ele sai e depois eu fico em casa com o meu irmão

Sabes, eu não conheço o teu “padrasto”, por isso gostava que me disseses como ele é?

Ele é simpático é... ele faz-me rir e ... e... nada... ele é boa pessoa. **É boa pessoa? É.** Eu gosto dele.

Ainda te lembras como o conheceste, mesmo da primeira vez?

Hum, não... não me lembro.

Então também não te lembras o que achaste dele...

Não...

Hum... ok... também não vale a pena perguntar-te se foi complicado conhecê-lo...

É, porque eu não me lembro...

E ciúmes, alguma vez sentiste?

Não, não tenho ciúmes dele.

Agora como é que é a tua relação com ele?

É boa, damo-nos bem

E sentes alguma diferença de antes para agora?

Não, como estou todos os dias com ele já me habituei. E ele é como se fosse um pai para mim.

e como era a tua vida antes do teu padrasto?

Durante a semana estava com a minha mãe, e depois aos fins-de-semana ia para o meu pai, era quase a mesma coisa.

E achas que mudou alguma coisa na tua vida depois de ele entrar para a família?

Tive mais uma irmã.

Olha, e já tiveram assim os dois alguma zanga?

Sim.

E lembras-te de alguma?

... tivemos uma ontem.

Então e o que é que aconteceu?

É que eu estava a falar com as minhas primas, e elas estava-me a fazer rir, e eu estava a rir assim, um bocado muito alto, e ele entretanto tirou-me o telefone do ouvido, e então eu irritei-me e pronto... comecei a gritar com ele.

Então e como é que isso se resolveu depois?

Depois... depois ainda não nos falamos... à noite não nos falámos. Vou falar com ele agora às... quando sair das aulas.

Já não é a primeira vez...

Não.

E como é que costumam resolver estas zangas?

Nós temos as zangas e passado um bocadinho ele já se esqueceu.

Mas a tua mãe costuma meter-se ou vocês costumam resolver as coisas os dois?

Às vezes, a minha mãe, quando eu tenho razão, ela apoia-me. Mas quando é o meu padrasto que tem razão ela diz-me que eu não devia ter feito aquilo.

Olha, e há alguma coisa na vossa relação que gostasses de mudar? Entre ti e o teu padrasto?

Ele às vezes é muito chato.

É muito chato?

É.

Como?

Eh... pronto. Às vezes assim... eu não gosto é quando estou assim na sala ver televisão, e ele muda logo para o jogo, e eu não gosto muito de ver jogos. E quando eu estou a fazer alguma coisa e ele impede-me logo de fazer essa coisa.

E impede-te porquê?

Porque ele não quer que eu faça.

Que tipo de coisas? O que é que ele não quer que tu faças?

Quando eu estou... estou... quando eu estou na internet, eu estou a falar com os meus amigos, e ele não quer que eu fique lá, porque ele quer ir e então ele... ele começa a ralar comigo a dizer que é para eu sair.

Então tu gostavas de mudar isso no teu padrasto. E gostavas de mudar como? Que ele te desse mais tempo, mais espaço?

É. Eu tento dizer à minha mãe que eu quero, eu quero dividir as coisas, umas coisas são minhas outras coisas são dele, eu faço as minhas e ele faz as dele. Para não haver tanta discussão.

O que é que é para ti as tuas coisas e as coisas dele?

É... pronto, ele às vezes mexe nas minhas coisas, e eu nas coisas dele. Às vezes ele não gosta outras vezes eu não gosto. E pronto, se cada um tivesse as suas coisas não era assim, não estávamos sempre zangados por estarmos sempre a mexer nas coisas.

Mas sentes que ele gosta de ti?

Sim

Tu sentes que ele se preocupa com as tuas coisas?

Sim

E tu, gostas dele?

Gosto.

O que é que gostas mais nele?

O que eu gosto mais nele é que ele é muito engraçado. Principalmente quando estamos sozinhos em casa a almoçar. Ele começa a fazer disparates e eu começo-me a rir

E vocês costumam conversar?

Não muito.

Se tivesses assim algum problema a quem é que contavas?

Dizia à minha mãe.

E há alguma coisa que não fales com o teu padrasto, algum assunto que não fales com ele?

... as coisas da escola.

E há mais algum assunto que não fales com ele?

... acho que não.

E consegues explicar porque é que não falas com ele das coisas da escola?

Às vezes porque ele não me pergunta e... e porque às vezes são coisas sem importância.

E há alguma coisa assim que te irrite nele, que te incomode, que tu gostes menos?

(...) quando ele mexe nas minhas coisas.

E como é que costumas lidar com isso?

Eu digo para ele não fazer ou então às vezes escondo as coisas.

E como é que escondes? Não consegues esconder o computador...

Porque ele mexe no meu telemóvel, nos meus cadernos e isso, e eu escondo-os.

Mas sabes porque é que ele mexe?

Não.

Mas achas que é para controlar ou é por outra coisa?

Não. Acho que é... para saber o que é que eu faço.

E lá em casa como é que funcionam as regras, os horários? Quem é que toma conta disso, a tua mãe, ele, os dois?

Somos todos. Quando é para arrumar, eu ajudo a arrumar. E quando está a dar um jogo, a maior parte das vezes ele não gosta de se levantar do sofá.

E lembras-te assim de alguma história, algum episódio que se tenha passado contigo e com ele, alguma coisa que aches importante?

Não.

Uma coisa só vossa? Um passeio só vosso, uma zanga só vossa, alguma coisa que só sejam vocês os dois?

Não me lembro. Eu não tenho lá muito boa memória.

Estamos quase a acabar.

Como é que tu o vês? O que é que ele significa para ti?

Como um pai.

E o que é que achas da palavra padrasto?

(...) não sei... eu não gosto muito dessa palavra. Porque padrasto... devia ser não um padrasto mas um pai. E... apesar de eu não conseguir chamar-lhe pai, não sei porquê, eu sempre quis chamar-lhe pai, mas não me consigo habituar.

SUJEITO I

Como te chamas?

Chamo-me A. D.

E tens quantos anos?

11.

E vives com quem?

Com a mãe, pai, avós e irmãs. **Não tens padrasto?** É padrasto sim. **Ah!**

Que idades têm eles, sabes?

A minha mãe tem 31, o meu padrasto tem 29 a minha avó tem 53, o meu avô tem 51, a minha irmã do meio tem 8 e mais nova tem 3.

Então os teus pais estão separados, tu lembraste que idade tinhas quando eles se separaram?

Acho que tinha para aí uns 3, 4, foi mais ou menos por aí.

E quantos anos tinhas quando a tua mãe se juntou novamente?

Tinha oito.

Então, tens um “padrasto”, como é que tu lhe chamas?

Trato-o por pai, considero-o como um pai.

E quando falas dele para outras pessoas, como é que tu dizes?

Pai.

Com quem costumavas passar mais tempo no teu dia-a-dia?

Entre família? **Sim.** Com os meus avós.

E como é passar o dia-a-dia com ele?

É giro, divirto-me muito com ele, é engraçado.

Sabes, eu não conheço o teu “padrasto”, e por isso pedia-te para me falares um bocadinho dele, me disseses como é que ele é?

Como assim? Eh pá! Eu considero-o como um pai. Acho que ele é um querido, acho que é muito engraçado, ele trata muito bem de mim. E pronto, é como se não tivesse filhos e trata-me como se fosse... é muito querido ele.

Ainda te lembras como o conheceste?

Foi... os meus pais namoravam, a minha mãe e o meu padrasto, namoravam, e ele foi lá a casa e eu conheci-o. Tratava-o por João neste caso.

Foi complicado para ti na altura, lembras-te?

Foi um bocado, porque eu sabia que tinha um pai e como só o tinha visto poucas vezes eu percebi logo que eles se iam casar e eu ia ficar com um padrasto.

O que é que achaste dele na altura, lembras-te?

Lembro, foi um querido. Ele brincava tanto comigo. Eu levantava-me e ele pegava-me ao colo, fazia montes de coisas.

Tiveste um pouco de ciúmes, lembras-te como te sentiste?

Não. Acho que não tive ciúmes. Porque eu passava mais tempo com os meus avós, eu passo mais tempo com a minha avó, com os meus avós, por causa da... porque os meus pais estão sempre a trabalhar, e portanto não, não tive ciúmes. Tinha as minhas irmãs para me apoiar, tinha os meus avós.

Já tiveram alguma zanga os dois?

Coisinhas de nada, sem importância. **E quando se chateiam por causa dessas coisinhas de nada como é que depois resolvem?** Não ligamos (risos).

E como era a tua vida antes de o teu padrasto ter entrado na tua vida?

Era normal.

E achas que mudou alguma coisa na tua vida?

Não mudou nada... quer dizer... passou a ser mais divertido agora, com ele lá em casa (risos).

Então e agora, como é a tua relação com ele?

Bem, perfeito.

E desde que o conheceste até agora achas que mudou alguma coisa na vossa relação?

Não.

Gostavas de mudar alguma coisa na vossa relação?

Eh... não. Acho que está ótima.

E achas que ele gosta de ti?

Acredito que sim.

Sentes que ele se preocupa contigo, com as tuas coisas?

Sim.

E tu? Gostas dele?

Sim.

O que mais gostas nele?

Acho que ele é um querido, eu acho que é só isso. Porque ele costuma-me gravar montes de filmes, ajuda-me quando tenho dificuldades nas, nas matérias. É isso.

Vocês costumam conversar?

Sim, dependendo dos assuntos. **Sobre que assuntos costumam conversar?** Sobre as coisas da escola, sobre saídas à rua, enfim.

Se tivesses assim algum problema eras capaz de lhe contar?

Não sei, depende do problema.

E há alguma coisa que tu não fales com ele, mesmo?

Coisas de raparigas (risos).

Porquê?

Os assuntos de mulheres só pertencem às mulheres (risos).

Há assim alguma coisa nela que te irrite ou que te incomode muito nele?

Não.

E como é que funcionam as coisas lá em casa, assim as regras, os horários quem é que normalmente faz as regras?

Normalmente é a minha mãe e a minha avó. Elas... os meus pais, o meu pai nunca esta em casa. E a minha avó preocupa-se muito connosco. Está sempre ligada ao computador (risos).

E tu o que achas dessas regras?

Concordo, concordo.

Lembras-te assim de alguma história, um episódio que se tenha passado contigo e com o teu “padrasto” que aches importante?

Acho que quando fui nadar com os golfinhos, ele foi um querido, levou-me lá. Eu tinha medo de nadar e ele também foi nadar com os golfinhos e comigo.

Estamos quase a terminar...

O que é que ela significa para ti?

Um pai ótimo, lindo e muito querido.

O que é que tu achas da palavra “padrasto”?

Acho muito feia. Prefiro chamar pai, é mais gira.

FIM

O que achaste da entrevista? Como é que te sentiste?

Senti que, como... eu acho que sou a única miúda diferente da minha turma porque tenho padrasto e portanto para mim foi normal.

Houve assim alguma pergunta que tenhas achado muito ou mais difícil de responder?

Não, acho que eram todas fáceis.

ANEXO H
TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS
GRUPO 2 - 13 ANOS

SUJEITO 1

És a B., certo? E que idade é que tens?

13 anos.

E lá em casa vives com quem?

Com o meu padrasto, com a minha mãe e com o meu irmão.

E que idades têm eles, sabes?

A minha mãe vai fazer 40, o meu padrasto não sei bem, não sei se é 43, o meu irmão vai fazer 18.

E só tens esse irmão?

Só

E tu lembras-te que idade é que tinhas quando os teus pais se separaram?

Acho que tinha 3 anos.

E que idade é que tu tinhas quando a tua mãe se juntou com o teu padrasto?

Acho que tinha 10 anos.

Então pronto, tens um padrasto, como é que tu o chamas?

Chamo-o pelo nome dele.

E quando falas com ele para as outras pessoas?

Digo o meu padrasto.

Costumas passar muito tempo com ele e com a tua mãe?

Sim, algumas vezes.

E como é que é o tempo que costumavas passar com ele?

Às vezes, ele trabalha de dia, entra às 6, então depois só sai outra vez às 7 da manhã. Estou pouco tempo com ele porque quando ele está em casa eu estou na escola.

E nos fins-de-semana, não costumavas estar assim com ele?

Sim, todos os fins-de-semana estou com ele.

Então e como é assim quando estas com ele?

É divertido, nós as vezes estamos a ver filmes e isso.

E eu não o conheço, não é, será que me podias dizer como é que ele é, descrê-lo, dizer como é que ele é?

Às vezes resmungava muito quando eu me porto um bocado mal, começa a embirrar comigo, mas depois passa e ele faz aquilo só para nosso bem.

Quando ele resmungava o que é que tu costumavas fazer, como é que tu lidavas com isso?

Oh, às vezes digo que foi sem querer ou assim qualquer coisa.

Porque sabes que fizeste asneira?

Sim.

Ainda te lembras como é que o conhecestes?

Eu já o conhecia há muito tempo, ele vivia na terra onde eu vivia. E depois... ele às vezes ia lá jantar a casa e isso. Depois a minha mãe quando se juntou com ele perguntou-me se eu gostava dele, se eu e o meu irmão gostávamos dele, se se podia juntar com ele. E nós dissemos que sim que a vida era dela.

E o que é que tu achaste?

Não me importei, mas depois tivemos de mudar de casa.

E foi complicado?

Não, até foi melhor. Agora estou perto da escola e tudo.

E o que é que tu sentiste quando a tua mãe te disse que ele ia viver lá para casa?

Senti que ela estava feliz, que era o que nós queríamos.

E como era a tua vida antes de conheceres o teu padrasto?

Era normal. Às vezes tínhamos assim uns pequenos problemas, mas resolvíamos tudo.

E o que é que mudou desde que vocês o conheceram?

Eh... eu antes não comprava assim tanta roupa e agora já tenho mais coisas.

Portanto as possibilidades económicas aumentaram.

Sim.

E foi complicado, na altura?

Não

Tiveste ciúmes?

Não.

E como é agora a tua relação com ele?

É boa.

E desde que o conhecestes até agora, mudou alguma coisa na vossa relação?

Não.

Não? Continua na mesma?

Sim.

E já tiveram assim alguma zanga?

Já.

E lembras-te como é que foi?

Lembro. Ele estava zangado com o irmão e a porta não abria. Nós tocamos à campainha e ele não abria porque pensava que nós estávamos a brincar com ele. Depois eu quando entrei

lá em casa ele começou, eh, levantou-me a mão para me bater e depois eu fui a correr para o quarto, mas depois passou tudo. A minha mãe depois falou com ele.

Foi a tua mãe que falou com ele, foi assim que vocês resolveram?

Foi.

Então e gostavas de mudar assim alguma coisa na vossa relação?

Não.

Sentes que ele gosta de ti?

Sim.

Que se preocupa contigo, com as tuas coisas?

Sim.

E tu gostas dele?

Gosto.

O que é que mais gostas nele?

Eh... isso agora é um bocado complicado. Não me vem nada à cabeça.

Não? Então se te lembrares dizes-me.

Está bem.

E costumam conversar vocês?

Às vezes.

Sobre o quê?

No outro dia estava a falar comigo ao jantar sobre as notas. Eu disse que... porque os pais do meu pai não me ligam nenhuma agora, a minha mãe juntou-se com ele e eles não gostam dele. E depois ele estava a dizer para eu tirar boas notas que era para eu lhes dar uma palmada sem mão. Porque eles assim vão dizer “ai eles não gostam dela, não fazem nada”, pronto. E ele disse que era para eu tirar boas notas que era para lhes fazer ver eu com ele, e a minha mãe estar junto com ele que eu tirava boas notas e assim.

Que isso era bom para ti.

Sim.

E se tivesses assim algum problema a quem é que contavas?

Eu às vezes conto à minha cunhada, que é a namorada do meu irmão.

Porquê a ela?

Oh, por ser mais nova e porque é rapariga.

E há assim algum assunto que não fales com o teu padrasto?

Das notas por acaso ele não sabe.

Não? E porquê, consegues explicar?

Porque são um bocado péssimas (risos).

São piores do que aquilo que ele está à espera, é isso?

Pois.

Há assim alguma coisa que tu gostes menos nele, que te irrite mais?

É quando ele começa a ralar comigo, quando eu faço alguma coisa mal, e às vezes bate a porta com um bocado de força e eu fico enervada porque não gosto do barulho.

E o que é que costumavas fazer nessas alturas?

Tapo os ouvidos (risos).

Como é que funcionam lá em casa as regras, os horários? Quem é que impõe, quem é que diz o que é que se pode e o que é que não se pode fazer?

É a minha mãe e ele.

E tu concordas com essas regras, costumavas cumprir?

Às vezes. A minha mãe às vezes manda-me limpar a casa e eu não gosto de limpar a casa e não limpo, depois ela quando chega a casa começa-me a chatear a cabeça.

E o que é que acontece além de te chatear a cabeça quando não cumpres as regras?

Eh... tiram-me o computador.

E tu não gostas disso?

Não.

Lembras-te assim de alguma história, algum episódio que tenhas passado com o teu padrasto que aches importante, uma coisa que te tenha marcado?

Foi uma vez ao jantar. Foi dessa vez que eu pensei que ele disse que era para nós... estava, ele já estava assim um bocado para o bêbado, e então ele estava a dizer tudo o que lhe vinha à cabeça, estava a minha avó também. E nós riamos-nos porque achávamos que era da maneira que ele estava a falar. E ele no outro dia já não se lembrava.

Estamos quase a terminar.

O que é que ele significa para ti, como é que tu o vês?

Como um grande amigo que me ajuda muito.

E isso é muito importante...

É

E o que é que achas da palavra padrasto?

Eh... Não é pai de sangue mas é outra, outra pessoa. Não sei explicar (risos).

SUJEITO 2

Então, és a J., e que idade é que tens?

13.

E vives com quem?

Com a minha mãe e com o meu padrasto.

E que idades têm eles, sabes?

Hum, a minha mãe tem 41, e o meu padrasto tem 38, não, 39.

E tens irmãos?

Tenho um.

E que idade tem ele?

Tem oito meses.

E é filho do teu pai?

Não, é filho da minha mãe e do meu padrasto. Esqueci-me de dizer que vivia connosco (risos).

Então, os teus pais estão separados. Tu lembras-te que idade tinhas quando eles se separaram?

Eh, uns 4 anos, por aí.

E quantos anos tinhas quando a tua mãe se juntou com o teu padrasto, sabes?

Eh, eles fizeram agora quatro anos... portanto... tinha uns 9.

Como é que tu chamas ao teu padrasto?

Pelo nome... P. E às vezes para me meter com ele chamo-lhe “oh padrasto” (risos).

Para te meteres com ele porquê?

Porque ele não gosta (risos).

E como é que ele reage?

Ri-se e diz “blargh”.

E quando falas dele às outras pessoas, como é que dizes?

Às pessoas que o conhecem, que já lá foram a casa, digo P. Aos outros digo padrasto.

Costumas passar muito tempo no teu dia-a-dia com a tua mãe e com o teu padrasto, o P.?

Sim, algum.

E como é quando estás com ele?

É fixe. Ele ajuda-me com o computador. Às vezes cozinhámos os dois (risos) a minha mãe é que não acha muita piada.

Então porquê?

Uma criança e um homem na cozinha? Ui, fica uma confusão (risos).

Eu não conheço o teu padrasto, e queria que me disseses como é que ele é.

É bom, simpático. Às vezes lutamos. Lutamos na brincadeira (risos), ele ajuda-me quando preciso.

E lembras-te como foi conhecê-lo?

Sim, não sei porquê, mas lembro-me perfeitamente. Fui de fim-de-semana com o meu pai, e no domingo quando cheguei a casa ele estava lá, tinha lá ido jantar.

E o que é que achaste dele, lembras-te?

Gostei dele, achei simpático.

E como é que era a tua vida antes de o conheceres, és capaz de me dizer?

Oh, era muito sossegada, era só eu a minha mãe. Agora é muito melhor, é mais divertido (risos).

E além de ser mais divertido agora, mudou mais alguma coisa desde que ele foi viver convosco?

Sim (risos), a minha mãe deixou de me chatear tanto, deve ser por estar mais contente.

E foi complicado para ti, na altura em que ele foi viver lá para casa?

Não.

Tiveste ciúmes, como é que te sentiste?

Não, não tive ciúmes, eu gostei dele.

E como é a tua relação com ele agora?

É boa, conversamos, brincamos, ajudamo-nos um ao outro.

E desde que o conheceste até agora, mudou alguma coisa na vossa relação?

Sim, claro.

O quê?

A confiança. Antes não me dava assim tão bem com ele como dou agora. Depois começámo-nos a conhecer e pronto, agora damo-nos super bem (risos)

Já alguma vez tiveram alguma zanga?

Não... que me esteja agora a lembrar não. Estamos sempre bem os dois.

E gostavas de mudar alguma coisa na vossa relação?

Não, não.

Tu sentes que ele gosta de ti?

Claro.

Que ele se preocupa contigo, com as tuas coisas?

Sim. Ele às vezes vem ter comigo e diz-me “não sejas assim para a tua mãe”.

Então porquê?

Oh (risos), porque eu e a minha mãe às vezes chateamo-nos, e ele não gosta quando isso acontece, então pede-me para eu não ser assim.

E tu gostas dele?

Gosto.

O que é que mais gostas nele, sabes?

Dele ser simpático e brincalhão. De me ajudar.

E vocês costumam conversar?

Sim, muito.

E sobre o que é que conversam?

Sobre os namorados (risos). Curiosamente falo mais com ele do que com o meu pai ou com a minha mãe. Se calhar é por ele ser mais novo. Ele faz dez anos de diferença do meu pai, ele percebe-me melhor (risos).

Então e se tivesses assim algum problema a quem é que contavas?

Eh... depende do problema.

Não consegues dizer a quem contavas?

Não, porque ia depender do que fosse... e agora não, não me estou... eh... assim a lembrar de nada que tenha acontecido para me lembrar a quem contei (risos).

E há alguma coisa que não fales com ele?

Não. Falamos de tudo.

Há assim alguma coisa nele que te irrite? Que gostes menos?

Não.

Nada?

Oh, quer dizer, não é nada de especial, só a cadela dele que eu não gosto. Ela vai para o meu quarto e enche-me aquilo de pelos, credo (risos).

E quando a cadela dele vai para o teu quarto o que é que tu fazes?

Peço-lhe para ele não deixar ir para lá a cadela. Mas ele gosta tanto dela que a deixa fazer tudo. É a única coisa mesmo com que fico assim... chateada.

E como é que funcionam as regras e os horários lá em casa, quem é que diz o que se pode ou não pode fazer?

Não há regras lá em casa.

Não, nada?

Não, quer dizer... eh, só mesmo aquelas coisas de pôr a mesa, dormir, arrumar as coisas.

E quem é que diz essas coisas?

É a minha mãe.

E concordas com elas?

Concordo. Mas o meu pai é mais liberal (risos).

Então porquê?

(risos) Porque em casa do meu pai não tenho de ajudar a por a mesa e a levantar (risos). E como é aos fins-de-semana posso deitar-me às horas que quiser.

E o que é que acontece, lá em tua casa e da tua mãe, quando não cumpres os horários, ou quando não fazes aquilo que te pedem?

Oh, tenho de fazer não é? Senão olha, ralham comigo.

E lembras-te assim de alguma história, alguma coisa que se tenham passado contigo e com o teu padrasto que aches importante?

Eh... hum... não, não me estou a lembrar de nada.

Assim uma coisa que tenha acontecido e que te tenha marcado, que seja só de vocês os dois, não te lembras?

Oh, de repente não me lembro de nada...

Estamos quase a terminar

O que é que ele significa para ti, como é que tu o vês?

Como o companheiro da minha mãe. É o namorado da minha mãe, só que agora vive connosco.

E o que é que achas da palavra padrasto?

Adoro! Acho muito gira (risos). Ele é que não gosta (risos). Eu acho gira, até porque ele é dos bons padrastos. E também, acho que os pais se gostam dos filhos não iam namorar ou viver com alguém que não goste de nós, não é?

SUJEITO 3

Então, és a R. e tens 13 anos.

Sim.

E vives com quem?

A minha mãe e o meu padrasto.

E que idade é que eles têm?

O meu pai... o meu padrasto tem 30 anos, e a minha mãe tem 35.

E tens irmãos?

Não

Então, os teus pais estão separados, tu lembras-te que idade é que tinha quando eles se separaram?

Para aí uns 3.

E lembras-te que idade é que tinhas quando a tua mãe se juntou com o teu padrasto?

6 ou 7, não me lembro muito bem.

Então tens uns padrasto, como é que tu o chamas?

V.

Pelo nome então. E quando falas dele para as outras pessoas, para as tuas amigas, o que é que dizes?

Falo sobre o meu pai.

Dizes o teu pai?

Digo.

Costumas passar muito tempo com ele e com a tua mãe?

Sim.

E como é que é o tempo que tu passas com ele?

É bom.

Eu não o conheço, não é, então queria que tu o descrevesse, me dissesse com é que ele é.

É alto, é moreno, é simpático, amigo. É solteiro.

Ainda te lembras como é que o conhecestes, da primeira vez?

Não. Não te lembras de nada? Não.

Então também não me sabes dizer o que é que tu achaste dele.

E lembras-te como era a tua vida antes de o conheceres?

Não...

Desde que ele está a viver com vocês ate agora, mudou alguma coisa na vossa relação?

Tem sido sempre a mesma.

E já tiveram alguma zanga, alguma vez se chatearam?

Muitas vezes.

Há assim alguma mais importante, alguma que te lembres mais?

Quando eu não quero fazer os trabalhos de casa.

O que é que ele faz?

Começa a ralar comigo.

E tu como é que resolves essa situação?

Faço os trabalhos de casa.

E gostavas de mudar alguma coisa na tua relação com ele?

Que nos déssemos melhor.

Hum. Que se dessem melhor, não se dão muito bem?

Não.

Mas tu sentes que ele gosta de ti?

Sim.

Que se preocupa contigo e com as tuas coisas?

Sim.

E tu gostas dele?

Gosto.

O que é que gostas mais nele?

... a bondade dele.

Vocês costumam conversar?

Sim.

Sobre o quê?

Sobre os relacionamentos.

Sobre as coisas dos amigos?

Sim.

E se tivesses assim algum problema, a quem é que tu contavas?

À minha mãe e ao meu pai, ao meu padrasto.

À tua mãe e ao teu padrasto. E há alguma coisa que tu não fales com o teu padrasto?

Não, eu falo de tudo com ele.

E há alguma coisa que tu gostes menos nele, que te irrite mais?

Quando ele rala mais comigo.

E como é que costumavas lidar com isso?

Não sei.

Não sabes? Ficas quieta, refilas, viras as costas, chamas a tua mãe...

Refilo também.

E como é que funcionam as coisas lá em casa, quem é que impõe as regras, os horários?

É o meu padrasto... é mais o meu padrasto do que a minha mãe.

E tu concordas com as regras e os horários?

Sim.

E cumpres?

Às vezes.

Quando tu não cumpres, o que é que acontece?

Às vezes metem-me de castigo e ralham comigo.

Lembras-te de alguma história, algum episódio que tenhas passado com o teu padrasto, alguma coisa importante.

Acho que não.

Estamos quase a terminar.

O que é que ele significa para ti, como é que tu o vês?

Como um pai.

E o que é que tu achas da palavra padrasto?

... É um segundo pai.

SUJEITO 4

Como é que tu te chamas?

L. A.

Que idade tens?

13.

E vives com quem?

Com a minha mãe, com o meu padrasto e com o meu irmão.

E que idades têm eles, sabes?

O meu irmão tem 18, o meu padrasto 44 e a minha mãe vai fazer os 40 em Junho

Acho que tem... tem 39.

Os teus pais estão separados, não é. Tu lembraste que idade tinhas quando eles se separaram?

Tinha um ano, mais ou menos.

E quantos anos tinhas quando a tua mãe se juntou novamente?

Juntou-se há uns dois anos

Tens um “padrasto”, como é que tu o tratas?

Trato-o pelo nome dele.

E quando falas dele para outras pessoas, para os teus amigos como é que tu te referes?

Digo que é meu padrasto.

Costumas passar muito tempo com a tua mãe e o teu “padrasto”?

Sim.

Como é que é o dia-a-dia com ele, quando estão juntos?

Nós os dois?

Sim, tu e o teu padrasto.

Costumamos andar a passear e essas coisas. Em casa também costumamos estar.

Eu não conheço o teu “padrasto”, será que tu o podias descrever um bocadinho, como é que ele é?

Tem cabelo curto, é mais ou menos baixinho. Tem os olhos pretos mais ou menos. Como é que eu hei-de dizer...

Assim como pessoa?

Eh... *(foi reforçado aqui, devido ao silencio, que tudo o que for dito é confidencial)* Ele até é bom padrasto mas... ele bebe... e depois disso é mau para mim para a minha mãe e para o meu irmão.

Ainda te lembras como o conheceste?

Lembro. Estava, ia ter com a minha mãe ao trabalho dela e apareceram os dois ao mesmo tempo.

O que é que achaste dele lembras-te?

Ao princípio achei que a minha mãe ia dar mais atenção a ele do que a mim e ao meu irmão, como é normal. Mas depois, agora, vi que está igual.

Então e como era a tua vida antes de conheceres o teu padrasto?

Eh... era normal. Era, era mãe e filhos, só, mais ninguém.

Então e achas que alguma coisa mudou na tua vida depois de o teres conhecido?

Acho que nada mudou, só mudou a parte da minha mãe... quer dizer. Nós não tínhamos muitas possibilidades, mas agora já temos, já temos mais possibilidades económicas, então conseguimos viver melhor, todos juntos.

Foi complicado para ti na altura em que o conheceste. Lembras-te?

Não sei. Não me lembro muito bem, já foi há algum tempo.

Tiveste ciúmes?

Alguns. Senti como se a minha mãe se fosse afastar de mim e do meu irmão, como gostava dele, né. Então como se fosse dar mais atenção a ele, foi o que eu senti.

Então e agora, como é a tua relação com ele?

Eh, às vezes quando ele bebe, nós, a minha mãe discute. Mas eu não ligo. Mas ele costuma ser... preocupa-se comigo, dá-me atenção, essas coisas todas.

Achas que mudou alguma coisa desde que o conheceste até agora, na vossa relação?

Fui mais simpatizando com ele.

E sabes porquê? Aconteceu alguma coisa?

Foi... ao conhecer a pessoa consegui perceber como é que ele era.

E vocês já tiveram assim uma zanga os dois?

Não.

Gostavas de mudar alguma coisa na tua relação com ele?

Não sei. Talvez, talvez nos darmos um bocado melhor e que ele não bebesse tanto.

Tu sentes que ele gosta de ti?

Sim.

E que ele se preocupa contigo, com as tuas coisas?

Sim.

E tu gostas dele?

Gosto.

O que mais gostas nele?

Gosto de como ele se preocupa comigo, como me dá atenção e fala comigo.

Se tivesses assim algum problema a quem é que tu contarias?

Contava à minha mãe.

Costumam conversar? Sobre o quê?

Não costumamos conversar muito.

E há alguma coisa que tu não fales com ele, mesmo?

Eu não costumo falar sobre o meu dia-a-dia, não, não falo sobre o que eu faço ou não faço. Falo mais com a minha mãe. Ela pergunta-me logo quando eu chego a casa.

Há assim alguma coisa nele que te irrite, que tu não gostes?

O álcool.

E como costumavas lidar com isso, quando ele bebe?

Não ligo. Fico no quarto. A minha mãe e ele costumam, costumam discutir, por causa disso, e eu fico no quarto, não me vou meter.

Como é que funcionam as coisas lá em casa, as regras, os horários quem é que toma conta disso?

É a minha mãe. A minha mãe é que me dá liberdade, e depois qualquer coisa eu ligo-lhe. E ela assim não se preocupa tanto comigo. Não costuma dar castigos porque eu não me porto assim tão mal, apesar de há um bocado ter partido um perfume na sala (risos). A minha mãe confia em mim e pronto.

E as regras, costumavas cumprir as regras?

Sim.

Lembras-te assim de alguma história, um episódio que se tenha passado contigo e com o teu “padrasto” que aches importante? Alguma coisa que tenham vivido os dois juntos, importante?

Não.

Estamos quase a terminar...

O que é que ela significa para ti, como é que tu o vês?

Não sei bem. Eh, não sei se o vejo como padrasto, porque se eles estão sempre a discutir, não o consigo ver como padrasto. Pronto, é como se fosse um amigo para mim.

O que é que tu achas da palavra “padrasto”?

É como se fosse um pai. Já que eu não o tive durante dez anos, e ainda não tenho. Então fico, fico à espera de um.

O que achaste da entrevista? Como é que te sentiste?

Não sei, foi, foi um desabafo.

Houve assim alguma pergunta que tenhas achado muito ou mais difícil de responder?

Foi sobre o meu padrasto, não sabia se podia responder ou não.

SUJEITO 5

És a S., e que idade é que tu tens?

13.

E vives com quem?

Com a mãe, o padrasto, com a tia e com os primos.

E que idade é que eles têm?

A minha mãe tem 42, a minha tia 45, o meu primo tem 26 e o outro acho que 20.

E tens irmãos?

Não.

Os teus pais estão separados, não é? Tu lembraste que idade tinhas quando eles se separaram?

Devia ter para aí uns 5 anos, acho eu.

E quando a tua mãe se juntou novamente, que idade é que tu tinhas?

Não... eh... não, não me lembro. Para aí uns 11.

Tens um “padrasto”, como é que tu o tratas?

Como é que eu o trato? Pelo nome dele. **Pelo nome dele, ok.**

E quando falas dele para outras pessoas, para os teus amigos, pessoas que não o conhecem, como é que tu te referes?

Trato-o pelo nome.

Pelo nome também...

Costumas passar muito tempo com a tua mãe e o teu “padrasto”?

Não muito.

E como é o tempo que passas com o teu padrasto?

É bom, é divertido. Eu gosto dele, mas não passo assim tanto tempo com ele. Porque eu fico em casa. Ele leva-nos a passear.

Então e com quem é que passas mais tempo no teu dia-a-dia, das pessoas da tua família?

.... Eu acho que é com o pai. Porque eu saio da escola e vou ter com ele. Depois à noite é que vou para minha casa.

Já me disseste que o teu padrasto é divertido. Mas gostava que me disseses mais um bocadinho como é que ele é.

... Ia... ele é... cool, eh... é tipo compreensível, é amigo. Não é mau para mim, não me trata mal, trata-me bem. E ...pronto... é assim, eu gosto dele.

Ainda te lembras como o conhecestes, como é que foi a primeira vez que estiveste com ele?

Foi na festa de anos de um colega meu. Ele era amigo dos pais dele. E acho que foi aí. Eu era pequena, começou a brincar connosco, e acho que foi aí que eu o conheci.

O que é que achaste dele lembras-te?

A mesma coisa. Ele está sempre animado, está sempre a brincar com as pessoas. Tanto com os pequenos como com os maiores. Foi isso, ele estava a brincar connosco e depois ficou nosso amigo.

E tu na altura conhecestes-o como sendo o namorado da tua mãe?

Sim, foi. **E foi difícil para ti, conhecê-lo?** À primeira foi, claro. A minha mãe não tinha namorado, mas depois habituei-me.

E como era a tua vida antes de conheceres o teu padrasto?

É como agora, era boa. Dava-me bem com a minha mãe. Ela dá-me a mesma atenção. Não me pôs de parte. É igual.

Então e o que é que achas que mudou na tua vida depois de o teres conhecido?

Não mudou nada.

Tiveste ciúmes, lembras-te como te sentiste?

Eh... tinha, tinha. Porque tinha a atenção dela só para mim, e depois pensava que ela não era só minha e ficava com ciúmes. Mas depois acabei por perceber que era melhor.

Então e agora, como é a tua relação com ele?

É boa.

E desde que o conhecestes até agora, foi mudando alguma coisa na vossa relação?

Não. Quer dizer, somos mais amigos. Estamos mais juntos. Dantes não porque não tínhamos tanta confiança e... como eu era pequena não gostava de sair com ele, mas agora saímos juntos, brincamos.

Já alguma vez tiveram assim uma zanga os dois?

Já. **E lembras-te?** Porque é que foi? **Se te lembras porque é que foi, como é que foi.** Não sei. Acho que foi porque eu estava a falar com a minha mãe uma coisa qualquer e ele chamou-me a atenção sobre uma coisa qualquer e eu respondi mal, ou uma coisa assim, e ele ficou chateado comigo.

E como é que depois resolveram o assunto?

Oh, depois ele não se quis chatear comigo (risos).

Gostavas de mudar alguma coisa na vossa relação?

Não. Está boa assim.

Tu achas que ele gosta de ti?

Acho.

E achas que ele se preocupa contigo, com as tuas coisas?

Acho.

E tu, gostas dele?

Sim, gosto.

O que mais gostas nele, qual é assim a maior qualidade que vês nele?

Ser amigo. Ser teu amigo

E vocês costumam conversar?

As vezes. **Sobre o que é que conversam?** Eu as vezes chateio-me com a minha mãe e ele fala comigo, fala com a minha mãe. Eu as vezes fico chateada com ela durante muito tempo e ele consegue com que nós façamos as pazes. E ajuda-nos nisso.

E se tivesses assim algum problema serio a quem é que contavas?

À minha mãe e ao meu pai. **E a ele, eras capaz de contar?** Não sei, talvez.

E há alguma coisa que tu não fales com ele, mesmo?

Há, sobre os namorados.

Consegues explicar porquê?

Por causa dele ser meu padrasto. Falo melhor com a minha mãe e com o meu pai. Não por mais nada de especial, é por isso mesmo. Sinto-me mais à vontade com o meu pai e com a minha mãe.

Há assim alguma coisa nela que te irrite muito, que te incomode? Qualquer coisa que tu não gostes ou gostes menos?

... Eh, ele ser convencido. Ele acha que pode fazer tudo e que... as vezes faço uma coisa mal e ele diz que não fazia assim, acertava logo à primeira.

E como costumavas lidar com isso, quando ele vem com essas coisas?

Agora não ligo, porque... se calhar não é bem assim, ele se calhar fazia igual ao que a gente fez. Ele está a dizer isso só porque... para se mostrar, e eu não ligo.

E como é que funcionam as coisas lá em casa, assim as regras, os horários quem é que toma conta disso? Quem é que impõe regras?

É a minha mãe.

E tu o que achas dessas regras?

São iguais as de antes. Eu tinha horas para me deitar, mas se quisesse ficar a ver televisão ficava, se quisesse ficar no computador ficava. Mas não podia estar assim de pé ate

muito tarde, também era pequena. Por exemplo quando saía com os meus amigos tinha de estar em casa cedo. Mas regras normais.

E concordas com essas regras?

Sim.

Lembras-te assim de alguma história, um episódio que se tenha passado contigo e com o teu “padrasto” que aches importante?

.... Não... não me lembro.

Estamos quase a terminar...

O que é que ela significa para ti, como é que tu o vês?

.... Ele é... Ele é um amigo.

O que é que tu achas da palavra “padrasto”?

Não gosto.

Porquê, consegues explicar?

Não sei, não gosto.

FIM

O que achaste da entrevista? Como é que te sentiste?

Nada... quer dizer senti (risos), não foi difícil de fazer. Respondi facilmente.

Houve assim alguma pergunta que tenhas achado muito ou mais difícil de responder?

Não. Essa da história não me lembro. Mas as perguntas não foram difíceis.

SUJEITO 6

Como é que tu te chamas?

A.

E que idade é que tu tens?

13.

E vives com quem?

Com a minha mãe, com o meu padrasto e com a minha irmã.

E que idade é que eles têm, sabes?

A minha mãe tem 42, o meu pai, eh, o meu padrasto tem 41. Não, a minha mãe tem 43, enganei-me, e a minha irmã tem... vai fazer 12. **E só tens essa irmã?** E depois tenho a filha do meu padrasto que tem 20.

Os teus pais estão separados, certo? Lembras-te que idade é que tu tinhas quando eles se separaram?

Acho que tinha 4 ou 5. Por volta dos 4 anos.

E que idade é que tu tinhas quando a tua mãe se voltou a juntar?

Eh... foi para aí... tinha 10.

Então, tens um padrasto. Como é que tu o chamas?

Paulo, o nome.

E quando falas dele às tuas amigas, às outras pessoas, como é que tu o tratas?

Se não o conhecerem digo padrasto, mas como há muita gente que o conhece, que ele trabalha aí, digo P.

Costumas passar muito tempo com a tua mãe e com o teu padrasto?

Com a minha mãe e com o meu padrasto? Algum, mas estou mais tempo com a minha irmã, eles trabalham.

E como é que é passar o dia-a-dia com ele?

É giro.

Como é que é, conta-me lá assim um bocadinho?

Ele é divertido, é giro estar com ele.

Eu não conheço o teu padrasto, queria que me disseses como é que ele é. Pode ser?

Psicologicamente?

Sim.

É divertido, é brincalhão, é simpático, é querido.

E lembras-te como é que o conhecestes, da primeira vez?

Eh... foi... uma amiga da minha mãe, é irmã dele, e então pronto, fomos conhecendo. Depois a minha mãe apresentou-mo, como amigos. E pronto, foi acontecendo.

E o que é que tu achaste dele, lembras-te?

Eu gostei logo, porque ele brincava muito connosco.

E como era a tua vida antes de conheceres o teu padrasto?

Era normal, vivia com a minha mãe e com a minha irmã.

Era igual?

Sim.

Mudou alguma coisa depois de o teres conhecido, na tua vida?

Não, acho que não.

Foi complicado para ti na altura, quando soubeste que ias ter um padrasto?

Não porque eu gostei dele.

Não tiveste ciúmes?

Não .

Como é que é a tua relação com ele agora?

É igual, é boa.

E desde que o conheceste até agora achas que mudou alguma coisa na vossa relação?

Tem sido sempre igual

Já alguma vez tiveram uma zanga os dois?

Hum, há aquelas coisinhas pequeninas, mas nada de especial.

Quando tens essas pequeninas discussões, como é que vocês costumam resolver isso?

Já esta tudo bem passado um bocado, ele é compreensivo.

Gostavas de mudar alguma coisa na vossa relação?

Não.

Sentes que ele gosta de ti?

Sim.

Que ele se preocupa contigo, com as tuas coisas?

Sim.

Tu gostas dele?

Gosto.

E o que é que mais gostas nele?

É simpático... pronto, foi o que eu disse há bocado.

Vocês costumam conversar?

De vez em quando.

E sobre que assuntos?

Converso mais com a minha mãe sobre certas coisas. Com ele depende.

Há assuntos que não fales com ele?

Alguns, há sempre alguma coisa. Mas se calhar falo diferente com a minha mãe, do que com ele. Depende das situações. Mas não sei.

E se tivesses assim algum problema a quem é que contavas?

À minha mãe e ao meu padrasto.

Há alguma coisa que tu não gostes nele que te incomode?

Não.

Não há nada que tu não gostes mesmo nele?

Não

Como é que funcionam as coisas lá em casa, as regras, os horários, quem é que manda?

Eles conversam os dois, se eu quiser ir por exemplo a algum sítio, eles conversam os dois. Só que pronto, ele é também como a minha mãe, diz “não podes fazer isto”.

E o que é que achas das regras que eles te impõem? Costumas cumprir?

Costumo.

E cumpres porque depois podes ter castigos ou porque concordas com essas regras?

Às vezes não concordo, mas cumpro porque pronto. Tem de ser.

Lembras-te assim de alguma história, um episódio que tenhas passado com o teu padrasto, que aches importante?

Assim de repente não estou a ver. Sei que há, mas assim de repente não me lembro.

Não te lembras assim de nada?

É divertido quando vamos à praia, por exemplo no sábado fomos só eu e ele à praia. E é divertido porque ele é brincalhão.

O que é que ele significa para ti, como é que tu o vês?

Um segundo pai.

E o que é que achas da palavra padrasto?

Não gosto.

Porquê? Consegues explicar?

Acho que é um bocado estranha, padrasto é muito forte. É como madrasta e assim

Porque tem conotação negativa é?

É.

A entrevista acabou mas ainda te vou fazer mais duas perguntinhas.

O que é que achaste da entrevista? O que é que tu sentiste?

Não achei nada.

Houve alguma pergunta que tenhas achado difícil de responder?

Não.

SUJEITO 7

Como é que tu te chamas?

J.

E que idade é que tens?

13

E lá em casa vives com quem?

A minha mãe, eu, o meu padrasto e o meu irmão, só que o meu irmão é só filho do meu padrasto **ai é só filho do teu padrasto** e eu sou só filha da minha mãe.

E que idade é que eles têm todos?

A minha, eu, o meu padrasto e a minha mãe têm 32 e o meu irmão tem 10.

Então e para além desse, do filho do teu padrasto tens mais irmãos?

Não, não.

Não. E que idade é que tem o teu irmão, desculpa, já disseste, 10.

Então os teus pais estão separados, lembras-te que idade é que tinhas quando eles se separaram?

Eu sei que era muito nova, eu devia ter para aí quê, uns 4 anos, por volta disso

E quantos anos tinhas quando a tua mãe se voltou a juntar?

Tinha 7

Tinhas 7. Como é que tu chamas ao teu padrasto?

Chamo-o pelo nome, F.

E quando falas dele para outras pessoas?

Digo F., e se me perguntarem quem é digo que é meu pai, porque pronto, é como se fosse, passo todos os dias com ele.

E costumavas passar muito tempo com a tua mãe e com o teu padr... com o F.?

Passamos bastante tempo, ele chega do trabalho e nós estamos sempre juntos. Depois no fim-de-semana é aquele ritual das famílias, vamos sempre passear.

E como é quando estás com o teu padrasto, como é passar os dias com ele?

Eu dou-me muito bem com ele, por acaso tive sorte, ele é cinco estrelas comigo, e, e, ajuda-me imenso. E nós vamos passear, eu tenho uma cadela e vamos muitas vezes passear com a cadela e essas coisas. Passamos algum tempo juntos.

E é bom esse tempo que passas com ele?

É, é giro.

Eu não conheço o teu padrasto, podias dizer-me como é que ele é?

Tem o cabelo castanho, olhos castanhos, é assim um bocadinho gordinho.

E como pessoa como é que ele é?

É um bocadinho orgulhoso (risos) e teimoso. É simpático e isso.

Lembras-te como é que o conheceste?

Foi um dia que a minha mãe, que ele foi lá jantar connosco e depois pronto, apercebi-me que eles se davam bem e depois quando dei por mim já estávamos todos juntos.

Já estava tudo a viver junto lá em casa?

Exacto

E o que é que tu achaste dele, lembras-te?

Foi um bocadinho estranho, porque acho que foi o primeiro relacionamento a sério depois da separação e foi um bocadinho estranho, mas depois fui-me habituando.

Mas assim, tipo, gostaste dele, não gostaste?

Gostei

E como era a tua vida antes de conheceres o teu padrasto?

Eu e a minha mãe quando ela se separou do meu pai nós agarramo-nos muito uma à outra. Depois pronto, seguimos a nossa vida, e tenho a sorte que a minha mãe e o meu pai dão-se super bem, e o meu padrasto até com o meu pai dão-se bem e... e pronto.

E foi complicado na altura em que conheceste o teu padrasto, ou quando ele se mudou lá para casa, ou quando te apercebeste que ele era namorado da tua mãe, foi complicado para ti?

Complicado... eu fiquei feliz, porque pronto, a minha mãe ter encontrado outra pessoa, mas, mas não, não, não punha na ideia que ia ter outro pai, porque pronto, tinha 7 anos, não sabia que se podia ter assim dois pais.

E o que é que mudou depois de teres conhecido o teu padrasto?

Em relação à minha mãe, nós continuámos a ficar muito juntas, muito amigas. Na minha vida não mudou praticamente nada, posso fazer tudo o que fazia antes, mas pronto, tenho, tenho, tenho-o a ele.

E tiveste ciúmes, lembras-te, na altura?

Da minha mãe com ele? Não, não, não. Isso acho que nunca foi necessário.

E como é agora a tua relação com ele?

É boa porque nós damo-nos super bem, e, e claro que às vezes, pronto, temos aqueles, aquelas, aquelas coisas que, que, que nos chateamos, mas isso é normal, faz parte. Mas damo-nos bem.

E desde que o conheceste até agora o que é que mudou na vossa relação?

Entre mim e ele? **Sim.** Não, não mudou nada. Eu sabia que se passava ali alguma coisa, e fui pondo na cabeça, que pronto, ia ter um pai, outro pai.

E já alguma vez tiveram uma zanga?

Já, mas não é assim nada, nada coiso. É por que ele é muito sensível e, e... chateamos às vezes por coisas que acontecem, pelo computador e essas coisas. Mas zanga, zanga assim a sério não.

E quando vocês se chateiam assim por causa dessas coisas do computador, essas coisas pequeninas, como é que vocês resolvem depois se terem chateado?

Oh, nós nem temos muito tempo para isso, no dia seguinte é como se não se tivesse passado nada. Ele fica completamente normal e eu também. **São coisas pequeninas quando vocês se chateiam, portanto.** Sim.

Gostavas de mudar alguma coisa na vossa relação?

Não

Sentes que ele gosta de ti?

Sim.

E tu, gostas dele?

Gosto.

Sentes que ele se preocupa contigo, com as tuas coisas?

Hum, hum (aceno positivo com a cabeça)

O que é que mais gostas nele?

Ele, ele, eu, eu sou um bocadinho mimada com ele. Porque ele pronto, é aquele género de pai que, pronto, não se chateia muito, tenta sempre levar as coisas com calma, e pronto, tenta sempre me satisfazer e esse tipo de coisas.

Vocês costumam conversar?

Sim, muito.

Sobre quê?

Falamos, pronto, da minha escola, não é. Depois, depois falamos às vezes sobre ele com a minha mãe e essas coisas.

Se tivesses algum problema a quem é que tu contavas?

Algum problema comigo mesma ou comigo e com ele?

Algum problema contigo, se tu tivesses algum problema.

Eu não sei, porque eu sou muito de esconder essas coisas, os meus sentimentos, mas se tivesse de contar contava à minha mãe.

E eras capaz de lhe contar a ele também?

Depende do problema. É como se ele fosse o meu pai, sinto-me mais à vontade com a minha mãe que é rapariga.

E há assim algum assunto que tu não fales com o teu padrasto?

Ai não gosto de falar sobre, sobre, sobre, pronto, os meus amigos (risos). Os namorados e essas coisas.

Porquê, consegues explicar?

Oh, porque é estranho. Estar a falar com o nosso pai sobre essas coisas. Depois ele é muito gozão e leva sempre as coisas para a brincadeira.

E há assim alguma coisa nele que te irrite, que te incomode, que gostes menos?

É um bocadinho rezingão. **É um bocadinho rezingão?** É.

E como é que tu costumavas lidar com isso, quando ele rezinga?

Ai, eu saio logo dali e vou logo para o meu quarto.

E como é que funcionam as coisas lá em casa, quem diz quais são as regras, os horários?

A minha mãe. **É a tua mãe?** É.

E tu concordas com essas regras e esses horários?

Depende das regras (risos).

Com quais por exemplo é que tu não concordas e com quais é que concordas?

Eh pá, aquelas em que nós temos de ajudar nas tarefas, isso não gosto muito, mas tem de ser. Mas concordo, as regras básicas, é o normal.

E se tu não cumprires as regras o que acontece?

Oh, o mais provável de acontecer é ela dizer “então não fizeste isto? Eu disse para fazeres” e essas coisas. E pronto, depois tenho de ir fazer.

E lembras-te assim de algum episódio, uma história que tenhas passado com o teu padrasto?

Lembro-me do primeiro passeio que nós demos, na aldeia dos macacos. Foi lá, pronto, eu tinha 7 anos e, e foi giro, porque foi a primeira vez que saí mais com ele e que o conheci melhor. **E gostaste?** Gostei

Estamos quase a terminar.

O que é que significa para ti o teu padrasto? Como é que tu o vês?

Como um, um pai

E o que é que achas da palavra padrasto?

Há pessoas que acham que é, pronto, que os padrastos é tipo como na, na, na branca de neve, são sempre maus, mas não. Acho que para mim a palavra padrasto não tem significado nenhum, é como se fosse pai mas não é do nosso sangue.

SUJEITO 8

Como te chamas?

M.

E que idade tens?

13

E vives com quem?

Com a minha mãe, com o meu padrasto e com os meus irmãos.

Que idades têm eles (o pai, mãe, padrasto)?

A minha mãe 40, o meu padrasto 42, os meus irmãos têm... um tem 2 e o outro 4.

Então os teus pais estão separados, tu lembraste que idade tinhas quando eles se separaram?

Tinha 2, pelo menos é o que a minha mãe me diz (risos).

E quantos anos tinhas quando a tua mãe se juntou novamente?

Foi... foi... não sei muito bem, eu tinha acabado de entrar para a escola. 6 ou 7?

Então, tens um “padrasto”, como é que tu lhe chamas?

Chamo-o pelo nome dele.

E quando falas dele para outras pessoas, para os teus amigos como é que tu te referes?

Eu digo o meu padrasto.

Costumas passar muito tempo com a tua mãe e com o teu padrasto?

Mais ou menos. **Então com quem passas mais tempo?** Com a minha irmã e com a minha prima

E como é passar o dia-a-dia com ele?

É bom, é como se fosse meu pai

Sabes, eu não conheço o teu “padrasto”, por isso gostava que me disseses como ele é?

Ele é querido e dá-me toda a atenção que eu preciso. É como um pai.

Ainda te lembras como o conhecestes, mesmo da primeira vez?

Sim, ele foi lá a minha casa e depois a minha mãe apresentou-mo.

O que é que achaste lembras-te?

Achei-o muito simpático

Então e como era a tua vida antes de conheceres o teu padrasto?

Era igual.

Então e o que é que achas que mudou na tua vida depois de o teres conhecido?

Sim, depois nasceram os meus irmãos, tive de cuidar deles.

Há-de ter sido um pouco complicado para ti na altura. Lembras-te?

Não. Eu tinha 7 anos

Tiveste ciúmes?

Não

Como é a tua relação com ele?

É como se fosse entre pai e filha

E mudou alguma coisa, desde que a tua mãe e o teu padrasto se juntaram? Mudou alguma coisa na tua vida?

Sim. Depois nasceram os meus irmãos. Tive de cuidar deles.

E mudou alguma coisa na relação com o teu padrasto ao longo do tempo?

Não.

Gostavas de mudar alguma coisa na vossa relação?

Não

Já alguma vez tiveram assim uma zanga os dois? Lembras-te como foi?

Claro que já. **E podes contar-me como foi?** Oh, não me estou a lembrar assim... assim de nenhuma específica.

E como é que costumam resolver quando se zangam?

Depende. Umas vezes conversamos, outras vezes passa passado um bocado.

Tu sentes que ele gosta de ti?

Oh, claro!

E tu? Gostas dele?

Sim

E sentes que ele se preocupa contigo, com as tuas coisas?

Sim

Costumam conversar?

Sim, entre a família toda.

E sobre que é que vocês costumam conversar?

Às vezes é como está a correr a escola.

O que mais gostas nele?

Da maneira de ser dele. **Como assim?** É simpático, é querido. Está sempre a brincar.

Se tivesses um problema a quem é que tu contavas?

À minha mãe.

E a ele?

Não.

Não? E porquê, sabes me dizer?

Porque ainda não me sinto... não sei, não consigo, é mesmo só à minha mãe.

E há alguma coisa que tu não fales com ele, mesmo?

Há, dos namorados.

Porquê? Consegues explicar?

Não sei, não me sinto muito à vontade.

Há assim alguma coisa nele que te irrite/incomode muito?

Ele às vezes é muito chato. **É, porquê?** Porque está sempre a ralar, porque eu às vezes faço coisas erradas e depois ele ralha-me.

Então, e como costumavas lidar com isso?

Depois eu, eu peço-lhe desculpa.

Como é que funcionam as coisas lá em casa, assim as regras, os horários quem é que toma conta disso?

Lá nós temos que... quando a minha mãe me pede alguma coisa eu tenho que fazer.

E tu costumavas cumprir essas regras?

Às vezes (risos) **porque?** Porque sou preguiçosa

Lembras-te assim de alguma história, um episódio que se tenha passado contigo e com o teu “padrasto” que aches importante?

Foi mesmo no dia em que eu o conheci.

Porquê?

Então, por conhecê-lo.

Estamos quase a terminar...

O que é que ela significa para ti, como é que tu o vês?

É como um pai

O que é que tu achas da palavra “padrasto”?

Acho que, às vezes quando eles dizem que quando é padrasto é uma pessoa má, e eu não acho isso.

FIM

O que achaste da entrevista? Como é que te sentiste?

(...) Uma coisa normal

Houve assim alguma pergunta que tenhas achado muito ou mais difícil de responder?

Não.

SUJEITO 9

Como te chamas?

V. S. R.

E que idade tens?

Tenho 13

Vives com quem?

Vivo com o meu padrasto, com a minha mãe e com o meu irmão.

Que idades têm eles?

O meu padrasto é mais velho tem 45, a minha mãe tem 36, o meu irmão tem 16 anos.

Só tens esse irmão?

Sim... Não, entrou uma nova irmã agora recente. **Pela parte do teu pai?** Não, da minha mãe. Ela tinha uma irmã... Eu tinha uma irmã que eu não conhecia, conheci há pouco tempo.

Que idade é que ela tem, sabes? Não propriamente, eu sei que ela é mais nova que eu.

Então os teus pais estão separados, tu lembras-te que idade tinhas quando eles se separaram?

Era muito nova, para aí 3 anos

E quantos anos tinhas quando a tua mãe se juntou novamente?

Tinha 8

Então, tens um “padrasto”, como é que tu lhe chamas?

Eu chamo pai. Como eu já estou acostumada com ele desde que vim para cá comecei a chamar de pai.

E quando falas dele para outras pessoas, para os teus amigos como é que tu o tratas?

Eu tento tratar bem porque ele também me trata. **O que eu quero dizer é como te referes quando falas dele às tuas amigas, por exemplo.** É meu pai

E diz-me, costumavas passar muito tempo com o teu padrasto e com a tua mãe?

Mais com o meu irmão.

E como é passar o dia-a-dia com ele?

É diferente (risos) é diferente porque, sei lá, ele não é muito agitado, portanto ele é mais calmo. É meio diferente passar o dia com ele. **O que é que vocês fazem?** A gente costumamos assim, como gosto muito de ir ao fórum passear, a gente começamos a ver lojas, entramos e vestimos, começamos a ver cinema. Gosta de ler, gosta de ouvir música, assim coisas diferentes. Aprender novas coisas.

Sabes, eu não conheço o teu “padrasto”, por isso gostava que me disseses como ele é?

(...) Como eu disse ele é muito calmo e também, ao mesmo tempo quando começa assim, quando faço uma coisa que não gosta começa a refilar mas não passa disso. Não sei...

Ainda te lembras como o conhecestes, a primeira vez que o conhecestes, lembras-te?

Lembro, estávamos na praça, a minha mãe também conheceu ele nesse dia. Estávamos lá a jo... eu estava a jogar a bola com o meu irmão e ele foi lá, apanhou a bola e depois começou a conversar e pronto.

O que é que achaste lembras-te?

Não.

Então e como era a tua vida antes de conheceres o teu padrasto, consegues lembrar-te?

Era... era como era lá no Brasil, só tinha aula de manhã. Eu à tarde ficava com os meus tios, porque a minha mãe trabalhava. Depois às vezes eu ia... o meu irmão ficava comigo, o meu irmão morava na casa do meu avô. Como a minha mãe só conseguiu ficar comigo, tinha vezes em que eu saía com a minha mãe, como a minha mãe era muito nova, gostava de sair.

Então e o que é que achas que mudou na tua vida depois de o teres conhecido?

Eu acho que a minha mãe mudou, ela passou a ser mais calma. A minha vida também passou a ser mais calma. Eu parei de mudar de escola, eu costumava mudar muito de escolas (...) sei lá (...) o meu pai agora... antes eu tinha mais liberdade, acho eu, porque eu conseguia sair mais, agora já não, o meu padrasto já não me deixa. É isso.

Foi complicado na altura em que conhecestes o teu padrasto? Lembras-te?

Não, não foi.

Não tiveste ciúmes?

Não.

Então e agora, como é a tua relação com ele?

A minha relação com ele, diria-se que é boa. Temos uma certa amizade.

E desde que o conheceste até agora achas que mudou alguma coisa na vossa relação?

Sim, antes eu era mais apegada com a minha mãe, agora já estou mais apegada a ele.

Já alguma vez tiveram assim uma zanga os dois? Lembras-te como foi?

Acho que não. **Não?** Não.

Gostavas de mudar alguma coisa na vossa relação?

Mudar? Talvez ele deixar de ser assim, um bocado mandão, é essa parte.

Tu sentes que ele gosta de ti?

Sim

Sentes que ele se preocupa contigo, com as tuas coisas?

É, também.

E tu? Gostas dele?

Gosto, muito.

O que mais gostas nele?

Sei lá também. Talvez que ele transmite paz, calma e (...)

Costumam conversar?

Não muito.

E o pouco que conversam, conversam sobre o quê?

Como ele gosta muito de desporto, começamos a conversar sobre isso, mas não falamos muito assim da escola, como vai, dessas coisas.

Se tivesses assim algum problema eras capaz de lhe contar?

Não sei.

E a quem contarias se tivesses algum problema?

Muito grande talvez ao... à minha mãe ou ao meu irmão, como eu sou mais apegada no meu irmão era mais o meu irmão.

E há alguma coisa que tu não fales com ele, mesmo?

(...) Hum... não, não sei, acho que não. Eu tento falar assim o máximo mas assim, tem vezes em que tem assim discussões aqui na escola eu prefiro não falar.

É? Porque, consegues explicar?

Porque ele vai fazer com que eu não faça isso, com que eu pense e eu prefiro ser assim.

Há assim alguma coisa nela que te tu não gostes, que te irrite? Qualquer coisa que tu não gostes ou gostes menos?

(...) Não sei.

Não há assim nada que tu não gostes?

Acho que eu já disse, acho que ele é muito mandão.

E quando ele é assim mandão como é que lidas com isso?

Eu tento fugir, começo a ir para o quarto, fico lá calada. Depois eu passo, ele vem ter comigo e pede desculpa.

Como é que funcionam as coisas lá em casa, assim as regras, os horários quem é que toma conta disso?

É o meu pai... é o meu padrasto. As vezes a gente tem de estar as 7h30 em casa e que, pronto, como eu tenho uma cadela tenho sempre que levar ela para passear e isso não posso esquecer e que tenho uma hora para aí para ficar na internet, não pode ficar muito tempo. Tem de estar sempre pontual na hora do jantar. É essas coisas.

E tu o que achas dessas regras? Costumas cumprir, não cumpres?

Às vezes, a parte da internet eu não cumpro, tirando essa eu ate cumpro.

Lembras-te assim de alguma história, um episódio que se tenha passado contigo e com o teu “padrasto” que aches importante?

Não porque... como eu vim para cá... Ele veio para cá primeiro, e antes ele trabalhava nos estados unidos, portanto eu não tinha assim muito tempo com ele. Ele vinha passar as férias que era de mês e meio, mês sim mês não, então não lembro.

Estamos quase a terminar...

O que é que ela significa para ti, como é que tu o vês?

Eu acho que ele significa muito porque (...) por causa da minha mãe, ele fez mudar a minha mãe, fez mudar-me a mim e também como ele veio para cá, aproximei-me mais do meu irmão, como ele vivia com o meu avô. Conheci a minha irmã mais nova agora. Ainda não conheci a família da parte dele, mas ele começa às vezes a falar que tinha muitas aventuras antes, que ia a muitas viagens com o pai e nunca discutiam, e eu começo às vezes para mim a rir e a minha mãe também. É histórias assim.

O que é que tu achas da palavra “padrasto”?

Eu acho que significa o mesmo que pai, desde que cuide e isso tudo, é o mesmo.

FIM

O que achaste da entrevista? Como é que te sentiste?

Eu acho que deu para falar um bocado sobre eu e ele, sobre o meu padrasto e graças a isso eu pude conhecer, saber que gosto muito do meu padrasto.

Houve assim alguma pergunta que tenhas achado muito ou mais difícil de responder?

Me lembrar do meu padrasto antes, quando eu conheci ele, é um bocado complicado, eu sou um bocadinho má de memória.